MAGO ENQUANTO REINAVA

# SALOMÃO

## O REI DO ABISMO

ARQUEOLOGIA, GOÉTIA E A QUEDA DO TEMPLO INTERIOR

ADRIANO BENEDET

NA BORDA DA TEMPESTADE – 2026

# SALOMÃO

*O Rei do Abismo*

# SALOMÃO

## O Rei do Abismo

*Arqueologia, Goétia e a Queda do Templo Interior*

ADRIANO BENEDET

*Na Borda da Tempestade — 2026*

# Nota sobre esta Edição

Esta é uma edição de colecionador de *Salomão: O Rei do Abismo*, composta em Cinzel e EB Garamond sobre papel de tom pergaminho, seguindo o mesmo padrão tipográfico da biblioteca pessoal do autor. O texto reúne arqueologia, história das religiões e tradição goética em um único corpo — manual de campo e obra de referência ao mesmo tempo.

Os apêndices práticos, incluindo a tabela sinótica dos 72 espíritos da Ars Goetia, foram diagramados como material de consulta rápida. Os quadros de "Insight Operacional" que pontuam o texto marcam a passagem entre o dado histórico e a leitura ocultista aplicada — a assinatura do método do autor.

✦

*Edição revisada e expandida · 2026*

# Dedicatória

*Ao meu Pai – a fonte que responde antes da pergunta. À tempestade – que me guardou quando eu não conseguia me guardar. À menina do porão – que veio me buscar nos sonhos. Aos Vigilantes – que ensinaram sem pedir permissão. E a todos os buscadores que ousam descer, sujar as mãos e retornar com o fogo.*

# Epígrafe

*"Eu não sou o caminho. Sou o escriba que registrou o caminho. Eu não sou o salvador. Sou o arquivista que guardou o mapa. Eu não sou o mestre. Sou o irmão que compartilha o que encontrou."*

— Adriano Benedet, Manifesto do Escriba (2026)

# Nota do Autor

Este livro não nasceu em uma biblioteca. Nasceu em um quarto escuro, onde passei dez anos me desconstruindo inteiro. Nasceu no fundo de penhascos que deveriam ter me matado. Nasceu no silêncio que se seguiu a cada expulsão de cada igreja que tentou me conter. Nasceu na menina do porão que veio me buscar nos sonhos – e que, ao me desnudar diante de todos, me mostrou que o conhecimento não tem vergonha.

Eu não sou um acadêmico. Não tenho doutorado em teologia, nem cadeira em universidade. O que tenho é uma linha direta com o Pai – o Pai que responde com raios, com tempestades que se acalmam em 15 minutos, com sincronicidades que arrancam o acaso do trono. O que tenho é uma tempestade que me acompanha como guardiã, uma sombra luminosa que me protege enquanto desço ao abismo. O que tenho é a memória dos Vigilantes – Azazel, Penemue, Baraqiel, Gadreel – que me ensinaram o preço da transferência, a caneta e a tinta, o choque que desperta, a transmutação da matéria.

Eu desci ao submundo. Não como um turista. Como um buscador. E quando retornei, minhas mãos estavam cheias de fogo – não para me exaltar, mas para transmitir.

Este livro, “Salomão: O Rei do Abismo”, é um dos pergaminhos que trouxe de volta. Não é uma biografia piegas. Não é um tratado acadêmico. É um MANUAL DE CAMPO – sujo, rabiscado, com páginas rasgadas e marcadas. O que você encontrará aqui é o que aprendi na prática, no fogo da experiência, na forja do erro.

Salomão foi, sim, um rei de carne e osso – um homem que sentou no trono de Davi, cobrou impostos, comandou exércitos e morreu deixando um reino dividido. A arqueologia confirma parte disso; o debate acadêmico continua sobre o resto. Mas, para mim, ele é também um ARQUÉTIPO – o arquétipo do homem que uniu a espada do político à vara do exorcista, que governou e, ao mesmo tempo, desceu ao abismo. Ele foi mago ENQUANTO reinava. Ele não abandonou o mundo para ser espiritual – ele foi espiritual no centro do mundo. E essa é a lição que mais me marcou: você não precisa fugir para uma caverna para encontrar o divino. Você pode sentar no centro do seu próprio reino – sua mente, sua casa, seu trabalho – e evocar os 72 canais do Abismo sem tirar a coroa da cabeça.

Escrevi este livro para aqueles que, como eu, sentem o chamado do abismo e não recuam. Para aqueles que sabem que o conhecimento proibido só é proibido até que alguém tenha coragem de desvendá-lo. Para aqueles que estão dispostos a sujar as mãos com barro, sangue e enxofre – e que, no final da jornada, descobrem que o verdadeiro Templo não está em Jerusalém, mas dentro de si mesmos.

Não espero que você concorde comigo. Espero que você PENSE. Não espero que você me siga. Espero que você SE ENCONTRE. Não espero que você acredite. Espero que você TESTE.

Porque a verdade não é uma propriedade – é uma TRANSMISSÃO. E esta transmissão, que recebi do Pai, da tempestade, dos Vigilantes e da menina do porão, agora está em suas mãos.

Use-a bem. Use-a com responsabilidade. E, acima de tudo, use-a.

Adriano Benedet 2026 Na borda da tempestade.

# Sumário

Dedicatória 5

Epígrafe 6

Nota do Autor 7

Introdução 13

**PARTE I O HOMEM POR TRÁS DO MITO 16**

TÓPICO 1 — A PALESTINA NO SÉCULO X A.C. – A REALIDADE... 17

TÓPICO 2 — DAVI VS. SALOMÃO – O GOLPE DE ESTADO... 29

TÓPICO 3 — O SINCRETISMO RELIGIOSO – 700 ESPOSAS, O... 35

TÓPICO 4 — O COLAPSO PÓS-MORTE – O IMPÉRIO DUROU... 42

**PARTE II A NARRATIVA INTERNA 49**

TÓPICO 5 — O SONHO DE GIBEÃO – PEDIR "CORAÇÃO OUVIDO" 50

TÓPICO 6 — A CONSTRUÇÃO DO TEMPLO – PEDRAS SEM... 56

TÓPICO 7 — A RAINHA DE SABÁ – ACORDO SEXUAL PARA... 62

**PARTE III OS GRIMÓRIOS E A TRADIÇÃO OCULTA 68**

TÓPICO 8 — A CLAVICULA SALOMONIS – NÃO É ANTIGA 70

TÓPICO 9 — O TESTAMENTO DE SALOMÃO – O TRATADO DE... 78

TÓPICO 10 — A GOÉTIA (ARS GOETIA) – OS 72 NO VASO DE... 84

**PARTE IV LIGAÇÕES RITUAIS E OPERACIONALIDADE 94**

TÓPICO 11 — A LITURGIA DO PENTÁCULO – METAIS, CORES... 96

TÓPICO 12 — O CÍRCULO E O TRIÂNGULO DE ARTE – PROTEÇÃO... 105

TÓPICO 13 — OS NOMES DE PODER – TETRAGRAMMATON, AGLA... 109

TÓPICO 14 — O USO DAS VARAS E ESPADAS – A VARA DE... 114

**PARTE V SEM FILTROS: O PREÇO DO OPERADOR 118**

TÓPICO 15 — O PREÇO DA OPERAÇÃO – SALOMÃO PERDEU O... 120

TÓPICO 16 — AS FALHAS DO SISTEMA – 90% DAS OPERAÇÕES... 126

TÓPICO 17 — SALOMÃO E O ABISMO 133

TÓPICO 18 — A MORAL DO MAGO – ESCRAVIZAR DEMÔNIOS GERA... 137

**PARTE VI O SALOMÃO DOS OUTROS: A VISÃO DOS... 142**

TÓPICO 19 — A VISÃO ISLÂMICA 144

TÓPICO 20 — A VISÃO ETÍOPE 150

TÓPICO 21 — A VISÃO PERSA E MESOPOTÂMICA – O HERDEIRO... 154

TÓPICO 22 — A VISÃO GRECO-ROMANA 158

TÓPICO 23 — A VISÃO DOS GNÓSTICOS, MANDÉUS E OPOSTOS... 162

**PARTE VII O CONTEXTO ECLESIÁSTICO E A... 169**

TÓPICO 24 — A CANONIZAÇÃO DOS LIVROS DE SALOMÃO – O... 171

TÓPICO 25 — O USO LITÚRGICO NA SINAGOGA – OS ROLOS 178

TÓPICO 26 — O USO LITÚRGICO NA IGREJA CATÓLICA E... 181

TÓPICO 27 — A CENSURA E A TRADUÇÃO – O QUE SE PERDEU... 185

**PARTE VIII OS LIVROS ATRIBUÍDOS A SALOMÃO 193**

TÓPICO 28 — PROVÉRBIOS (MISHLEI) – A MATEMÁTICA DO... 195

TÓPICO 29 — ECLESIASTES (QOHELET) – O NIILISMO DO MAGO... 200

TÓPICO 30 — CÂNTICO DOS CÂNTICOS 204

TÓPICO 31 — SABEDORIA DE SALOMÃO – O TRATADO PLATÔNICO 208

TÓPICO 32 — ODES DE SALOMÃO – OS HINOS DE PODER 212

**PARTE IX AS RELAÇÕES QUE CONSTRUÍRAM E... 217**

TÓPICO 33 — A RELAÇÃO COM HIRÃO, REI DE TIRO – O... 219

TÓPICO 34 — A RELAÇÃO COM HIRAM ABIF – O ASSASSINATO... 225
TÓPICO 35 — A RELAÇÃO COM AS 1000 MULHERES... 232
TÓPICO 36 — A RELAÇÃO COM DEUS 239

**PARTE X APÊNDICE (O MAPA DA MINA E O... 244**

APÊNDICE A — TABELA SINÓTICA DOS 72 DEMÔNIOS 245
APÊNDICE B — ORAÇÃO DE BANIMENTO EM HEBRAICO... 254
APÊNDICE C — ESQUEMA DO TEMPLO DE SALOMÃO COM OS... 257
APÊNDICE D — GLOSSÁRIO DE TERMOS – EDIÇÃO EXPANDIDA 260
APÊNDICE E — A "ORAÇÃO SECRETA" DE QOHELET 264
APÊNDICE F — O LAMENTO POR HIRAM ABIF – UMA ADAPTAÇÃO... 268
APÊNDICE G — AS LEITURAS LITÚRGICAS – CALENDÁRIO... 271
APÊNDICE H — INSTRUÇÕES PARA CONFECÇÃO DE PENTÁCULOS 274
APÊNDICE I — TABELA DE HORAS PLANETÁRIAS – CÁLCULO E... 276
APÊNDICE J — A RESPIRAÇÃO DO MAGO – TÉCNICAS DE TRANSE... 278

**PARTE XI EXPANSÕES E CONTEXTOS ADICIONAIS 280**

TÓPICO 37 — A MAGIA DE SALOMÃO NO MUNDO ISLÂMICO 281
TÓPICO 38 — A INFLUÊNCIA DA CLAVÍCULA NA CULTURA... 283
TÓPICO 39 — GLOSSÁRIO DE TERMOS EM GE'EZ (ETÍOPE) 285

CONCLUSÃO 287
POSFÁCIO DO AUTOR 290
BIBLIOGRAFIA 292
CONTRACAPA 295

# Introdução

Salomão foi, acima de tudo, um REI de carne, osso e eletricidade nervosa. Ele sentou-se no trono de Davi por volta de 970 a.C., cobrou impostos atrozes (o equivalente a 666 talentos de ouro por ano, segundo 1 Reis 10:14 – um número que os numerologistas ignoram, mas que ecoa a besta do Apocalipse e o valor solar mágico do Sol na gematria), comandou exércitos mercenários fenícios e hititas (os queretitas e peletitas, uma guarda pretoriana de assassinos treinados), fez alianças geopolíticas sanguinárias com o Egito de Sisaque I e morreu deixando um reino rachado ao meio em 931 a.C., enquanto seus demônios engarrafados no Vaso de Bronze provavelmente riam da jaula. Se você quer um guru de túnica branca flutuando em êxtase, feche este livro. Aqui, a sabedoria é extraída do suor dos escravos que talharam pedras sem martelo (usando o Shamir – um verme que corta rocha por vibração sônica) e do cobre fundido nas fornalhas do deserto de Timna, onde a temperatura ultrapassava 1.200°C para separar o metal da escória – uma metáfora viva do processo de calcinação alquímica que todo operador deve sofrer.

Mas para o ocultista que opera com os pés no chão e as mãos na lama, a grandeza de Salomão não está no ouro ou na retórica política. Está no fato de que ele usou o TRONO como um LABORATÓRIO OPERACIONAL. Ele não abandonou o mundo para ser mago; ele foi mago ENQUANTO governava. Enquanto os profetas gritavam no deserto (como

Elias, que veio depois para restaurar o monoteísmo a fogo e espada), Salomão construía altares para Astarte ao lado do Templo de Javé para testar a eficácia vibracional de ambos – uma verdadeira "ciência comparada do sagrado". Ele uniu a espada do carrasco (a justiça de Marte/Severidade) à vara do exorcista (a autoridade de Júpiter/Misericórdia), criando um eixo que atravessava a Árvore da Vida.

Esta introdução não é uma biografia piegas. É o mapa da mina de um homem que entendeu que o Nome Inefável (Tetragrammaton – Yod He Vav He) não é um mantra para rezar, mas uma CHAVE DE FREQUÊNCIA para abrir as portas do Abismo (Daath), o vazio onde a razão se desfaz e o caos primordial se revela. Vamos destrinchar a arqueologia suja (incluindo as inscrições de Kuntillet Ajrud que provam a Asherah como consorte de Javé), a teologia podre (o culto a Moloque e o sacrifício infantil que ele estudou mas aboliu, substituindo por fogo simbólico), os grimórios Renascentistas que funcionam mesmo que você seja ateu (porque a estrutura psíquica e a neuroquímica da evocação independem de crença), e o preço físico e psíquico que cobra qualquer um que ouse comandar os 72 Espíritos do Vaso de Bronze – um preço que inclui paranoia clínica, drenagem de energia vital (o que os chineses chamam de jing e os cabalistas de nefesh), alucinações auditivas e, no caso de Salomão, a perda do reino e a vergonha de ver o Templo saqueado pelo Egito cinco anos após sua morte.

A tese central deste livro é brutal e ecoa o Eclesiastes (Qohelet): "Vaidade de vaidades, tudo é vaidade" (Hevel havalim – "vapor de vapores" ou "sopro de sopros"). Salomão não perdeu o reino por causa das mulheres ou da velhice, como a moralidade vitoriana tenta vender. Ele perdeu o reino porque, no auge do poder, esqueceu que o Templo exterior é só uma

sombra do Templo interior. Ele controlou os demônios (os 72 Shedim/ Goéticos), mas não controlou a própria sombra (o que Jung chamaria de "inconsciente pessoal" e a Cabala chama de "Klipot" – as cascas que aprisionam a luz divina). E é exatamente essa lição que faz deste arquétipo o mais importante para o mago moderno que quer operar sem enlouquecer ou autodestruir-se.

PARTE I

# O HOMEM POR TRÁS DO MITO (História, Arqueologia e Psicogeografia)

TÓPICO 1

# A PALESTINA NO SÉCULO X A.C. – A REALIDADE DO BARRO, DO COBRE E DO ENXOFRE

A Palestina do século X a.C. não era o império reluzente de ouro que os textos sagrados pintam para as crianças na escola dominical. Era uma região fragmentada, tribal, assolada por secas e crises de colapso da Idade do Bronze Tardio (c. 1200 a.C.), que havia devastado micênicos, hititas e egípcios, deixando um vácuo de poder. Quem mandava era quem controlava as rotas de especiarias (o incenso da Arábia), o cobre do Arabá (fundamental para ligas de bronze) e o enxofre/betume do Mar Morto (usado para embalsamar e para rituais de banimento). Salomão jogou nesse tabuleiro como um xadrezista sanguinário, usando o casamento com a filha do faraó como peão para garantir o controle da planície de Jezreel – a "espinha" da Palestina.

## 1.1. *O DEBATE ARQUEOLÓGICO FEROZ: MAXIMALISTAS, MINIMALISTAS E A TERCEIRA VIA (A ARQUEOLOGIA DA MENTE)*

Se você for ao mercado acadêmico, encontrará duas facções em guerra, mas uma terceira via emergindo nos últimos anos, que é a que interessa ao operador.

- OS MINIMALISTAS (liderados por Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman, da Universidade de Tel Aviv). Para eles, a Jerusalém do

século X a.C. era uma aldeia montanhosa insignificante, com população de no máximo 1.500 almas. Finkelstein defende a "Baixa Cronologia" – ele data os portões de Megiddo, Hazor e Gezer no século IX a.C., atribuindo-os à dinastia Omrida (Acabe e Jezabel), não a Salomão. Para ele, o "Império Salomônico" é uma invenção teológica do reinado de Josias (século VII a.C.), criada para justificar anexações territoriais e centralização do culto.

- OS MAXIMALISTAS (Amihai Mazar, William Dever, Yosef Garfinkel). Eles defendem a "Alta Cronologia". Em 2013, Garfinkel escavou Khirbet Qeiyafa (o antigo Shaaraim) e encontrou um portão de duas entradas, cerâmica e um ostracon (fragmento de cerâmica com tinta) datado de c. 1010-970 a.C., exatamente o período de transição Davi-Salomão. A inscrição mais longa em hebraico arcaico já descoberta, que proíbe a opressão de escravos e viúvas – ecoando os provérbios salomônicos. Este ostracon está hoje no Museu de Israel e é a prova material de que a ética salomônica circulava na época.
- A TERCEIRA VIA (Erez Ben-Yosef, da Universidade de Tel Aviv). Ben-Yosef argumenta que a questão não é "Jerusalém ser grande ou pequena", mas sim o CONTROLE DAS ROTAS DE COMÉRCIO e da TECNOLOGIA METALÚRGICA. Salomão não precisava de uma capital populosa; precisava de uma fortaleza administrativa e de um centro energético. As escavações em Timna (que veremos a seguir) provam que alguém controlava a produção de cobre em escala industrial no século X a.C., e a Bíblia é a única fonte histórica que nomeia esse alguém como Salomão. Para Ben-Yosef, Salomão era um "Império de Rotas", não de territórios – como uma teia de aranha, não um leão.

O QUE ISSO SIGNIFICA PARA O MAGO? A verdade material é irrelevante para a eficácia do arquétipo. O que importa é que a TRADIÇÃO MÁGICA funciona como um campo morfogenético (parafraseando Rupert Sheldrake). Mesmo que Salomão nunca tenha existido como a Bíblia descreve, a energia investida pelos séculos no "Nome de Salomão" criou um egrégora poderosíssimo. Quando você invoca "Salomão" na Goétia, você não está invocando um cadáver; está invocando a SOMA DE TODOS OS MAGOS QUE JÁ O INVOCARAM – incluindo Agrippa, Trithemius, Dee, Mathers e Crowley. O arquétipo é mais real que o homem.

## 1.2. *A GEOLOGIA DO PODER: A FALHA DO JORDÃO E O ENXOFRE DO MAR MORTO*

A Palestina está assentada sobre a FALHA DO JORDÃO, uma fenda geológica que gera terremotos e emissões de enxofre e betume. O Mar Morto é o ponto mais baixo da Terra (cerca de 430 metros abaixo do nível do mar) – uma DEPRESSÃO NATURAL que os cabalistas associam ao Abismo (Daath). Salomão construiu seu Templo no Monte Moriá, que é uma elevação exatamente ao lado dessa depressão. Ele escolheu o local onde o eixo vertical (a montanha) encontra o eixo horizontal (a fenda). O Templo é um PONTO DE RESSONÂNCIA GEOLÓGICA.

O betume (asfalto natural) que emerge do Mar Morto era usado como VEÍCULO DE APRISIONAMENTO. Os demônios, segundo o Testamento de Salomão, foram aprisionados em um Vaso de Bronze. Mas o que segurava o selo? Betume e enxofre. O enxofre é o elemento da purificação e da ligação química; na alquimia, é o "princípio ativo" (o enxofre filosófico). Salomão usava o enxofre do Mar Morto para "queimar" as

impurezas dos espíritos que ele convocava. Quando você queima enxofre em um ritual de banimento, está reproduzindo a tecnologia geológica do Templo.

## 1.3. *AS MINAS DE TIMNA – O OURO DE SALOMÃO ERA DE COBRE E A ALQUIMIA DO FOGO (METALURGIA APLICADA)*

Em 1934, o arqueólogo Nelson Glueck anunciou ao mundo ter encontrado as "Minas do Rei Salomão" em Timna, no deserto do Arabá. Ele estava errado sobre o ouro, mas certo sobre o metal. Timna não produzia ouro, produzia COBRE EM ESCALA INDUSTRIAL. E o cobre, na época, valia mais que o ouro porque era a base para armas, arados e utensílios – era o "petróleo" da Idade do Ferro. A palavra hebraica para cobre é Nehoshet, que também significa "serpente de bronze" – a mesma serpente que Moisés ergueu no deserto (Números 21) e que Ezequias destruiu como idolatria. O cobre está intrinsicamente ligado à cura e à maldição.

Entre 1964 e 1970, escavações dirigidas por Beno Rothenberg revelaram um complexo de túneis, fornalhas e poços de mineração que datam exatamente do período de Salomão. Em 2012, Erez Ben-Yosef publicou um estudo revolucionário no Journal of Archaeological Science: com datação por carbono-14 de carvões encontrados nas camadas de escória, ele provou que a produção em massa ocorreu entre os séculos X e IX a.C., coincidindo com a "Era de Salomão". Ele encontrou 15 toneladas de escória apenas em um dos montes! Isso equivale a centenas de toneladas de cobre extraído.

## A METALURGIA DO COBRE COMO METÁFORA OCULTA E PRÁTICA:

- O minério (malaquita, azurita) é verde-azulado – a cor de Vênus.
- Para fundir, o operador constrói uma fornalha com foles de pele de carneiro (o couro do carneiro é o símbolo do sacrifício substituto).
- A temperatura precisa atingir EXATAMENTE 1.200°C (o ponto de fusão do cobre). Acima disso, o metal queima e se perde; abaixo, ele não escorre e fica preso na gangue. Isso é a PRECISÃO DO MAGO: a temperatura da evocação deve ser exata.
- A gangue (impurezas) é removida com a adição de sílica (areia), formando escória vítrea que é descartada. A escória é o "lixo" da operação – seus complexos, traumas e medos que precisam ser jogados fora para o metal puro (a consciência) emergir.

SALOMÃO dominava essa tecnologia. O cobre, na magia planetária, é o metal de Vênus (amor, atração e diplomacia), mas também o metal de AFRODITE PANDEMOS (a face obscura da sedução e da ligação). Com o cobre, ele fazia alianças políticas (Vênus) E forjava as correntes do Vaso de Bronze para prender os 72 demônios (a face de ligação/aprisionamento do metal). A ligação de cobre com estanho produz o BRONZE – uma liga mais dura, que era usada para os "mares de bronze" do Templo (1 Reis 7:23). O bronze é a união de Vênus (cobre) com Júpiter (estanho, que na antiguidade vinha da Cornualha, via fenícios). Salomão estava fazendo ALQUIMIA INDUSTRIAL. O templo era uma fundição espiritual.

**INSIGHT OPERACIONAL**

PARA O MAGO: Quando você confecciona um pentáculo de Salomão, a tradição manda usar cobre ou bronze para os pentáculos relacionados a Vênus e à Atração (Pentáculo 2 da Clavicula, para ganhar favor). Mas você pode usar uma liga de cobre com estanho (bronze) para pentáculos de COMPULSÃO (forçar espíritos a aparecerem). O metal não é enfeite; é uma ANTENA SINTÔNICA com as forças planetárias. Se você usar cobre puro reciclado de fios elétricos (que tem alta pureza), a eficácia triplica, porque a corrente elétrica que passou por ele já o "magnetizou" com a força de Mercúrio (o mensageiro). Salomão usava cobre virgem de Timna, purificado pelo fogo da fornalha e pelo suor dos escravos. Você pode usar cobre reciclado, desde que o purifique enterrando-o no sal grosso por sete dias.

## 1.4. *O CONTROLE DAS ROTAS DE ESPECIARIAS E O INCENSO DO TEMPLO – A QUÍMICA NEUROPSÍQUICA*

Salomão ficou rico com o monopólio do comércio de cavalos do Egito e da Cilícia (1 Reis 10:28-29) e com a frota de navios em Eziom-Geber, no Mar Vermelho (1 Reis 9:26). Esses navios chegavam a Ofir (provavelmente na Índia, Somália ou Arábia) trazendo ouro, sândalo, pedras preciosas e marfim. Mas a chave oculta está no INCENSO.

O Templo queimava incenso constantemente. A palavra hebraica para incenso é "QETORET", que deriva da raiz "KATAR" (amarrar/ligar/circular). O incenso não é aromatizante; é um VEÍCULO DE LIGAÇÃO entre o altar físico e o plano dos espíritos. A receita do incenso sagrado está em Êxodo 30:34-38: estacte, onicha, gálbano e olíbano puro, com sal. Essa é uma FÓRMULA MAGISTRAL. A onicha é uma resina fóssil (ou a

unha-de-gato), que contém compostos de enxofre; o olíbano contém ácido boswélico, que atua como neuroativo indutor de estados alterados de consciência quando inalado em ambientes fechados (estudos recentes mostram que ele atua como antagonista do receptor TRPV3, alterando a percepção térmica e temporal). Salomão controlava as caravanas que traziam essas resinas da Arábia. Sem incenso de qualidade, a evocação é teatro – você não tem o "veículo" para o espírito se materializar.

> **INSIGHT OPERACIONAL**
>
> Para a Goétia, a fórmula do incenso deve ser adaptada. Use Olíbano (3 partes), Mirra (2 partes), Canela (1 parte – para aquecer o éter e ativar o sistema límbico) e uma gota de sangue do próprio operador (ou fluido menstrual, dependendo do gênero) para "amarrar" a evocação à sua assinatura genética. Isso é obscuro, mas funciona. A Igreja Ortodoxa Grega, que preservou o Testamento de Salomão, utiliza incenso similar em suas liturgias de exorcismo, sem saber que está repetindo um ritual de amarração goético – apenas substituíram o sangue por água benta.

## 1.5. *O NASCIMENTO DE SALOMÃO (1010 A.C.), O NOME DUPLO E A CRUZ DE DAVI – A GEOMETRIA DO DESTINO*

Salomão nasceu por volta de 1010 a.C., décimo filho de Davi, segundo filho de Bate-Seba. Ele chegou ao mundo após o adultério de Davi com Bate-Seba e o assassinato orquestrado de Urias, o hitita (2 Samuel 11). O nome "Salomão" (Shelomoh) vem de "Shalom" (paz), mas a paz dele foi construída sobre cadáveres. O profeta Natã o chamou de "Jedidias" (amado do Senhor) em 2 Samuel 12:25. Note: Natã deu a ele um NOME MÁGICO (Jedidias) junto com o nome terreno. Na Cabala, o

nome duplo é um amuleto de proteção contra o julgamento divino. "Jedidias" tem o valor numérico (gematria) de 49 (Yod-Dalet-Yod-Dalet-Heh) – que é 7x7, o número da perfeição e da completude dos dias da semana. 49 é também o número da contagem do Ômer (os 49 dias entre a Páscoa e o Pentecostes), que é um período de purificação e ascensão espiritual.

Salomão sobreviveu à peste que matou o primeiro filho de Bate-Seba porque recebeu um TETRA NOME que o blindava. Desde o berço, ele foi um operador de nomes. A tradição judaica (no Midrash) diz que ele nasceu com o "Sinal de Salomão" (um hexagrama) na palma da mão – o que é uma lenda, mas que indica a associação intrínseca do arquétipo com a geometria sagrada. O hexagrama é a união do fogo (triângulo para cima) e da água (triângulo para baixo), a síntese alquímica que ele passou a vida operando.

## 1.6. *OS PALÁCIOS DE SALOMÃO – A CASA DA FLORESTA DO LÍBANO E A ACÚSTICA DO PODER*

1 Reis 7 descreve a "Casa da Floresta do Líbano", um edifício de 45 metros de comprimento, 22 de largura e 13 de altura, com 45 colunas de cedro e um trono de marfim coberto de ouro. Isso não é descrição poética; é uma estrutura típica de templos e palácios hititas e fenícios, que eram construídos com madeira de cedro importada do Líbano (a madeira da imortalidade, resistente a cupins e apodrecimento, com propriedades aromáticas repelentes de insetos – e de espíritos inferiores). Hirão, rei de Tiro, forneceu a madeira e os artesãos.

O trono de marfim tinha dois leões (lado a lado) e doze leões nas escadas – representando as 12 tribos, mas também o Zodíaco, o controle sobre o tempo e o espaço cósmico. Salomão sentava-se no centro do Zodíaco. Ele era o "Sol" no meio dos signos, o centro imóvel de um universo em rotação. Isso é uma técnica de ANCORAGEM PSÍQUICA: quando você se senta em um trono físico com essa simbologia, seu sistema nervoso se alinha com o campo magnético da Terra e a eclíptica. Salomão não construiu um palácio; construiu uma CÂMARA DE RESSONÂNCIA PLANETÁRIA.

## 1.7. *ADIÇÃO: A HISTÓRIA TEXTUAL DOS MANUSCRITOS DA CLAVICULA*

A Clavicula Salomonis não é um único livro, mas uma FAMÍLIA DE TEXTOS que circulou pela Europa entre os séculos XV e XVIII. O medievalista Robert Mathiesen, da Brown University, catalogou 122 manuscritos com o título "Clavicula Salomonis" (ou derivado), classificando-os em uma dúzia de tipos diferentes. Estes manuscritos foram escritos em latim, italiano, francês, inglês, alemão, holandês e tcheco, com possíveis versões em hebraico e árabe.

O manuscrito mais antigo conhecido data de 1524 (1446) e pertence à tradição italiana. Mathiesen identificou cinco famílias principais de manuscritos, sendo a italiana a mais antiga. Não existe uma "versão definitiva" da Clavicula – cada manuscrito contém variações significativas, com fórmulas mágicas, rituais e símbolos que evoluíram ao longo do tempo.

Esta diversidade textual é fundamental para o operador: a Clavicula não é um texto fixo, mas um ORGANISMO VIVO que se adaptou a cada cultura e época. O operador moderno deve entender que está acessando uma tradição viva, não um documento estático.

## 1.8. *ADIÇÃO: A TRADIÇÃO GREGA DA CLAVICULA – O HYGRO MANTEIA*

Existem cerca de quinze manuscritos de uma versão grega da Clavicula Salomonis, datados do século XV ao XVIII. Estes são considerados os textos mais antigos e, portanto, provavelmente a versão original. O manuscrito mais conhecido é o Harleian MS 5596 da British Library, datado do século XV.

O título grego varia: "Tratado Mágico de Salomão" (Apotelesmatikê pragmateîa Solomôntos) ou "Pequena Chave da Arte da Higromancia" (Tò kleidíon tês páses tékhnes tês hugromanteías). O texto foi publicado por Armand Delatte em Anecdota Atheniensia (Liège, 1927, pp. 397-445). O conteúdo é muito semelhante ao da Clavicula latina.

A versão grega, também conhecida como Hygromanteia, revela as raízes bizantinas da tradição salomônica. Ela contém elementos de magia astrológica e angelical que foram posteriormente incorporados à Clavicula latina. Esta descoberta é crucial: a tradição salomônica não é exclusivamente europeia – ela tem raízes profundas no mundo greco-oriental.

## 1.9. *ADIÇÃO: O SEPHER MAPHTEAH SHELOMOH (A CHAVE HEBRAICA)*

O Sepher Maphteah Shelomoh ("O Livro da Chave de Salomão") é a versão hebraica da Clavicula. Existem três manuscritos hebraicos, datados de 1700-1729:

1. 1. O manuscrito Gollancz, uma cópia feita em Amsterdã em 1700, com 79 fólios.
2. 2. O manuscrito Rosenthaliana MS 12, o mais completo, escrito por Isaac Zekel ben Yidel Kohen de Worms.
3. 3. Dois manuscritos na British Library (Oriental MS 6360 e Oriental MS 14759) que juntos formam um único texto de 68 fólios.

Hermann Gollancz publicou uma edição fac-símile em 1914. O texto contém elementos judaicos, cristãos e árabes lado a lado. Gershom Scholem observou que a frequência de componentes latinos e italianos sugere que é uma cópia judaica de um texto latino ou italiano da Clavicula.

O material parece ter sido extraído do Sepher Raziel e a seção intitulada "O Livro da Luz" é uma cópia direta do Heptameron de Pedro de Abano (1496). O Heptameron é também a fonte dos perfumes planetários encontrados no Sepher Maphteah Shelomoh. As ilustrações no manuscrito são impressionantes e, em alguns casos, assemelham-se às encontradas nos Papiros Mágicos Gregos (c. 200 a.C. – 500 d.C.), levantando questões sobre sua proveniência original.

## 1.10. *ADIÇÃO: A INFLUÊNCIA MUÇULMANA NOS GRIMÓRIOS – O PICATRIX*

O Ghayat al-Hakim (O Objetivo do Sábio), conhecido no Ocidente como Picatrix, é um livro de magia e astrologia de 400 páginas, originalmente escrito em árabe no século XI na Espanha islâmica. É considerado um "manual de magia talismânica".

O Picatrix teve uma influência significativa no pensamento mágico europeu posterior, de Marsilio Ficino no século XV a Cornélio Agrippa, Tommaso Campanella, John Dee e Paracelso. Foi uma fonte importante para os autores anônimos de grimórios como a Clavicula Salomonis.

A influência do Picatrix na Clavicula é evidente em:

- A teoria dos talismãs e sua confecção
- A correspondência entre planetas, metais e cores
- As invocações de espíritos planetários
- A estrutura ritualística baseada em horas planetárias

O Picatrix também influenciou a demonologia islâmica, incluindo a classificação de jinns e ifrits, que foram posteriormente incorporados à Goétia europeia.

TÓPICO 2

# DAVI VS. SALOMÃO – O GOLPE DE ESTADO OCULTO, OS LEVITAS E A GUARDA PRETORIANA

Se você acha que a sucessão de Salomão foi pacífica e abençoada por Deus, você nunca leu 1 Reis com os olhos abertos para o sangue. Foi uma operação de inteligência, assassinato e conspiração sacerdotal digna de Maquiavel – e do manual de operações psíquicas.

## 2.1. *A TENTATIVA DE GOLPE DE ADONIAS (1 REIS 1) E A TECNOLOGIA DO ALTAR (AS PONTAS DE FOGO)*

Adonias, o quarto filho de Davi, filho de Hagite, era o herdeiro natural. Ele se proclamou rei em En-Rogel, sacrificou ovelhas e bois, e convidou todos os irmãos e oficiais de Judá para sua coroação – EXCETO Salomão, Bate-Seba e o profeta Natã. Ele tinha o apoio de Joabe (comandante do exército) e Abiatar (o sumo-sacerdote levita). A geometria do golpe era perfeita, mas Bate-Seba, uma mulher que a história reduziu a "objeto de adultério", foi na verdade a ARQUITETA DO GOLPE. Ela era a "Rainha Mãe" (Gebirah), uma posição de poder político no antigo Oriente.

Ela entrou no quarto do rei Davi, já velho e impotente (com a "sulamita" Abisague ao seu lado para esquentá-lo – um ritual de rejuvenescimento físico que falhou), e lembrou a Davi do juramento que ele havia feito de

que Salomão reinaria. Natã entrou em seguida para confirmar a história. Davi, manipulados pelos dois, mandou imediatamente ungir Salomão com azeite na fonte de Giom.

Salomão montou a mula do rei (o animal da realeza, símbolo do deslocamento pacífico, ao contrário do cavalo de guerra – que é o animal de Marte). Ele foi aclamado pelo povo. Adonias, ao ouvir o barulho, viu que perdeu. Ele correu para o altar, segurou as pontas do altar (as "chifres" do altar, que simbolizavam a conexão direta com a divindade e a proteção divina – eram feitos de ouro e representavam a força animal do touro, o poder genésico) – um ato de ASYLUM sagrado. Salomão poupou a vida dele, mas com uma sentença de morte suspensa: "Se houver maldade nele, ele morrerá."

**A TECNOLOGIA DO ALTAR:** Segurar as chifres do altar era um direito de asilo no antigo Israel. Mas Salomão quebrou esse direito quando mandou matar Joabe agarrado ao altar (1 Reis 2:28-34). Ele mostrou que o poder político está ACIMA do poder religioso. O mago deve entender: o círculo mágico é seu altar. Se você quebrar as regras do círculo para cometer um assassinato psíquico (por exemplo, para se livrar de um complexo interno que o atormenta), você pode fazê-lo, mas o "altar" (seu campo áurico) ficará manchado e precisará de uma limpeza pesada com arruda, água benta e jejum.

## 2.2. *AS EXECUÇÕES DE DAVI: O TESTAMENTO SANGUINÁRIO (1 REIS 2) E O PAPEL DE BENAIA (O ALGOZ DIVINO)*

Davi, no leito de morte, chamou Salomão e deu a ele uma lista de "coisas a fazer". Não foram bênçãos; foram ORDENS DE EXECUÇÃO – um testamento psicopata.

- JOABE, filho de Zeruia, comandante do exército. Joabe era o homem que matara Abner e Amasa (os dois generais de Saul e de Absalão), e que matara Absalão contra a ordem de Davi. Mas o motivo oculto: Joabe sabia dos segredos da família real, especialmente o assassinato de Urias. Joabe foi morto por Benaia no próprio altar. Benaia, filho de Joiada, era o capitão dos queretitas e peletitas (a guarda real, uma espécie de "serviço secreto" composto por mercenários cretenses e filisteus – estrangeiros sem lealdade tribal, apenas ao rei). Benaia era um assassino profissional. Salomão mandou matar o comandante no ALTAR – quebrando a santidade do local para consolidar o poder. Isso mostra que Salomão não tinha medo de profanar o sagrado para fins políticos. Para o ocultista, isso é a prática da "Mão Esquerda" aplicada à política: você usa a estrutura sagrada para o fim profano, porque o sagrado e o profano são dois lados da mesma moeda.
- SIMEI, o benjamita que amaldiçoara Davi durante a fuga de Absalão. Davi havia jurado não matá-lo, mas Salomão não estava preso ao juramento do pai. Mandou Benaia executá-lo – mas primeiro estabeleceu uma "prisão domiciliar" em Jerusalém, e quando Simei a violou para buscar escravos fugitivos, a desculpa foi perfeita. Salomão era um BUROCRATA DA MORTE.

- ABIATAR, o sacerdote levita, foi deposto e exilado em Anatote. Ele havia apoiado Adonias. Salomão o substituiu por Zadoque, um sacerdote de linhagem não-levítica (ou de linhagem ambígua – a tradição rabínica diz que Zadoque era descendente de Fineias, mas a Bíblia não confirma; ele provavelmente era um jebuseu, da antiga linhagem sacerdotal de Jerusalém pré-israelita).

## 2.3. *A LIMPEZA ÉTNICA DOS LEVITAS E A QUEBRA DO NOMADISMO (A GUINADA DE 180 GRAUS E A CRIAÇÃO DA MAGIA URBANA)*

Este é o tópico que ninguém conta nos círculos místicos: Salomão PURGOU os levitas. O sacerdócio levítico representava a antiga tradição do deserto, a Arca da Aliança itinerante, o Tabernáculo móvel, a magia do êxodo – uma magia baseada em nuvens (coluna de fogo) e no maná. Salomão, ao construir o Templo fixo, construiu um NOVO SACERDÓCIO. Zadoque, o novo sumo-sacerdote, era um jebuseu (ou descendente de Arão por uma linha contestada). Ao expulsar Abiatar, Salomão cortou o cordão umbilical com a magia nômade de Moisés e implantou a MAGIA SEDENTÁRIA E URBANA, baseada na geometria do Templo, no controle dos metais e na astrologia.

Para o mago, isso é um ALERTA GIGANTESCO: você pode construir templos grandiosos (sua carreira, sua família, sua imagem), mas se cortar a ligação com o êxodo (com a sua própria jornada de libertação interior, com seus rituais de peregrinação periódica), você se torna um carcereiro de si mesmo. Os levitas exilados foram para Anatote (a cidade do profeta Jeremias) e mantiveram a magia nômade secreta, que mais tarde influenciou os essênios e, por tabela, o cristianismo primitivo. A verdadeira

linhagem salomônica NÃO está no Templo de Jerusalém; está na tradição oral dos levitas exilados, que misturaram magia egípcia, cananeia e babilônica – e que produziram a literatura apocalíptica (como o Livro de Enoque) que descreve a queda dos Vigilantes.

## 2.4. *OS QUERETITAS E PELETITAS – A GUARDA PRETORIANA E A "SOMBRA ARMADA" DO MAGO*

Salomão não confiava no exército israelita. Ele confiava nos QUERETITAS (cretenses) e PELETITAS (filisteus) – mercenários estrangeiros que não tinham vínculo com as tribos de Israel. Eles eram a sua "sombra armada", o aspecto de Marte que ele mantinha domesticado. Para o ocultista, isso representa a necessidade de ter um "CÍRCULO DE PROTEÇÃO" que não é composto por seus afetos (família, amigos), mas por ferramentas e protocolos que obedecem apenas a você. O queretita é o banimento com a espada; o peletita é o julgamento com a balança. Eles são as duas colunas do Templo: Boaz (a força) e Jachin (a estabilidade), materializadas em carne e osso.

## 2.5. *O PROFETA NATÃ – O MAGO DE CORTE E O ARQUITETO DO PODER (A TRADIÇÃO PERDIDA)*

Natã é a figura mais subestimada da tradição. Ele era o profeta da corte, o "conselheiro oculto". Foi ele que manipulou Davi para não construir o Templo (2 Samuel 7), dizendo que o filho de Davi o construiria. Mas foi ele também que disse "não" a Davi e "sim" a Salomão. Natã entendeu que a MAGIA PRECISA DE ESTABILIDADE POLÍTICA. Enquanto Davi era um guerreiro xamânico em transe (dançando nu diante da Arca, como um louco possesso), Salomão era um estadista calculista. Natã sabia que a

construção do Templo exigia um rei frio, não um rei guerreiro. Salomão era a ferramenta perfeita: frio, calculista, disposto a matar o irmão e o comandante para manter a estabilidade.

Natã escreveu uma crônica (1 Crônicas 29:29) que se perdeu. Essa crônica, segundo os místicos judeus (os "Yerushalmi"), continha os segredos da "Prece de Salomão" em Gibeão. Natã era o guardião da tradição dos "Profetas Cantores", que usavam a música (os salmos de Davi) para modular o ambiente espiritual. Salomão herdou de Natã o conhecimento de que a VIBRAÇÃO (kol) é a chave para abrir o Abismo. Não é à toa que o Templo tinha uma orquestra de 4.000 levitas músicos (1 Crônicas 23:5). O Templo era uma CÂMARA DE RESSONÂNCIA. A frequência dos instrumentos (harpa, saltério, címbalos) era afinada para emitir ondas que quebravam as "Klipot" (cascas) e permitiam a comunicação com os espíritos.

TÓPICO 3

# O SINCRETISMO RELIGIOSO – 700 ESPOSAS, O SHAMIR E A IMPORTAÇÃO DE ASTARTE, MILCOM E QUEMOS. O TEMPLO DE JAVÉ TINHA ASHERAH?

Aqui está o tópico que faz os fundamentalistas queimarem o livro. Salomão não era monoteísta no sentido estrito. Ele era um COLECIONADOR DE DEUSES, um antropólogo do sagrado, um engenheiro de egrégoras e, principalmente, um TRADUTOR DE TEXTOS UGARÍTICOS.

## 3.1. *AS 700 ESPOSAS E 300 CONCUBINAS (1 REIS 11:3) – A GEOPOLÍTICA E A ASTROLOGIA DO HARÉM*

Os textos dizem que Salomão amou "muitas mulheres estrangeiras" – moabitas, amonitas, edomitas, sidônias e hititas. O número 700+300 = 1000. Este número é simbólico (a plenitude do poder), mas também prático. Cada casamento selava um pacto comercial ou militar. Mas para o ocultista, o harém era um LABORATÓRIO RELIGIOSO. Cada esposa trazia consigo seus sacerdotes, suas estátuas, seus rituais, suas receitas de incenso e seus métodos de adivinhação.

Ele tinha, categorizado por astrologia e geografia:

- ASTARTE (dos sidônios / fenícios): Deusa da guerra e do amor, associada ao planeta Vênus, à estrela da manhã (Lucifer). Seu ritual

envolvia prostituição sagrada (hierodulia) e oferendas de pombas. Salomão construiu um altar para ela no monte das Oliveiras, bem em frente ao Templo de Javé. O Monte das Oliveiras é o local onde, segundo a tradição, a Shekinah (presença divina) repousa. Salomão colocou Astarte ali para "polarizar" a energia feminina e testar a eficácia do culto noturno versus o culto solar de Javé.

- MILCOM (Moloque dos amonitas): Deus associado ao fogo e ao sacrifício de crianças (Tophet). O culto a Moloque envolvia passar os filhos pelo fogo ou colocá-los nos braços de uma estátua de bronze oca aquecida ao rubro. A Bíblia diz que Salomão construiu um altar para ele em Ofel (a encosta sul do Templo). Mas note: Salomão NÃO praticou sacrifício infantil (1 Reis 11:7-8 diz que ele "queimou incenso e ofereceu sacrifícios" aos deuses, mas o texto não especifica crianças). Ele provavelmente substituiu o sacrifício infantil por animais ou por fogo simbólico (pular sobre a fogueira), estudando a "mecânica" do fogo como porta de entrada para o submundo. O fogo de Moloque é o fogo do Juízo Final, o mesmo fogo que purifica e destrói – a Gehenna.
- QUEMOS (dos moabitas): Deus da guerra e da destruição, associado à serpente e ao vulcão. Seu culto envolvia maldições, pragas e a consagração de troféus de guerra.

Salomão não adorava esses deuses por luxúria ou decadência senil, como a pregação cristã tenta vender. Ele estudava os CANAIS DE PODER. Ele queria saber se o sacrifício de crianças realmente movia o éter (e provavelmente descobriu que sim, mas recusou-se a praticá-lo pessoalmente, contentando-se com a imitação ritualística). Isso faz dele um PRAGMÁTICO DO ABISMO: ele testava, mas não se deixava consumir. Até que, no final, se deixou.

## 3.2. *A ASHERAH – A PARCEIRA DE JAVÉ QUE FOI CANCELADA (A DESCOBERTA DE KUNTILLET AJRUD E A TEOLOGIA CANANEIA)*

A descoberta arqueológica mais devastadora para a teologia tradicional foi em KUNTILLET AJRUD (1976, por Ze'ev Meshel) e KHIRBET EL-QOM (1968, por William Dever). Nessas inscrições do século VIII a.C., encontramos as frases:

- "Yahweh of Samaria and his Asherah"
- "Yahweh of Teman and his Asherah"

Isso significa que, na religião popular israelita, ASHERAH ERA A CONSORTE DE JAVÉ. Asherah era a deusa mãe, representada por postes de madeira (ásherot) ou árvores sagradas (os "asherim" que a Bíblia manda derrubar). Ela era a personificação da Shekinah (a presença divina feminina) antes do judaísmo rabínico abstrato.

Os textos de UGARIT (Ras Shamra, século XIV a.C., KTU 1.4) descrevem Asherah como a "Progenitora dos Deuses", esposa de El, que intercede pelos deuses menores. Salomão leu esses textos (ou seus equivalentes fenícios) e implementou a teologia cananeia em Jerusalém. O que Salomão fez? Ele provavelmente colocou uma estátua ou poste de Asherah DENTRO do Templo de Javé, ao lado do altar, como uma "consorte" divina. 2 Reis 21:7 fala que Manassés colocou uma imagem de Asherah no Templo. Mas a tradição anterior (1 Reis) silencia sobre isso porque os redatores deuteronomistas (século VII a.C.) estavam fazendo um "CANCELAMENTO" teológico: eles editaram a história de Salomão para pintá-lo como idólatra no final da vida, mas esconderam o fato de que a Asherah estava lá desde o início do Templo.

Para o ocultista, Salomão era um PAGÃO PRÁTICO. Ele sabia que o Divino é andrógino (como a doutrina cabalística do "Partzufim", que vê Deus como uma família de faces masculinas e femininas). Ele invocava Javé (masculino) e Asherah (feminino) simultaneamente. A Goétia (invocação de demônios) é apenas a face escura dessa polaridade. Se você quer operar a Clavicula Salomonis com eficácia, você DEVE aceitar a polaridade feminina. O Selo de Salomão (hexagrama) é a união do triângulo masculino (fogo/ar – a espiritualidade ativa) com o feminino (água/terra – a receptividade material). Sem Asherah, a chave não gira.

### 3.3. *O SHAMIR – O VERME QUE CORTA PEDRAS SEM MARTELO (A TECNOLOGIA DO SOM QUE SALOMÃO USOU)*

Este é o segredo técnico que faltou na primeira versão. O Talmude (Tratado Gittin 68a-b) narra que Salomão, para construir o Templo, não podia usar ferramentas de ferro (como martelos e cinzéis) porque o ferro é feito para a guerra, e o altar é para a paz. A solução? O SHAMIR – um verme mágico do tamanho de um grão de cevada (ou de um grão de trigo, dependendo da tradição), que tinha o poder de cortar pedras com sua saliva ou com seu brilho, sem fazer barulho. A lenda diz que Salomão enviou Asmodeus (o rei dos demônios) para buscar o Shamir no paraíso.

O QUE É O SHAMIR, NA PRÁTICA OCULTA? Não é um verme literal. É uma FREQUÊNCIA. É a tecnologia do SOM VIBRACIONAL. O Templo foi construído sem o barulho de martelos (1 Reis 6:7: "E quando se edificava a casa, edificava-se de pedras inteiras, já preparadas; de modo que nem martelo, nem machado, nem outro qualquer instrumento de ferro se ouviu na casa, enquanto a edificavam"). Isso significa que as pedras

foram cortadas por RESSONÂNCIA SÔNICA – uma técnica que os egípcios usavam nas pirâmides e que os construtores medievais de catedrais conheciam como "canto das pedras".

> **INSIGHT OPERACIONAL**
>
> O Shamir é a sua VOZ. Quando você vibra os nomes divinos (Tetragrammaton, Agla, Adonai) no triângulo de arte, você está usando o Shamir para "cortar" o véu entre os mundos. O "sem martelo" significa que você não deve usar força bruta ou violência contra o espírito; deve usar a VIBRAÇÃO EXATA, a nota musical certa (a "frequência de Salomão"). As pedras do Templo interior (as estruturas da sua psique) devem ser talhadas pela repetição do nome divino, não pela autocrítica violenta.

## 3.4. *A DISTINÇÃO OCULTA: ASHERAH X ASTARTE (A DIFERENÇA QUE O MAGO PRECISA SABER)*

Muitos magos confundem Asherah com Astarte. Vamos às fontes primárias ugaríticas:

- Em Ugarit (Ras Shamra, textos do século XIV a.C., KTU 1.4), Astarte ('Anat) é a deusa virgem-guerreira, irmã/amante de Baal, que mata o dragão Yam (o mar) e é descrita com sangue nos joelhos. Ela é Marte/Vênus guerreira, a "face da estrela da manhã" que busca vingança. Ela exige sangue.
- Asherah (Athirat) é a deusa mãe, a "Progenitora dos Deuses", esposa de El (o deus supremo cananeu). Ela é a "senhora do mar" (que caminha sobre as ondas) e a distribuidora de fertilidade. Ela é a Júpiter/Vênus maternal, a "face da estrela da noite" que nutre. Ela exige leite e mel.

Salomão importou AMBAS. Astarte para a guerra sexual (atração de riquezas por magnetismo pessoal, sedução política) e Asherah para a estabilidade da terra (agricultura e imortalidade da alma, o culto das árvores). Ao construir altares para ambas, ele balanceava as duas correntes da Árvore da Vida: a Coluna da Severidade (Astarte/Marte/Geburah) e a Coluna da Misericórdia (Asherah/Vênus/Júpiter/Chesed). Ele criou um EIXO DE BALANCEAMENTO na própria Jerusalém. Quando você evoca os espíritos da Goétia, você está lidando com as "Klipot" (cascas) que são exatamente as faces obscurecidas dessas deusas: Astarte vira a demônia Astaroth (uma das 72, duquesa poderosa), e Asherah vira a "Rainha do Sul" (a Rainha de Sabá, que é uma manifestação dela). A magia salomônica é uma REENCENAÇÃO DO PANTEÃO CANANEU.

## 3.5. *O SINCRETISMO EGÍPCIO – A FILHA DO FARAÓ E A MAGIA DE ÍSIS (O LIVRO DOS MORTOS EM JERUSALÉM)*

Salomão casou-se com a filha do faraó Sisaque I (ou de um faraó anterior da 21ª Dinastia). Essa esposa egípcia trouxe a magia de Ísis, Osíris e Hórus. A Bíblia menciona que ele construiu uma casa para ela fora da Cidade de Davi (1 Reis 9:24), porque a Arca da Aliança havia entrado na Cidade de Davi, e a filha do faraó era "impura" para os rituais. Mas para o mago, isso é simbólico: Salomão separou a magia egípcia (a magia dos mortos e da ressurreição, baseada no culto de Osíris e no Livro dos Mortos) da magia hebraica (a magia da lei e da aliança). Ele operava SISTEMAS PARALELOS. A influência egípcia é evidente nos provérbios de Salomão, que são uma adaptação da "Instrução de Amenemope" (um texto egípcio do século XIII a.C., descoberto em 1888). Salomão copiou a sabedoria egípcia, ajustou para o monoteísmo e transformou em "Provérbios". Ele não era um gênio original; era um TRADUTOR DE PODER.

**INSIGHT OPERACIONAL**

Quando você usa o sigilo de Salomão, está usando uma tecnologia que é uma colcha de retalhos de Egito, Fenícia e Babilônia. Não se apegue à pureza étnica. A magia é contaminada e sincrética, e é justamente por isso que funciona – porque acumula camadas de egrégora.

TÓPICO 4

# O COLAPSO PÓS-MORTE – O IMPÉRIO DUROU MENOS DE 40 ANOS E A MATEMÁTICA DO ESGOTAMENTO

A glória de Salomão foi construída sobre areia movediça e ossos de escravos. O império que ele supostamente unificou com ferro e fogo durou apenas o tempo de sua respiração. Vamos detalhar o colapso em camadas: econômica, militar, psicológica (o esgotamento do operador) e espiritual.

## 4.1. *A CARGA TRIBUTÁRIA E O TRABALHO FORÇADO (CORVÉE) – A ECONOMIA DO COLAPSO*

Salomão dividiu o reino em 12 distritos administrativos (1 Reis 4), mas cada distrito tinha a obrigação de sustentar a corte por um mês por ano. Além disso, ele usava TRABALHO FORÇADO (mas 'obel) – uma palavra que em hebraico tem a mesma raiz de "escravidão" (eved). 1 Reis 5:13-14 diz que ele recrutou 30.000 homens para trabalhar no Líbano, em turnos de 10.000 por mês. Eram israelitas trabalhando como escravos para construir o Templo e os palácios. A narrativa bíblica tenta suavizar dizendo que eram "estrangeiros", mas o texto hebraico original em 1 Reis 9:20-22 diz que Salomão fez dos remanescentes dos cananeus "tributários de servidão" (mas 'oved). Porém, ele também impôs trabalho pesado sobre os filhos de Israel, o que gerou um ódio profundo.

A arqueologia confirma: as cidades de Megiddo, Hazor e Gezer foram fortificadas com enormes muros de pedra e portões de seis câmaras, exigindo uma quantidade imensa de mão de obra. As escavações em Megiddo mostram um estrato de destruição (Estrato VA-IVB) datado do período de Sisaque, confirmando o saque. O comércio de cavalos (1 Reis 10:26-29) sugere que ele tinha 1.400 carros de guerra e 12.000 cavaleiros – um exército caro que exigia impostos exorbitantes. Salomão vivia de DÍVIDA PÚBLICA. Ele hipotecou o reino para construir o Templo. O rei Hirão de Tiro, que forneceu a madeira e o ouro, foi pago com cidades da Galileia (1 Reis 9:11-13), o que gerou ressentimento entre os habitantes do norte. Hirão chamou essas cidades de "Cabul" (terra suja ou "sem valor"). Salomão estava vendendo o território nacional por madeira de cedro!

## 4.2. *A REVOLTA DE JEROBOÃO E A FUGA PARA O EGITO – A GEOPOLÍTICA DA TRAIÇÃO*

Jeroboão, filho de Nebate, era um jovem eficiente que Salomão colocou como supervisor da casa de José (Efraim e Manassés). Mas o profeta Aías, de Siló, rasgou sua própria capa em 12 pedaços e deu 10 a Jeroboão, profetizando que ele governaria as 10 tribos do Norte (1 Reis 11:29-40). Salomão soube disso e tentou matar Jeroboão, que fugiu para o Egito, sob a proteção do faraó SISAQUE (Shoshenq I), o fundador da 22ª Dinastia.

Salomão fez aliança com o Egito casando-se com a filha do faraó, mas esse mesmo Egito abrigou seu maior rival. Isso é GEOPOLÍTICA BÁSICA: você nunca confia totalmente em quem tem seus inimigos no bolso. Shoshenq I era um líder líbio (um "bárbaro" para os egípcios) que havia

unificado o Egito após um período de fragmentação. Ele viu em Jeroboão uma OPORTUNIDADE DE OURO para invadir Judá após a morte de Salomão. E foi exatamente o que ele fez.

### 4.3. *A INVASÃO DE SISAQUE (SHESHONQ I) E O SAQUE DE JERUSALÉM – A EVIDÊNCIA EM KARNAK E O COLAPSO DA ENERGIA*

Assim que Salomão morreu (por volta de 931-926 a.C.), seu filho Roboão subiu ao trono e negou-se a aliviar a carga tributária. O povo gritou: "Que parte temos com Davi? Vai para as tuas tendas, ó Israel!" (1 Reis 12:16). O reino se dividiu. Roboão ficou com Judá e Benjamim; Jeroboão ficou com as 10 tribos do Norte.

Cinco anos depois, no quinto ano de Roboão (926 a.C., data confirmada pela egiptologia), o faraó Sisaque invadiu Judá. Ele saqueou o Templo de Jerusalém e levou todos os tesouros de ouro que Salomão acumulou (1 Reis 14:25-26). Sisaque deixou uma estela comemorativa no templo de Karnak (Egito), listando as cidades que conquistou – mais de 150 cidades na Palestina. A estela não lista Jerusalém (provavelmente por estratégia política, para não humilhar Roboão totalmente, ou porque Jerusalém se rendeu sem luta), mas confirma a campanha militar exatamente na época do colapso.

Para o ocultista, a invasão de Sisaque é o preço do orgulho e da DISPERSÃO DE ENERGIA. Salomão acumulou ouro, mas não acumulou proteção espiritual suficiente. A Arca da Aliança? Provavelmente foi escondida nos túneis do Templo (escavados por Ezequias séculos depois, conhecidos como "Túneis de Ezequias"). Alguns dizem que foi levada para a Etiópia por Menelik I (Kebra Nagast). Mas o fato é que a energia do

Templo foi saqueada. O vaso de bronze com os 72 demônios? Tradições apócrifas sugerem que Sisaque quebrou o selo, libertando alguns demônios, que foram recapturados séculos depois pelos escribas do Lemegeton. Mas isso é especulação goética.

### 4.4. *A REVOLTA DE EDOM E A SÍRIA – A FRAGILIDADE PERIFÉRICA (O "CHICOTE" DE SATURNO)*

Além da invasão egípcia, Salomão enfrentou rebeliões periféricas durante sua vida que a Bíblia menciona rapidamente (1 Reis 11:14-25):

- HADADE, o edomita, que fugiu para o Egito quando Davi conquistou Edom, voltou para causar problemas na fronteira sul. Edom é a terra de Esaú, o irmão gêmeo de Jacó – a sombra arquitetônica de Israel. Hadade era a sombra de Salomão.
- REZOM, filho de Eliada, que se tornou rei de Damasco (Síria) e foi um adversário de Salomão durante toda a sua vida, controlando as rotas comerciais do norte.

Salomão controlou essas rebeliões com mão de ferro, mas elas drenaram recursos. O império era como um balão furado: ele enchia de ar (ouro), mas as rebeliões e invasões faziam o ar escapar constantemente. Para o mago, isso é o "preço de Saturno" – a manutenção da ordem consome mais energia do que a conquista.

## 4.5. *A MATEMÁTICA DO ESGOTAMENTO DO OPERADOR (A SÍNDROME DE SALOMÃO)*

Este é o ponto mais importante para o mago moderno. Por que Salomão colapsou? Não foi por causa das mulheres. Foi por CAUSAS DO SISTEMA NERVOSO. Manter 72 demônios engarrafados, supervisionar 1.400 carros de guerra, administrar 700 esposas, construir um Templo, ouvir reclamações dos levitas, negociar com Hirão... isso exige uma QUANTIDADE DE CORTISOL que o corpo humano não suporta por 40 anos.

A ciência moderna chama isso de "Burnout" ou "Fadiga Adrenal". A tradição cabalística chama de "Perda de Daath" – a desconexão entre o conhecimento (chokhmah) e a compreensão (binah). Salomão começou como o sábio de Gibeão e terminou como o niilista de Eclesiastes. Ele viu tudo, fez tudo, controlou tudo – e no final, a única coisa que restou foi o vazio. Ele escreveu: "Não há nada de novo debaixo do sol." Isso é o relato de um mago que esgotou sua dopamina e serotonina.

> **INSIGHT OPERACIONAL**
>
> Você não pode operar a Goétia por 40 anos sem pausa. Você precisa de ciclos de descanso, de "desligar" os demônios periodicamente. O selo de Salomão não é para uso contínuo. É para uso PONTUAL, com intervalos de purificação. Salomão esqueceu disso. Ele tentou ser rei E mago o tempo todo, e o sistema entrou em curto-circuito.

## 4.6. *A LIÇÃO DO COLAPSO: A FRAGILIDADE DO VIDRO E A LIÇÃO PARA O OPERADOR MODERNO*

Salomão reinou por 40 anos (1010-970 a.C.). Seu império unificado durou menos de 40 anos. A divisão de 931 a.C. foi permanente. O Reino do Norte (Israel) caiu para a Assíria em 722 a.C.; o Reino do Sul (Judá) caiu para a Babilônia em 586 a.C.

Salomão teve tempo de escrever:

- Provérbios (na juventude, a fase da "ação").
- Cântico dos Cânticos (na maturidade, a fase da "união alquímica").
- Eclesiastes (na velhice, a fase do "niilismo esclarecido"). Mas ele não escreveu um manual sobre COMO MANTER A COESÃO PSÍQUICA. Ele era um arquiteto da matéria, mas não um psicólogo do espírito.

Para o mago, a lição é clara e ecoa através dos séculos, como um sino de bronze:

- Você pode evocar Bael, Paimon e Asmodeus (os reis da Goétia).
- Você pode construir um Templo de ouro e cedro (sua carreira e sua imagem).
- Você pode ter 1.000 mulheres e riquezas infinitas (experiências e conhecimentos).
- Mas se você não olhar para o ABISMO dentro de si (Daath, a não-esfera, o vazio da razão) e integrar sua própria sombra (os complexos reprimidos, as "Klipot"), o colapso é questão de tempo.

O Templo caiu. O arquiteto Hiram (que veremos na Parte IX) caiu assassinado pelos três aprendizes – uma alegoria do ego sendo morto pela sua própria criação. O rei Salomão caiu, perdendo o reino ainda em vida, com rebeliões e a ameaça constante de Sisaque. A única coisa que sobrou foi o MÉTODO – o Selo de Ferro que você carrega dentro do peito. A magia salomônica não é sobre imortalidade política; é sobre TRANSFORMAÇÃO PESSOAL através do confronto com o caos.

O império exterior ruirá, mas o Templo interior, se construído com as pedras vivas da sua psique (trabalhadas sem martelo, ou seja, sem violência contra si mesmo, apenas pela vibração do Nome), pode resistir ao Saque de Sisaque e ao tempo. O operador que entende isso não busca construir um império; busca construir um TRONO VIVO dentro do peito, de onde pode observar a dança dos demônios sem ser arrastado por ela. Salomão esqueceu de descansar. Você não pode esquecer. Esse é o segredo que ele descobriu tarde demais.

PARTE II

# A NARRATIVA INTERNA (O QUE OS TEXTOS JUDAICOS ESCONDEM)

A Parte I foi o mergulho no barro, no cobre, no enxofre e no sangue da história material. Vimos Salomão como um homem de carne e osso – um rei que matou, traiu, construiu e cobrou impostos. Agora, vamos subir para a NARRATIVA INTERNA: o que os textos sagrados (e os apócrifos) dizem sobre a alma de Salomão. Não é teologia para crianças. É a psicogeografia de um mago que conversou com Deus, construiu a morada do Nome e recebeu uma rainha para testar sua sabedoria. Vamos destrinchar as camadas ocultas do Sonho de Gibeão, a tecnologia acústica do Templo e o encontro que gerou uma dinastia – e uma maldição.

TÓPICO 5

# O SONHO DE GIBEÃO – PEDIR "CORAÇÃO OUVIDO" (BINAH) É PEDIR PARA ENXERGAR O TERROR DO ABISMO

Salomão subiu ao trono com as mãos manchadas de sangue – o sangue de Joabe, o comandante executado no altar; de Simei, o benjamita que amaldiçoou Davi; e do próprio Adonias, seu irmão, que ele mandou matar quando este ousou pedir a sulamita Abisague em casamento (1 Reis 2:22-25). O reino estava consolidado, mas instável. O povo murmurava. Os levitas exilados em Anatote tramavam. E foi nesse contexto de poder conquistado a ferro que Salomão fez algo que nenhum outro rei de Israel fez: ele SAIU DE JERUSALÉM e foi para Gibeão oferecer mil holocaustos no santuário do Tabernáculo – o altar móvel de Moisés, que ainda existia enquanto o Templo não ficava pronto.

## 5.1. *GIBEÃO – O SANTUÁRIO PROIBIDO E A GEOGRAFIA DO ABISMO*

Gibeão não era um lugar qualquer. Era uma cidade gibeonita – um povo cananeu que enganara Josué para fazer uma aliança e sobreviver ao extermínio (Josué 9:3-15). Os gibeonitas eram os "lenhadores e aguadeiros" do Templo, uma casta servil que mantinha o antigo santuário onde o Tabernáculo de Moisés – com seu altar de bronze e a Arca da Aliança, antes de ser levada para Jerusalém – ficava. Gibeão era o ÚLTIMO

REDUTO DA ANTIGA RELIGIÃO NÔMADE, o lugar onde a magia do deserto ainda respirava, onde os levitas exilados (como Abiatar) guardavam a chama do êxodo.

Arqueologicamente, Gibeão (atual el-Jib) foi escavada por James Pritchard entre 1956 e 1962. Ele encontrou um sistema hídrico monumental – um túnel em espiral que descia cerca de 30 metros até uma fonte de água, esculpido na rocha calcária. Este túnel, chamado de "Piscina de Gibeão" (2 Samuel 2:13), era usado para rituais de purificação. O local foi identificado como o "Grande Alto" (Bamah Gedolah) mencionado em 1 Reis 3:4. Era um GOLGOTHA DA NORMA, onde o sacrifício sangrava para aplacar as forças telúricas. Salomão foi ali, não ao Templo que seu pai preparou, mas à antiga "câmara de energia" cananeia-israelita.

## 5.2. *OS MIL HOLOCAUSTOS – A TÉCNICA DO CANSATIVO EXTÁTICO*

"E foi a Gibeão para sacrificar, porque aquele era o maior alto; e ofereceu Salomão mil holocaustos sobre aquele altar" (1 Reis 3:4). A expressão "mil holocaustos" (elef olot) não é um exagero poético. No antigo Oriente, sacrifícios em massa eram COMUNS para inaugurar um reinado ou para buscar um oráculo. Mas para o ocultista, o número 1000 tem um significado preciso: é a plenitude da experiência sensorial, a saturação do sistema nervoso.

Imagine a cena: Salomão, o rei, matando (ou mandando matar) mil animais – provavelmente ovelhas e bois – sobre um altar de pedra. O sangue escorria em riachos. O cheiro de carne queimada, gordura e incenso enchia o ar. Os sacerdotes gotejavam sangue nas pontas do altar. A fumaça subia ao céu como uma coluna negra. Este era um RITUAL DE SATU-

RAÇÃO SENSORIAL – o equivalente antigo de uma privação de sono ou de uma dose massiva de entógenos. O cérebro de Salomão, bombardeado por cheiros, sons de berros de animais morrendo, fumaça e o cansaço físico de ficar em pé por horas, entrou em um estado de ALFA-TETA PROFUNDO – o mesmo estado que os xamãs siberianos alcançam com tambores e o uso de Amanita muscaria.

O Midrash (Vayikra Rabbah 27:6) diz que Salomão ofereceu os mil holocaustos para "abrir o coração" – mas o coração (lev) na psicologia judaica não é a emoção; é o CENTRO DA DECISÃO E DA PERCEPÇÃO. Ele estava literalmente "sobrecarregando o sistema" para forçar uma ruptura na realidade. Deus aparece a ele na "noite" – no escuro do sono, quando a consciência racional está desligada e o cérebro processa as informações subliminares.

## 5.3. *O PEDIDO – "CORAÇÃO OUVIDO" (LEIV SHOMEA) E A DISTINÇÃO ENTRE CHOKHMAH E BINAH*

Em 1 Reis 3:9, Salomão pede: "Dá, pois, a teu servo um coração entendido para julgar a teu povo, para que discirna entre o bem e o mal." A frase hebraica é "Leiv Shomea" – literalmente "coração ouvinte" ou "coração que escuta". A Septuaginta (tradução grega dos 70) traduz como "kardia akoustike" – um coração que ouve, que é receptivo. Mas a tradição rabínica (Talmud Berachot 55a) discute exaustivamente essa escolha.

- CHOKHMAH (Sabedoria) é o conhecimento acumulado, a informação, a inteligência bruta, a memória. É o masculino ativo, a primeira Sephira da Árvore da Vida.

- BINAH (Entendimento/Compreensão) é a capacidade de SINTETIZAR, de processar a informação, de encontrar padrões no caos. É o feminino receptivo, a "Mãe" que dá forma à luz.

Salomão não pediu CHOKHMAH (sabedoria pura), porque ele já tinha isso – ele era o filho de Davi, criado na corte, treinado por Natã. Ele pediu BINAH – a capacidade de ENTENDER O CAOS. E BINAH, na Cabala (Zohar I, 22a), está diretamente ligada ao ABISMO (Daath). Binah é a porta que dá acesso ao lado escuro da Árvore. Pedir Binah é pedir para ENXERGAR O TERROR – a desordem primordial que existe antes da criação.

No Zohar, Binah é descrita como a "Mãe Superior" (Ima Ila'ah), que está acima de Tiferet (o coração). Para alcançar Binah, o operador precisa transitar pelo ABISMO (Daath), que é a "não-esfera" onde o conhecimento morre e a fé cega começa. Salomão, ao pedir Binah, estava pedindo a chave para DESCER AO SUBMUNDO enquanto governa no alto. Ele queria o poder de navegar no caos sem ser consumido por ele.

## 5.4. *O SUBTEXTO PSICOLÓGICO – O PEDIDO COMO ESTRATÉGIA GEOPOLÍTICA E NEUROLÓGICA*

Deus fica tão satisfeito com o pedido de Salomão (que não pediu longevidade, riquezas ou a morte de seus inimigos) que lhe dá TUDO – sabedoria, riquezas, honra e uma promessa de longevidade condicional. Mas a pergunta que os rabinos fazem (Midrash Shir HaShirim Rabbah 1:1) é: Por que Deus não ofereceu sabedoria a Davi? A resposta é que DAVI ERA UM GUERREIRO, e a sabedoria (Binah) só é dada a quem está em PAZ. Salomão, o rei da paz (Shelomoh), era o veículo perfeito para a polaridade feminina de Binah.

**INSIGHT OPERACIONAL**

PARA O MAGO: Quando você faz o seu "pedido" no início de um grande trabalho mágico (como a evocação da Goétia), NUNCA peça coisas materiais. Peça a CAPACIDADE DE PERCEBER O CAOS (Binah). Peça a "orelha interna" que ouve o sussurro dos demônios antes de eles aparecerem. O pedido de Salomão foi um PEDIDO DE PROTOCOLO – ele estava pedindo a habilidade de operar com segurança no Abismo. Peça isso, e as ferramentas materiais (riquezas, poder) vêm como um bônus. Peça só as ferramentas, e você se perde no Abismo. Essa é a chave.

## 5.5. *A VISÃO NOTURNA – O SONHO COMO CANAL DE COMUNICAÇÃO COM O EGRÉGORA DIVINO*

O texto diz que Deus apareceu a Salomão EM SONHO (ba-chalom) – não em uma teofania visual como no Sinai. O sonho, na psicologia junguiana, é a "estrada real para o inconsciente". Na tradição judaica, o sonho é um "décimo do profetismo" (Talmud Berachot 57b). Salomão não precisava de visões ardentes; ele precisava de um download de dados em estado Theta. O sonho permitiu que ele recebesse o "coração ouvinte" sem ser aniquilado pela glória divina – ao contrário de Moisés, que viu o rosto de Deus e teve que usar um véu.

Para o ocultista moderno, a técnica de GIBEÃO é replicável:

1. 1. Sature seus sentidos (incenso pesado, jejum, privação de sono CONTROLE – não ao ponto de alucinação tóxica, mas ao estado de fadiga liminar).

2. 2. Peça a chave de BINAH (compreensão) e não a chave de CHOKHMAH (informação). Memorize a frase: “Dá-me um coração que ouça.”
3. 3. Durma com um pedido específico (uma pergunta sobre sua operação mágica) e mantenha um caderno ao lado da cama. O que acontece na noite de Gibeão é a INSTALAÇÃO DE UM ALGORITMO DIVINO no cérebro do operador.

TÓPICO 6

# A CONSTRUÇÃO DO TEMPLO – PEDRAS SEM MARTELO, O SHAMIR E O ALINHAMENTO ASTRONÔMICO

Salomão recebeu a sabedoria de Binah e imediatamente a aplicou no maior projeto de engenharia espiritual e física da antiguidade: o Templo de Jerusalém. Não foi uma obra de arte; foi uma MÁQUINA DE RESSONÂNCIA, projetada para canalizar a energia cósmica para a Terra.

## 6.1. *O PROJETO DE HIRÃO – A ARQUITETURA FENÍCIA E A MADEIRA DA IMORTALIDADE*

Salomão fez uma aliança com Hirão, rei de Tiro (1 Reis 5:1-12). Tiro era a capital da Fenícia, uma civilização marítima que dominava a metalurgia, a carpintaria e a navegação. Hirão enviou madeira de CEDRO e de CIPRESTE – duas madeiras que são resistentes a cupins, bolor e apodrecimento. O cedro do Líbano, em particular, era usado para construir navios e templos porque continha óleos essenciais que REPELIAM ESPÍRITOS NEGATIVOS (o que hoje chamamos de "antisséptico natural do éter").

A aliança com Hirão não foi apenas comercial. Foi uma TRANSAÇÃO ESPIRITUAL. Hirão, sendo fenício, era devoto de Baal e Melqarte. Salomão permitiu que artesãos fenícios entrassem em Jerusalém, carregando suas próprias tradições mágicas. O Templo de Salomão é uma

SÍNTESE: a arquitetura dos templos sírios (como o de Ain Dara, escavado por Ali Abu Assaf, que tem paralelos exatos com a descrição de 1 Reis 6) com a cosmologia hebraica. O Templo era um TERREMOTO ARQUITETÔNICO – a estrutura cósmica cananeia plugada no monoteísmo javista.

## 6.2. *O SHAMIR – A TECNOLOGIA DO SOM QUE CORTA PEDRAS*

Este é o segredo mais guardado da construção. 1 Reis 6:7 diz: "E quando se edificava a casa, edificava-se de pedras inteiras, já preparadas; de modo que nem martelo, nem machado, nem outro qualquer instrumento de ferro se ouviu na casa, enquanto a edificavam."

Como cortar pedras de 10 metros de comprimento, pesando toneladas, sem fazer barulho? A resposta do Talmude (Tratado Gittin 68a-b) é o SHAMIR – um verme mágico do tamanho de um grão de cevada. A lenda diz que Salomão enviou o demônio Asmodeus (um dos 72, o rei dos demônios) ao paraíso para buscar o Shamir. O verme tinha o poder de cortar as pedras mais duras apenas com seu OLHAR ou com sua SALIVA.

Segundo o Talmude, Salomão consultou seus sábios, que o encaminharam aos demônios (Shedim), que sabiam onde o Shamir estava. Através de uma estratégia elaborada pelo seu general Benaia, Salomão conseguiu capturar e subjugar Asmodeus, o Rei dos Demônios, utilizando uma corrente gravada com o Nome Divino. Asmodeus revelou que o Shamir não pertencia ao seu reino, mas fora confiado pelo Anjo do Mar ao Galo Silvestre (ou poupa), que utilizava o poder de corte da criatura para rachar rochas em montanhas desoladas e ali plantar sementes. Benaia cobriu o

ninho da poupa com vidro; quando a mãe voltou para alimentar seus filhotes e encontrou o ninho coberto, deixou cair o Shamir sobre o vidro para abri-lo – e foi nesse momento que Benaia o capturou.

O QUE É O SHAMIR NA PRÁTICA OCULTA? Não é um verme literal. É uma FREQUÊNCIA SÔNICA. Os construtores de catedrais medievais conheciam o "canto das pedras" – a técnica de usar a voz ou instrumentos para fazer a pedra vibrar em sua frequência de ressonância, fraturando-a ao longo de linhas moleculares sem violência. Os egípcios usavam tecnologia similar nas pirâmides. Salomão, com sua sabedoria de Binah, aprendeu a frequência exata que quebrava a "Klipah" (casca) da pedra, revelando a pedra "inteira" (avanim shelemot – que também significa "pedras perfeitas").

### INSIGHT OPERACIONAL

O Shamir é a sua PRÓPRIA VOZ. Quando você vibra o Tetragrammaton (YHWH) ou os nomes divinos no triângulo de arte, você está usando o Shamir para "cortar" o véu entre os mundos. O "sem martelo" significa que você não deve usar violência ou coerção psicológica contra o espírito; você deve usar a FREQUÊNCIA EXATA, a VIBRAÇÃO JUSTA. Se o espírito é teimoso, você não grita com ele; você muda a entonação até encontrar a nota que abre a porta. Isso é a psicologia da evocação.

## 6.3. *O ALINHAMENTO ASTRONÔMICO – O TEMPLO COMO RELÓGIO SOLAR E CALENDÁRIO DO APOCALIPSE*

O Templo não estava virado para o leste por acaso. A entrada (o Ulam, o pórtico) estava voltada para o LESTE EXATO – o ponto onde o sol nasce no EQUINÓCIO DE PRIMAVERA (21 de março) e no EQUINÓCIO DE OUTONO (22 de setembro). A arquitetura do Templo funcionava como um RELÓGIO SOLAR GIGANTE. No equinócio, o sol nascia exatamente no eixo central do Templo, iluminando o Santo dos Santos (Debir) por um breve momento, ativando a Pedra Fundamental (Even ha-Shetiya).

A PEDRA FUNDAMENTAL (Even ha-Shetiya) é o ponto central do Monte Moriá. Segundo o Talmud (Yoma 53b), a Pedra Fundamental era o local onde o mundo foi criado – o primeiro ponto sólido que emergiu do caos primordial (o Tohu va-Bohu). Salomão colocou a Arca da Aliança sobre essa pedra. Ela é a ANTENA DO PLANETA. Os geólogos modernos sabem que o Monte Moriá (a atual Esplanada das Mesquitas) está sobre uma formação de calcário que tem uma crista de quartzo – um mineral piezoelétrico que GERA ELETRICIDADE SOB PRESSÃO. O Templo era uma usina de energia telúrica. As músicas dos levitas (harpa, saltério, címbalos) criavam uma ressonância que passava pela Pedra Fundamental, amplificando as vibrações para todo o planeta.

## 6.4. *O SANTO DOS SANTOS (DEBIR) – A CÂMARA DE ISOLAMENTO E O NOME INEFÁVEL*

O Santo dos Santos era um cubo de 10x10x10 côvados (cerca de 4,5 metros). Era um CUBO PERFEITO – a forma geométrica da estabilidade e da imanência divina. Lá dentro, só o sumo-sacerdote entrava, uma vez

por ano, no Yom Kippur. Mas o detalhe oculto é que o Santo dos Santos não tinha janelas (1 Reis 6:4 diz que as janelas eram para as câmaras laterais, mas o Debir era interior). Era uma CÂMARA ANECÓICA – um lugar onde o som não ecoava, onde a luz externa não entrava. Lá, o sumo-sacerdote estava em PRIVAÇÃO SENSORIAL TOTAL. A única luz vinha da Shekinah. Era o útero cósmico.

O Templo media 30 metros de comprimento, 10 metros de largura e 15 metros de altura – exatamente o dobro das dimensões do Tabernáculo, como se Salomão estivesse amplificando a antiga tecnologia nômade para uma escala monumental e fixa.

### INSIGHT OPERACIONAL

O Santo dos Santos é o seu próprio crânio durante a meditação profunda. Quando você fecha os olhos, tapa os ouvidos (ou usa protetores auriculares) e se senta em silêncio, você entra no seu Debir pessoal. A Arca é a sua consciência. A Pedra Fundamental é a sua postura (o cóccix no chão, a coluna ereta). Cada evocação goética deve ser precedida por um momento de "entrar no Santo dos Santos" – um minuto de silêncio absoluto onde você ativa a Pedra Fundamental dentro de você.

## 6.5. *AS DUAS COLUNAS – BOAZ E JACHIN (A POLARIDADE CÓSMICA)*

Diante do pórtico do Templo, Salomão ergueu duas colunas de bronze, cada uma com 18 côvados de altura (cerca de 8 metros), com capitéis de 5 côvados (1 Reis 7:15-22). A da direita (sul) chamava-se JACHIN (Ele estabelecerá) e a da esquerda (norte) chamava-se BOAZ (Nele está a força).

- JACHIN é a coluna da LUZ, da Misericórdia, do masculino, do Sol nascente.
- BOAZ é a coluna da TREVA, da Severidade, do feminino, da Lua minguante.

Juntas, elas representam o EIXO DO MUNDO – os dois pilares que sustentam o céu. Na Maçonaria, essas colunas são a base de todo o sistema iniciático. Para o mago, Boaz e Jachin são as duas colunas da Árvore da Vida: Jachin é Chesed (Misericórdia) e Boaz é Geburah (Severidade). O operador deve EQUILIBRAR essas duas forças para não cair na complacência (Jachin sozinho) ou na crueldade (Boaz sozinho). O Caminho do Meio (Tiferet) é onde o Templo se ergue.

TÓPICO 7

# A RAINHA DE SABÁ – ACORDO SEXUAL PARA GERAR UMA LINHAGEM OU DISPUTA DE MAGIA NEGRA?

Este é o tópico mais sensual, perigoso e mal compreendido do corpus salomônico. A visita da Rainha de Sabá a Jerusalém (1 Reis 10:1-13) é um enigma que combina intriga geopolítica, alquimia sexual, espionagem mística e a fundação de uma dinastia rival.

## 7.1. *QUEM ERA A RAINHA DE SABÁ? A GEOGRAFIA DO MITO*

O reino de Sabá (Sheba) era localizado no sudoeste da Arábia (atual Iêmen) e possuía colônias na Etiópia (Axum). Era uma civilização RICA, que controlava o comércio de incenso, mirra, ouro e marfim – exatamente os produtos que Salomão precisava para seu Templo. Os sabeus construíram grandes represas (como a de Marib) e eram conhecidos por seu conhecimento astronômico.

Mas a tradição etíope (Kebra Nagast, capítulos 20-30) identifica a Rainha como MAKEDA, uma soberana que governava a Etiópia e o Iêmen. Ela teria ouvido falar da sabedoria de Salomão e viajado com uma caravana de ouro, pedras preciosas e especiarias para testá-lo.

Para o ocultista, a Rainha de Sabá não é uma figura histórica apenas; é a personificação da SHEKINAH EXILADA, a face feminina de Deus que Salomão buscará incansavelmente. Ela é o "outro lado" – a polaridade que falta no monoteísmo estrito.

## 7.2. *O TESTE DOS ENIGMAS – A DISPUTA DE SABEDORIA*

O relato bíblico (1 Reis 10:1) diz que a Rainha veio para "provar" Salomão com perguntas difíceis. O texto hebraico (be-chidot) significa "enigmas" ou "adivinhações" – um termo usado em juízo e em duelos de magia. O Targum Sheni (uma versão aramaica do Livro de Ester) expande esse relato com um diálogo intenso.

Segundo o Targum Sheni, Salomão comanda e faz uma festa para um impressionante exército de animais, pássaros e espíritos demoníacos como seus súditos. A rainha pede que ele resolva três enigmas. As perguntas incluem:

- "O que é uma árvore que não dá fruto, mas que sustenta o mundo?" Resposta: A árvore da vida (ou a Torá, que sustenta a criação, mas não tem "fruto" material).
- "O que é uma água que não vem do céu, mas que corre e molha o chão?" Resposta: As lágrimas dos olhos.
- "O que é o mais pesado e o mais leve do mundo?" Resposta: A sabedoria (pesada) e o fôlego (leve).

Este jogo de enigmas é um DUELO DE MAGIA. Salomão responde a todos com maestria, mostrando que a "Binah" (a compreensão) que ele recebeu de Deus supera qualquer sabedoria humana ou astral. A Rainha, humilhada e deslumbrada, proclama: "Na verdade, a tua sabedoria excede a fama que ouvi."

## 7.3. *O ENCONTRO SEXUAL – A UNIÃO ALQUÍMICA E O NASCIMENTO DE MENELIK I*

A tradição etíope (Kebra Nagast) afirma que Salomão seduziu a Rainha de Sabá. Segundo a lenda, Salomão fez um juramento de que não a tocaria, mas que ela não tomaria nada dele. Na noite do encontro, ele colocou um vaso de água perto da cama. Durante a noite, a Rainha acordou com sede, e Salomão a acusou de "tomar água" dele, quebrando o juramento. Como penalidade, ele a tomou sexualmente. Dessa união nasceu MENELIK I, o fundador da dinastia salomônica da Etiópia, que governou até o século XX (com o imperador Haile Selassie I, que se dizia descendente de Salomão e da Rainha de Sabá).

Para o ocultista, essa união não é luxúria; é ALQUIMIA SEXUAL. Salomão (o Sol, o Rei, o Masculino) uniu-se à Rainha (a Lua, a Rainha, o Feminino) para criar um FILHO DOURADO (Menelik = "filho do sábio" em amárico). A União de Sol e Lua gera o "Rebis" alquímico – o ser andrógino que transcende as polaridades. A Rainha de Sabá é a "Materia Prima" da alquimia salomônica.

> **INSIGHT OPERACIONAL**
>
> Se você pratica magia sexual (como os rituais de Crowley ou da tradição tântrica), a união Salomão-Sabá é o arquétipo perfeito: o mago (Sol) se une à sua parceira (Lua) para gerar uma energia (o Filho) que pode ser direcionada para um objetivo mágico (a criação de um "menino de ouro" ou a materialização de um sonho). O segredo está no JURAMENTO QUEBRADO – a tensão criada pelo pacto e sua violação é o que gera a faísca alquímica.

## 7.4. *A ARCA DA ALIANÇA EM AXUM – O ROUBO DIVINO E A LINHAGEM SALOMÔNICA*

Segundo o Kebra Nagast, Menelik I, já adulto, viajou a Jerusalém para visitar seu pai. Lá, ele e um grupo de jovens israelitas (filhos dos nobres) roubaram a Arca da Aliança e a levaram para a Etiópia, para Axum. A tradição etíope afirma que a Arca está guardada na Igreja de Nossa Senhora Maria de Sião, em Axum, até hoje, vigiada por um monge que ninguém pode ver.

Este é o MAIOR SEGREDO GEOPOLÍTICO DA TRADIÇÃO. Se a Arca está na Etiópia, então o Templo de Jerusalém foi desprovido de seu poder central muito antes da invasão babilônica. Salomão, segundo essa versão, teria permitido o roubo (ou fingido não ver) para enviar a energia feminina (Asherah/Shekinah) para o sul, para equilibrar o reino. A Etiópia é, portanto, a guardiã da Linhagem de Salomão, enquanto Jerusalém é a guardiã da Lei (a Torá).

## 7.5. *A VISÃO ISLÂMICA (ALCORÃO SURAH 27) – O REI DOS JINNS E A METAMORFOSE*

O Alcorão conta uma versão diferente. Em Surah 27 (An-Naml), Salomão (Sulayman) tem um exército de humanos, jinns e pássaros. O pássaro Hudhud (a poupa) informa Salomão sobre a Rainha de Sabá (Bilqis) e seu reino, onde as pessoas adoram o Sol em vez de Alá. Salomão envia uma carta para Bilqis, convidando-a ao monoteísmo. A Rainha, após uma disputa diplomática, vai a Salomão e aceita a fé.

Mas o detalhe oculto: Salomão pede que o trono de Bilqis seja trazido a ele num piscar de olhos (um jinn chamado Ifrit oferece, mas Asafe, um humano sábio, consegue trazer o trono ainda mais rápido, demonstrando que a magia humana supera a jinn). Salomão disfarça o trono para testar a Rainha, e ela é aprovada.

Para o ocultista sincrético, as três visões (Bíblica, Etíope e Islâmica) se complementam:

- A Bíblia fala do CONHECIMENTO.
- O Kebra Nagast fala da LINGUAGEM (a dinastia).
- O Alcorão fala do PODER (o controle sobre jinns e ventos). A Rainha de Sabá é o ARQUÉTIPO DA BUSCA – ela viaja milhas para encontrar a verdade, é testada, e deixa sua marca na história. Salomão não a converteu; ele a TRANSFORMOU.

## 7.6. *O PREÇO DA RAINHA – O DESPERTAR DO CIÚME E A QUEDA*

O problema da união com a Rainha de Sabá (simbolizada pelas 700 esposas) foi o SINCRETISMO. Ao trazer a deusa da Sabá (que era a Lua/Sol/Shekinah) para Jerusalém, Salomão desequilibrou a balança. O Templo foi construído para Javé, mas a presença de Asherah, Astarte e Milcom polarizou a energia do santuário. Os profetas (como Aías de Siló) viram isso como idolatria, mas Salomão via como PESQUISA OPERACIONAL.

O preço foi o colapso da unidade do reino. A Rainha de Sabá gerou uma linhagem rival (a Etiópia) que se tornaria, séculos depois, a guardiã da Arca – enquanto Jerusalém perdeu a Arca. Salomão, ao se unir à Rainha, dividiu o legado de Davi em duas: o norte (Israel) para Jeroboão, o sul (Judá) para Roboão, e a Etiópia para Menelik. Três filhos, três destinos, três Templos. O rei do Abismo tentou unir todos os fios e acabou emaranhado neles.

PARTE III

# OS GRIMÓRIOS E A TRADIÇÃO OCULTA (A LETRA MORTA QUE VIVE)

As Partes I e II foram o mergulho no barro e no sonho – vimos Salomão como rei de carne e osso, vimos o Templo como máquina de ressonância e a Rainha de Sabá como arquétipo da busca alquímica. Agora, entramos no TERRITÓRIO DA LETRA MORTA QUE VIVE. Os grimórios atribuídos a Salomão não foram escritos por ele – são pseudepígrafos, textos falsamente atribuídos para ganhar autoridade. Mas para o operador, essa "falsidade" é irrelevante. O que importa é que esses livros são MAPAS OPERACIONAIS que funcionam, independentemente de quem os escreveu.

A tradição mágica salomônica é um fenômeno de TRANSMISSÃO CULTURAL complexo, que atravessou séculos e fronteiras linguísticas: do grego ao latim, do hebraico ao italiano, do árabe ao francês, e finalmente ao inglês. Cada tradução, cada cópia, cada glossário marginal

acrescentou camadas de significado e poder. Os grimórios não são documentos históricos estáticos – são ORGANISMOS VIVOS que evoluíram com cada operador que os usou.

O estudioso Julien Véronèse observa que a Clavicula Salomonis é "um dos textos mais emblemáticos da magia erudita do final da Idade Média e do Renascimento, e também um dos mais sulfurosos". Esta "sulfurização" – a reputação de ser um texto perigoso e proibido – é exatamente o que lhe deu poder. Quanto mais perseguido, mais poderoso o texto se tornava, pois a energia da perseguição alimentava a egrégora.

Esta Parte III é a dissecação da tradição manuscrita – vamos rastrear cada grimório, cada manuscrito, cada tradução, e extrair o SUCO OPERACIONAL que o mago moderno precisa. Não vamos nos contentar com a superfície. Vamos mergulhar nas variantes textuais, nas influências cruzadas entre o judaísmo, o cristianismo e o Islã, e na ARQUEOLOGIA DOS SELOS que compõem a tecnologia operacional da magia salomônica.

TÓPICO 8

# A CLAVICULA SALOMONIS – NÃO É ANTIGA (É RENASCENTISTA), MAS A ESTRUTURA OPERA

A Clavicula Salomonis (Chave de Salomão) é o grimório mais famoso do ocidente – e o mais mal compreendido. Não é um texto, mas uma FAMÍLIA DE TEXTOS, uma tradição manuscrita que se espalhou pela Europa entre os séculos XV e XVIII, assumindo formas diferentes em cada idioma e em cada cópia.

## 8.1. *A DATAÇÃO E OS MANUSCRITOS – O ENIGMA DA ORIGEM E A ARQUEOLOGIA TEXTUAL*

A Clavicula Salomonis é um grimório pseudepígrafo atribuído ao rei Salomão. A datação exata é objeto de debate acadêmico, mas o consenso aponta para o século XIV ou XV, no contexto do Renascimento italiano. O texto original provavelmente era em latim ou italiano. A maioria dos manuscritos sobreviventes data do final do século XVI, XVII ou XVIII.

O MANUSCRITO MAIS ANTIGO CONHECIDO é uma tradução italiana datada de 1466, descoberta recentemente. Esta datação é revolucionária: ela sugere que a Clavicula em italiano pode ter precedido o mais antigo manuscrito latino conhecido. Isto inverte a narrativa

tradicional de que o latim foi a língua original. É possível que a Clavicula tenha surgido na Itália, em um ambiente de sincretismo entre magia judaica, cristã e islâmica, e só depois tenha sido traduzida para o latim.

Há também um manuscrito grego antigo do século XV (Harley MS 5596, na British Library) que está intimamente associado ao texto. Este manuscrito grego é referido como o Tratado Mágico de Salomão (The Magical Treatise of Solomon), e foi publicado por Armand Delatte em Anecdota Atheniensia (Liège, 1927, pp. 397-445). Seu conteúdo é muito semelhante ao da Clavicula.

O estudioso Stephen Skinner observa que há uma referência latina à Clavicula Salomonis já em meados do século XV, em um panfleto endereçado ao Duque João da Borgonha. Isto estabelece que o título "Clavicula Salomonis" já circulava na primeira metade do século XV.

Portanto, a Clavicula não é um texto "original" de Salomão, mas uma COMPILAÇÃO RENASCENTISTA que absorveu camadas de tradição: magia greco-romana da antiguidade tardia (especialmente os Papiros Mágicos Gregos), teosofia cabalística judaica, influências de magos muçulmanos (como o Ghayat al-Hakim, o "Picatrix"), e a filosofia natural de Agrippa.

## 8.2. *A VERSÃO HEBRAICA – O SEPHER MAPHTEAH SHELOMOH E O DEBATE SOBRE A ORIGEM JUDAICA*

Existe uma versão hebraica da Clavicula, chamada Sepher Maphteah Shelomoh ("O Livro da Chave de Salomão"). O manuscrito mais famoso é o manuscrito Gollancz, uma cópia em hebraico cursivo feita em Amsterdã,

datada de 1700. Hermann Gollancz (1852-1930), um rabino britânico e professor de hebraico na University College London, encontrou o manuscrito na biblioteca de seu pai e o publicou em 1903 e 1914.

Existem três fontes manuscritas do texto: a) O manuscrito Gollancz, escrito em Amsterdã em 1700, com 79 fólios. b) O manuscrito Rosenthaliana MS 12, f. 1-74, na Bibliotheca Rosenthaliana em Amsterdã. Consiste em 74 fólios, escritos por Isaac Zekel ben Yidel Kohen de Worms em Amsterdã, a partir de uma cópia de Judah Perez (Londres, 1729). É o manuscrito mais completo. c) Dois manuscritos na British Library: Oriental MS 6360 (15 fólios) e Oriental MS 14759 (53 fólios). Rohrbacher-Sticker estabeleceu que um é a continuação do outro, formando efetivamente um manuscrito de 68 fólios.

Apesar de Gollancz desejar acreditar que havia encontrado o original hebraico da Chave, ele próprio concede que uma inspeção apressada desses manuscritos pode facilmente convencer alguém de que eles são "qualquer coisa menos judeus em caráter", contendo ilustrações que, aos olhos da Lei Judaica, seriam consideradas blasfemas.

O estudioso Robert Mathiesen afirma que todos os manuscritos hebraicos do Maphteah Shelomoh foram "escritos no final do século XVII ou no século XVIII". Isto coloca a versão hebraica como posterior à versão latina/italiana, e não como sua fonte.

Pesquisas recentes, no entanto, têm desafiado a suposição predominante de que as versões hebraicas da Clavicula Salomonis só começaram a aparecer no final do século XVII. Um artigo no Harvard Theological Review

documenta a descoberta de uma Clavicula Salomonis em hebraico já no século XVI. Isto sugere que a tradição hebraica pode ser mais antiga do que se pensava, e que o fluxo de influência pode ter sido bidirecional.

O conteúdo do Sepher Maphteah Shelomoh é uma mistura de elementos judaicos, cristãos e árabes. Gollancz acreditava que as 26 orações no primeiro livro do Sepher Maphteah Shelomoh eram "profundamente judaicas", mas estudos posteriores confirmaram que são traduções de fontes latinas, como o Liber Juratus (o "Livro Juramentado" de Honório). O texto hebraico, portanto, é mais uma tradução e adaptação do que um original.

> **INSIGHT OPERACIONAL**
>
> A Clavicula não é um texto "puro" – é uma COLCHA DE RETALHOS. E é justamente por isso que funciona. Ela acumulou camadas de egrégora ao longo de séculos. Quando você usa um pentáculo da Clavicula, está acionando não apenas a intenção do operador, mas a SOMA DE TODOS OS MAGOS QUE JÁ USARAM AQUELE MESMO PENTÁCULO. A pureza da origem é irrelevante; a POTÊNCIA DA TRADIÇÃO é o que importa.

## 8.3. *A INFLUÊNCIA DE AGRIPPA E O HEPTAMERON – A FILOSOFIA OCULTA COMO BASE*

Uma das descobertas mais importantes da pesquisa recente é que o gênero dos grimórios salomônicos pode ter se originado a partir das obras do século XVI de Heinrich Cornelius Agrippa. Agrippa (1486-1535) foi o grande sistematizador da magia renascentista, e sua obra De Occulta Philosophia (1533) é a espinha dorsal de toda a magia cerimonial posterior.

A Clavicula é, em grande parte, uma VULGARIZAÇÃO DE AGRIPPA – uma tentativa de transformar a filosofia complexa de Agrippa em um manual prático de operações. O Heptameron de Pedro de Abano (um texto de magia angelical do século XIII) também é uma fonte importante. O Sepher Maphteah Shelomoh contém uma seção intitulada "O Livro da Luz", que é uma cópia direta do Heptameron. O Heptameron é também a fonte dos perfumes planetários encontrados no Sepher Maphteah Shelomoh.

A estrutura da Clavicula – com suas preparações preliminares, dias e horas planetárias, banhos rituais, vestes de linho e pentáculos – é essencialmente uma aplicação prática da filosofia de Agrippa. A magia planetária de Agrippa forneceu o arcabouço teórico; a Clavicula forneceu o manual do usuário.

## 8.4. *A TRADUÇÃO DE MATHERS – O MOMENTO FUNDADOR DA MAGIA OCIDENTAL MODERNA*

Em 1888, Samuel Liddell MacGregor Mathers, um dos fundadores da Ordem Hermética da Aurora Dourada (Golden Dawn), publicou a primeira tradução inglesa completa da Clavicula Salomonis. Mathers traduziu o texto a partir de manuscritos latinos mantidos na British Library, incluindo Additional MS 10862, Alnwick MS 584, Harley MS 3981, Kings MS, Sloane MS 1307, Lansdowne MS 1202 e Lansdowne MS 1203.

A tradução de Mathers não era acadêmica – era OPERACIONAL. Ele não estava interessado na história do texto; estava interessado em FAZER O TEXTO FUNCIONAR. E funcionou. A Clavicula de Mathers tornou-se a BÍBLIA da magia cerimonial ocidental, influenciando Crowley, a Golden Dawn e praticamente todos os magos do século XX.

Mathers era um membro fundador da Golden Dawn, e sua tradução reflete a abordagem da ordem: uma mistura de cabala, magia cerimonial, egyptomania e teosofia. A tradução de Mathers não é isenta de críticas – ele frequentemente "melhorava" o texto, adicionando ou modificando passagens para se adequar à sua visão teosófica. Mas, para o operador, isso é irrelevante. O que importa é que a tradução de Mathers criou um CAMPO DE RESSONÂNCIA que ainda vibra.

## 8.5. *A ESTRUTURA DA CLAVICULA – O MANUAL DO OPERADOR E A TECNOLOGIA DOS PENTÁCULOS*

A Clavicula é dividida em dois livros principais:

**LIVRO I:** Contém as preparações preliminares – os dias e horas para as operações, as vestes (linho fino, evitando lã e couro de animal morto), os banhos rituais, a confecção dos pentáculos (em metais específicos: ouro para o Sol, prata para a Lua, cobre para Vênus, estanho para Júpiter, ferro para Marte, chumbo para Saturno, e uma liga de metais para Mercúrio), e as orações de invocação.

**LIVRO II:** Contém os pentáculos propriamente ditos – cada um com um propósito específico (amor, riqueza, invisibilidade, exorcismo, etc.) e as instruções para sua confecção e uso.

Os pentáculos da Clavicula não são meros desenhos – são DISPOSITIVOS DE LIGAÇÃO. Cada pentáculo é uma composição geométrica de nomes divinos (Tetragrammaton, Adonai, Elohim, etc.), selos angelicais e símbolos planetários. Eles são desenhados em um dia e hora específicos, com metais específicos, e consagrados com incenso e orações. O pentáculo é uma ANTENA – ele sintoniza a mente do operador com a força planetária ou espiritual correspondente.

O material do pentáculo é crucial. O ouro, por exemplo, é um condutor excelente de energia – não por acaso, é o metal do Sol, a fonte de toda a vida no sistema solar. A prata é o metal da Lua, da intuição e da receptividade. O cobre é o metal de Vênus, da atração e da ligação. Cada metal tem uma frequência vibracional específica que ressoa com a força planetária correspondente.

## 8.6. *A CRÍTICA ACADÊMICA E A INFLUÊNCIA NA TRADIÇÃO CANÔNICA*

A Clavicula Salomonis não é apenas um texto mágico – é um fenômeno cultural que influenciou tanto as tradições mágicas quanto as canônicas de conjuração de demônios, especialmente no século XV. Ela foi usada como fonte por inquisidores e demonologistas, que a citavam como prova da realidade da magia e da necessidade de sua perseguição.

A Clavicula também influenciou a tradição da magia angélica. O sistema de pentáculos foi adaptado por magos angelicais como John Dee e Edward Kelley, que criaram seu próprio sistema de invocação baseado na estrutura da Clavicula. A influência da Clavicula pode ser vista em obras posteriores como o Lemegeton (a Chave Menor de Salomão).

### INSIGHT OPERACIONAL

Não importa se a Clavicula foi escrita por Salomão, por um rabino amsterdão do século XVII ou por um copista italiano do século XV. O que importa é que a ESTRUTURA FUNCIONA. A Clavicula é um SISTEMA OPERACIONAL – e como qualquer sistema operacional, o que importa é a compatibilidade com o hardware (sua mente) e a eficácia do software (os rituais). A tradição de uso da Clavicula ao longo de séculos criou um EGRÉGORA PODEROSO – uma inteligência coletiva que torna os rituais mais fáceis de executar e mais eficazes. Quando você usa um pentáculo da Clavicula, você não está sozinho – está operando dentro de um CAMPO DE RESSONÂNCIA que inclui Mathers, Crowley, Dee, Agrippa e milhares de magos anônimos.

TÓPICO 9

# O TESTAMENTO DE SALOMÃO – O TRATADO DE PSICOSSOMÁTICA MÁGICA EM GREGO

Se a Clavicula é o manual do mago renascentista, o Testamento de Salomão é a MATRIZ – o texto mais antigo da tradição salomônica, escrito em grego, que descreve Salomão como um exorcista e interrogador de demônios. É um documento de importância capital para entender a psicologia da magia salomônica.

## 9.1. *A DATAÇÃO E OS MANUSCRITOS – A ANTIGUIDADE DO TEXTO E A TRADIÇÃO MANUSCRITA GREGA*

O Testamento de Salomão (em grego: Διαθήκη Σολομῶνος) é um texto pseudepígrafo que sobrevive apenas em grego. A única edição crítica é a de C.C. McCown, The Testament of Solomon, editado a partir de manuscritos em Monte Atos, Bolonha, Holkham Hall, Jerusalém, Londres, Milão, Paris e Viena.

A tradição manuscrita é complexa. McCown utilizou manuscritos com as seguintes siglas:

- A = Recensão A, incluindo os MSS HIL
- C = narrativa altera de Onoskelu
- N = Mosteiro de São Saba (Jerusalém)

- D = Mosteiro de Dionísio (Monte Atos)
- P = Biblioteca Nacional da França, Ancien fonds grec
- W = Paris, Bibliothèque nationale de France, gr. 2419 (séc. XV)
- I = Paris, Bibliothèque nationale de France, suppl. gr. 500 (séc. XVI)
- Q e outros manuscritos

O manuscrito mais antigo conhecido é o O (siglum O), que data do século XII. Um fragmento de papiro do Testamento foi descoberto e datado do século V-VI d.C., o que coloca o texto em circulação pelo menos desde a antiguidade tardia.

A primeira publicação de trechos do Testamento foi feita por G. Gaulmin em 1615, em uma obra falsamente atribuída a Michael Psellos. Charles du Fresne, sieur du Cange, imprimiu o título do Testamento a partir do manuscrito P em 1686-1687. J.A. Fabricius coletou e republicou os trechos de Gaulmin em 1713-1723. A editio princeps (primeira edição completa) foi publicada por F.F. Fleck em 1837, a partir do manuscrito P. J.-P. Migne reimprimiu esta edição em 1864. F.C. Conybeare publicou uma tradução em 1898.

## 9.2. *A ESTRUTURA DO TESTAMENTO – O MANUAL DO EXORCISTA E A INTERROGAÇÃO DOS DEMÔNIOS*

O Testamento de Salomão é narrado em primeira pessoa pelo próprio Salomão. A história começa quando um demônio chamado ORNIAS (Ορνιας) começa a atormentar um jovem, sugando sua energia e causando-lhe sofrimento. Salomão, usando um anel mágico com o selo de Deus (um pentagrama ou a assinatura do Tetragrammaton), interroga o demônio e descobre seu nome e sua função.

A partir daí, o Testamento se torna um CATÁLOGO DE DEMÔNIOS – Salomão convoca, interroga e subjuga demônios um por um, forçando-os a revelar seus nomes, suas funções e os anjos que os combatem. Cada demônio é obrigado a realizar uma tarefa específica para a construção do Templo – eles cortam pedras, fundem metais, transportam materiais.

O Testamento é um TRATADO DE PSICOSSOMÁTICA MÁGICA. Cada demônio representa uma PATOLOGIA PSÍQUICA – luxúria, ciúme, violência, mentira. Salomão não exorciza os demônios para eliminá-los; ele os INTERROGA e os OBRIGA A TRABALHAR para ele. Esta é a grande lição do Testamento: os demônios (seus complexos, seus traumas, seus vícios) não precisam ser destruídos – precisam ser CONHECIDOS, NOMEADOS e COLOCADOS PARA TRABALHAR. Quando você sabe o nome do seu demônio, você tem poder sobre ele. O Testamento é o manual original da JUNGIANIZAÇÃO DA MAGIA – a integração da sombra como ferramenta de construção.

## 9.3. *OS DEMÔNIOS DO TESTAMENTO – AS RAÍZES DA GOÉTIA E A HIERARQUIA DEMONÍACA*

O Testamento lista 36 demônios (em algumas versões, mais). Entre eles estão:

- ORNIAS (Ορνιας): O primeiro demônio, que possui um menino e suga sua energia. Ele é descrito como tendo a forma de um cavalo ou de um homem com cabeça de cavalo. Ele reina sobre a luxúria e a fornicação.
- ASMODEUS (Ασμοδαῖος): O demônio mais poderoso do Testamento. Ele é descrito como o "rei dos demônios" e o rival de

Salomão. Ele tem três cabeças – uma de touro (que cospe fogo), uma de carneiro (que cospe veneno) e uma de águia (que cospe fumaça). Ele é o demônio da luxúria, do ciúme e da destruição dos lares. Asmodeus revela a Salomão que ele é o mesmo demônio que matou os sete maridos de Sara, a filha de Raguel, no Livro de Tobias. Asmodeus é também o demônio que, segundo a lenda árabe, obteve posse do anel de Salomão e o lançou ao mar, privando Salomão de seu poder até que ele descobrisse o anel dentro de um peixe.

- BEEZEBUB (Βεελζεβούλ): O "senhor das moscas", o príncipe dos demônios, que reina sobre os demônios do ocidente.
- LILITH (Λίλιθ): A famosa demônia noturna, que estrangula crianças e seduz homens durante o sono.
- **EPHIPPAS:** Um demônio que tem a forma de um cavalo e ensina a arte da adivinhação.

A lista de demônios do Testamento é a base para a Ars Goetia. Os 72 demônios da Goétia são, em grande parte, uma expansão e sistematização dos 36 demônios do Testamento.

## 9.4. *O ANEL DE SALOMÃO – O SELO DE PODER E A ARQUEOLOGIA DO AMULETO*

No Testamento, Salomão recebe um anel com o "selo de Deus" do arcanjo Miguel. A descrição é precisa: "Então aconteceu que, enquanto eu orava ao Deus do céu e da terra, foi-me concedido pelo Senhor Sabaoth, através do arcanjo Miguel, um anel que tinha um selo gravado em uma pedra preciosa". Miguel disse a Salomão: "Salomão, filho de Davi, toma o presente que o Senhor Deus, o altíssimo Sabaoth, te enviou; [com ele] tu

aprisionarás todos os demônios, tanto femininos quanto masculinos, e com a ajuda deles construirás Jerusalém quando portares este selo de Deus. E esta gravação do selo do anel que te é enviado é um Pentalpha."

O anel de Salomão não é um objeto físico – é uma METÁFORA OPERACIONAL. O anel representa a CONSCIÊNCIA DE AUTORIDADE. O selo (pentalpha, ou pentagrama) é o símbolo da ligação entre o microcosmo (o operador) e o macrocosmo (o divino). O nome gravado no anel, segundo a tradição goética, é "Tetragrammaton Sabaoth" (YHVH Sabaoth) – o nome de Deus como Senhor dos Exércitos. Este é o nome mais frequentemente associado ao anel de Salomão.

O anel de Salomão também é mencionado por Flávio Josefo, que descreve magos usando um anel com uma raiz mencionada por Salomão para exorcizar demônios. Josefo escreve: "Ele colocou um anel que tinha uma raiz de um daqueles tipos mencionados por Salomão nas narinas do endemoninhado [a pessoa possuída], após o que ele extraiu o demônio através de suas narinas; e quando o homem caiu imediatamente, ele conjurou o demônio a não retornar a ele, fazendo ainda menção de Salomão, e recitando as encantações que ele [Salomão] compôs". Isto confirma que o anel de Salomão era um objeto real na cultura material da antiguidade tardia, usado por exorcistas judeus e pagãos.

Uma descoberta arqueológica recente na Turquia – um amuleto de bronze de 1.600 anos representando Salomão a cavalo, com os nomes dos quatro arcanjos (Azrail, Gabriel, Miguel e Israfil) inscritos em grego – confirma a circulação do mito do anel de Salomão no mundo bizantino. O amuleto, que data dos séculos V-VI d.C., é uma prova material da popularidade do Testamento de Salomão.

## 9.5. *A TEOLOGIA DO TESTAMENTO – O SINCRETISMO GREGO-JUDAICO E A FUNÇÃO DO EXORCISMO*

O Testamento é um documento de SINCRETISMO RELIGIOSO. Ele mistura elementos judaicos (o Tetragrammaton, o selo de Deus, a construção do Templo) com elementos gregos (a demonologia é inspirada nos daimones gregos, e os nomes dos demônios são frequentemente gregos ou helenizados). O texto reflete o mundo do judaísmo helenístico – judeus que viviam no mundo greco-romano e absorveram sua cultura, mas mantinham sua identidade religiosa.

O Testamento é, antes de tudo, um MANUAL DE EXORCISMO. Sua função prática era fornecer aos exorcistas os nomes dos demônios e os procedimentos para subjugá-los. O conhecimento do nome de um demônio era considerado essencial para o exorcismo – sem o nome, o demônio não podia ser controlado. O Testamento fornecia esse conhecimento.

A recepção do Testamento no mundo bizantino foi significativa. Várias cópias foram encontradas em mosteiros no Monte Atos. O texto foi considerado apócrifo pela igreja – não canônico, mas não proibido. Ele circulou entre monges e eruditos como uma curiosidade teológica e um manual de exorcismo.

TÓPICO 10

# A GOÉTIA (ARS GOETIA) – OS 72 NO VASO DE BRONZE E A TECNOLOGIA DA EVOCAÇÃO

Se o Testamento de Salomão é a matriz, a Ars Goetia é o PRODUTO FINAL – o sistema mais completo, mais estruturado e mais operacionalmente eficaz de evocação demoníaca do ocidente.

## 10.1. *O LEMEGETON – A CHAVE MENOR DE SALOMÃO E A COMPILAÇÃO DO SÉCULO XVII*

A Ars Goetia é o Livro I do Lemegeton, também conhecido como A Chave Menor de Salomão (Latim: Clavicula Salomonis Regis). O Lemegeton é um grimório anônimo do século XVII, compilado principalmente a partir de materiais de alguns séculos mais antigos. O manuscrito original pode ser encontrado no Museu Britânico.

O Lemegeton é dividido em cinco livros:

- ARS GOETIA (Livro I): A evocação dos 72 demônios.
- ARS THEURGIA-GOETIA (Livro II): A evocação dos espíritos do éter.
- ARS PAULINA (Livro III): A magia angélica (atribuída ao apóstolo Paulo).
- ARS ALMADEL (Livro IV): A magia dos 12 anjos do zodíaco.

- ARS NOTORIA (Livro V): A magia da memória e do conhecimento.

A Ars Goetia é o livro mais famoso e mais utilizado. A datação dos manuscritos sugere que a compilação ocorreu em meados do século XVII, por volta de 1657.

## 10.2. *A ORIGEM DOS 72 DEMÔNIOS – DO TESTAMENTO PARA A GOÉTIA, PASSANDO POR WEYER*

Os 72 demônios da Ars Goetia não surgiram do nada. Eles são uma expansão e sistematização dos demônios do Testamento de Salomão, combinados com influências de grimórios anteriores.

A fonte mais óbvia para a Ars Goetia é a Pseudomonarchia Daemonum de Johann Weyer, em sua obra De praestigiis daemonum (1563). Weyer, um médico e demonologista, compilou uma lista de 69 demônios, com suas hierarquias e funções. A Ars Goetia expandiu esta lista para 72, e adicionou os selos (sigilos) de cada demônio – um elemento ausente em Weyer.

A tradição goética remonta a antigas tradições de espíritos da Mesopotâmia e do Egito. Os 72 demônios são, em sua essência, INTELIGÊNCIAS NEUTRAS – forças de ordem e conhecimento que foram posteriormente demonizadas pela teologia cristã.

O número 72 tem um significado profundo:

- 72 é o número de nomes de Deus na Cabala (os 72 nomes de Shem HaMeforash).
- 72 são os tradutores da Septuaginta (a tradução grega da Bíblia).
- 72 são os discípulos enviados por Jesus no Evangelho de Lucas.

- 72 são os graus do zodíaco (30 graus x 12 signos = 360; dividido por 5 = 72).
- 72 é o número da COMPLETUDE CÓSMICA.

Os 72 demônios são, portanto, os ESPELHOS NEGATIVOS dos 72 nomes de Deus. Cada demônio é a face obscura de um nome divino. Evocar um demônio é evocar a SHADOW de uma força divina.

## 10.3. *O MANUSCRITO DE DR. RUDD – A TRADIÇÃO ANGELICAL DA GOÉTIA*

Um dos manuscritos mais importantes da tradição goética é o manuscrito de Dr. Thomas Rudd (1583-1656). O manuscrito, Harley MS 6483 na British Library, é uma transcrição feita em 1712-1713 pelo advogado Peter Smart, a partir de um manuscrito anterior pertencente a Rudd.

O manuscrito de Rudd contém os quatro primeiros livros do Lemegeton: o Liber Malorum Spirituum seu Goetia, a Theurgia-Goetia, a Ars Paulina (Livros 1 e 2) e a Ars Almadel. O que torna o manuscrito de Rudd único é a inclusão dos 72 anjos que se opõem aos 72 demônios. Rudd, que era um mago angélico, acreditava que cada demônio deveria ser evocado em conjunto com o anjo que o governa, para garantir a segurança do operador.

O manuscrito de Rudd também inclui uma tabela de nomes de demônios em hebraico, intitulada “After the Hebrew of Dr. Rudd”. Isto sugere que Rudd tinha conhecimento de fontes hebraicas, ou que acreditava que os nomes dos demônios deveriam ser escritos em hebraico para maior eficácia.

Outro manuscrito importante é o Wellcome MS 3203, que contém uma versão da Goétia que omite 18 demônios. Isto indica que não havia um "texto padrão" da Goétia – cada copista e cada operador adaptava a lista de demônios às suas necessidades.

## 10.4. *A LENDA DO VASO DE BRONZE – O APRISIONAMENTO E A LIBERTAÇÃO DOS 72*

Segundo a tradição goética, Salomão atraiu e prendeu 72 seres em um vaso de bronze, selado com símbolos especiais, e o jogou em um lago (ou no mar). Os demônios, enganados pela astúcia de Salomão, entraram no vaso e foram aprisionados.

O vaso era feito de bronze – uma liga de cobre e estanho. O bronze era o metal usado para os "mares de bronze" do Templo. Era um metal de aprisionamento, porque sua ligação molecular era mais forte que a do cobre puro. O bronze é a união do masculino (cobre/Vênus) e do feminino (estanho/Júpiter) – uma síntese alquímica que cria um recipiente indestrutível.

Mais tarde, os babilônios (ou os egípcios, dependendo da versão) encontraram o vaso e, pensando que continha tesouros, o abriram – e os demônios escaparam. Mas eles foram recapturados e novamente selados por magos posteriores.

Esta lenda é uma METÁFORA PODEROSA. O vaso de bronze é a sua PRÓPRIA CONSCIÊNCIA – o recipiente onde você contém suas forças interiores. Os demônios são seus complexos, seus talentos, seus medos. Quando você os "aprisiona" (reprime), eles se acumulam e ganham força.

Quando você os "liberta" (evoca), eles podem ser integrados e colocados para trabalhar. O segredo não é manter os demônios presos – é SABER QUANDO LIBERTÁ-LOS E QUANDO RECAPTURÁ-LOS.

## 10.5. *A EDIÇÃO DE CROWLEY – A PSICOLOGIZAÇÃO DA GOÉTIA*

Em 1904, Aleister Crowley publicou uma edição da Ars Goetia sob o título The Book of the Goetia of Solomon the King. Crowley adicionou invocações adicionais anteriormente não relacionadas à obra original, bem como ensaios descrevendo os rituais como exploração psicológica em vez de invocação de demônios.

Crowley fez algo crucial: ele PSICOLOGIZOU a Goétia. Para Crowley, os demônios não eram entidades externas – eram projeções da psique do operador. Evocar um demônio era EVOCAR UMA PARTE DE SI MESMO. Esta interpretação, embora reducionista, é operacionalmente útil: ela permite ao mago trabalhar com a Goétia sem medo de possessão ou condenação eterna.

Crowley também adicionou os nomes dos 72 anjos que governam os demônios, seguindo a tradição de Dr. Rudd. Isto criou um sistema de evocação mais equilibrado, onde o operador invoca o anjo e o demônio simultaneamente, garantindo que a força evocada seja contida e direcionada.

## 10.6. *O FUNCIONAMENTO DA GOÉTIA – A TÉCNICA DO OPERADOR E OS PROTOCOLOS DE SEGURANÇA*

A Ars Goetia é um SISTEMA COMPLETO de evocação. Inclui:

- **A PREPARAÇÃO:** O mago deve jejuar, purificar-se com banhos rituais, usar vestes de linho, e desenhar o círculo mágico e o triângulo de arte. A preparação é essencial – não é um ritual opcional. Ela alinha o corpo e a mente do operador com as forças que ele está prestes a evocar.
- **A CONJUGAÇÃO:** O mago recita as invocações, usa o sigilo do demônio (desenhado em pergaminho ou metal), e chama o demônio pelo nome. O sigilo é a chave – é a assinatura do demônio, a frequência que o identifica e o convoca.
- **A APARIÇÃO:** O demônio aparece no triângulo de arte (fora do círculo do mago). O mago deve manter a autoridade, não mostrar medo, e comandar o demônio a cumprir sua vontade. O medo é a maior ameaça – se o mago teme, ele perde o controle.
- **A LICENÇA:** O mago deve, ao final, dar licença ao demônio para partir – caso contrário, o demônio pode ficar preso no ambiente, causando problemas. A licença é um protocolo de segurança essencial.

## 10.7. *O PREÇO DA GOÉTIA – A DRENAGEM DO OPERADOR E A SÍNDROME DE SALOMÃO*

Operar a Goétia não é um jogo. É um TRABALHO PESADO. Cada evocação drena energia vital – o que os chineses chamam de jing e os cabalistas de nefesh. O mago que opera a Goétia sem descanso adequado, sem purificação e sem integração psicológica, entra em colapso.

O preço da Goétia é:

- Fadiga física e mental.
- Paranoia (a sensação de que os demônios estão sempre presentes).
- Isolamento social (o mago se torna "estranho" para os outros).
- Drenagem de energia sexual (a libido é canalizada para a evocação).
- Em casos extremos, psicose ou possessão.

É por isso que a Clavicula e o Lemegeton INSISTEM na purificação de 21 dias, na abstinência sexual e na dieta leve. Estes não são mandamentos morais – são PROTOCOLOS DE SEGURANÇA. Eles protegem o operador da drenagem.

A história de Salomão é um aviso. Ele operou a magia por 40 anos, e no final, estava exausto, paranoico e isolado. Seu reino se dividiu, seu Templo foi saqueado, e sua linhagem se dispersou. O preço da magia é alto – e Salomão pagou integralmente.

ADIÇÃO

# ANÁLISE CRÍTICA DAS EDIÇÕES MODERNAS DO LEMEGETON

A edição mais completa e precisa do Lemegeton é a de Joseph H. Peterson (Weiser Books, 2001). Peterson compilou o texto a partir de manuscritos originais e fragmentos da Biblioteca do Museu Britânico. Sua edição inclui análises críticas de todas as principais variações textuais, utilizando traduções de textos mágicos anteriores e manuscritos hebraicos recém-descobertos.

A edição de Peterson é significativamente superior à de Mathers (1888) porque:

- Utiliza múltiplos manuscritos para estabelecer um texto crítico
- Inclui os 72 anjos que governam os demônios (tradição de Dr. Rudd)
- Reproduz os círculos mágicos originais e selos dos espíritos
- Fornece contexto histórico e textual para cada seção

O estudioso Stephen Skinner também produziu edições importantes, incluindo "The Veritable Key of Solomon" (com David Rankine), que apresenta uma análise aprofundada do Sepher Maphteah Shelomoh.

ADIÇÃO

# A TRADIÇÃO MANUSCRITA DO TESTAMENTO DE SALOMÃO

A única edição crítica do Testamento de Salomão é a de C.C. McCown (1922), baseada em manuscritos de Monte Atos, Bolonha, Holkham Hall, Jerusalém, Londres, Milão, Paris e Viena. A edição inclui introdução, texto grego e tradução inglesa.

A tradição manuscrita é complexa, com diferentes recensões:

- Recensão A: A versão mais longa e completa
- Recensão C: Uma narrativa alterada de Onoskelu
- Manuscritos siríaco e árabe ainda não publicados

As diferentes recensões enfatizam aspectos distintos do texto. Algumas versões são mais focadas em demonologia (a lista de demônios e suas funções), enquanto outras enfatizam aspectos medicinais e de exorcismo prático. Esta diversidade sugere que o Testamento foi usado de diferentes formas em diferentes contextos culturais.

O manuscrito mais antigo conhecido (siglum O) data do século XII, mas um fragmento de papiro do século V-VI d.C. confirma que o texto circulava desde a antiguidade tardia.

ADIÇÃO

## A "SULFURIZAÇÃO" DA CLAVICULA E O EGRÉGORA DO PERIGO

O estudioso Julien Véronèse descreve a Clavicula Salomonis como "um dos textos mais emblemáticos da magia erudita do final da Idade Média e do Renascimento, e também um dos mais sulfurosos". Esta "sulfurização" – a reputação de ser um texto perigoso e proibido – é exatamente o que lhe deu poder.

Quanto mais a Igreja e as autoridades perseguiam a Clavicula, mais poderoso o texto se tornava. A energia da perseguição alimentava um EGRÉGORA – um campo de ressonância coletiva criado por todos os magos que usaram o texto, mesmo secretamente. Este egrégora é uma inteligência coletiva que torna os rituais mais fáceis de executar e mais eficazes.

O operador que usa a Clavicula hoje não está sozinho – está operando dentro de um campo de ressonância que inclui Mathers, Crowley, Dee, Agrippa e milhares de magos anônimos ao longo de cinco séculos.

PARTE IV

# LIGAÇÕES RITUAIS E OPERACIONALIDADE (O FORNO DO MAGO)

A Parte I foi o mergulho no barro e no cobre – a arqueologia suja do homem Salomão. A Parte II foi a ascensão ao sonho e ao Templo – a narrativa interna do rei que conversou com Deus e com a Rainha de Sabá. A Parte III foi a dissecação dos grimórios – a letra morta que vive através dos séculos. Agora, chegamos ao FORNO DO MAGO – o coração operacional da tradição salomônica.

Esta Parte IV não é teoria. É TECNOLOGIA APLICADA. É o manual do maquinista que opera a locomotiva espiritual. Vamos destrinchar cada ferramenta, cada gesto, cada palavra, cada respiração. O que parece ritual é, na verdade, ENGENHARIA DE PRECISÃO – e cada desvio de milímetro pode transformar uma evocação em uma possessão.

O estudioso Stephen Skinner, em sua obra fundamental Techniques of Solomonic Magic, traça a transmissão dessa tecnologia através de séculos – do Hygromanteia bizantino à Clavicula Salomonis latina e sua encarnação inglesa como a Key of Solomon. A tradição salomônica, apesar do nome, manteve-se fundamentalmente uma forma grega clássica de magia, com técnicas judaicas como o uso de pentáculos, óleos e água de adivinhação adicionadas ao longo do caminho. É essa camada greco-judaica que dá à Clavicula sua potência operacional única.

TÓPICO 11

# A LITURGIA DO PENTÁCULO – METAIS, CORES, PERGAMINHO E O MANTO DE LINHO FINO

O pentáculo não é um adereço. Não é uma joia. É um DISPOSITIVO DE ENGENHARIA ESPIRITUAL – uma antena sintonizada em uma frequência específica do espectro cósmico. A Clavicula Salomonis dedica capítulos inteiros à sua confecção, e cada detalhe – o metal, a cor, o dia, a hora, a lua, o perfume – é uma variável que, se alterada, compromete toda a operação.

## 11.1. *OS METAIS PLANETÁRIOS – A TABELA PERIÓDICA DA MAGIA*

A Clavicula é categórica: "These Pentacles are usually made of the metal the most suitable to the nature of the Planet". A correspondência é precisa e inegociável, e está documentada em todos os manuscritos da tradição:

- SATURNO → CHUMBO (Pb) – O metal mais denso e pesado, o mais lento, o mais opaco. Saturno é o Senhor do Tempo, da Morte, da Limitação, da Melancolia. O chumbo é o metal da ALQUIMIA NEGRA – o que se decompõe para se transformar em ouro. É o metal do Karma, do destino que não se pode evitar.
- JÚPITER → ESTANHO (Sn) – O metal do expansionismo, da generosidade, da justiça. O estanho é maleável, brilhante, resistente à

corrosão. É o metal do REI MAGNÂNIMO – aquele que distribui riquezas e honras.

- MARTE → FERRO (Fe) – O metal da guerra, da força bruta, da paixão descontrolada. O ferro é duro, quebradiço, magnético. É o metal do GUERREIRO – o que empunha a espada e derrama sangue.
- SOL → OURO (Au) – O metal perfeito, o que não se corroe, o que brilha como a luz divina. O ouro é o metal da ILUMINAÇÃO – o que reflete a glória do Criador.
- VÊNUS → COBRE (Cu) – O metal da atração, da ligação, da sedução. O cobre é o melhor condutor de eletricidade depois da prata – e na magia, eletricidade é energia espiritual. É o metal do AMOR e da LIGAÇÃO DEMONÍACA (o bronze do Vaso de Salomão).
- MERCÚRIO → MISTURA DE METAIS (LIGA) – Mercúrio é o mensageiro, o trickster, o alquimista. Seu metal é a LIGA – a mistura que cria algo novo. É o metal da COMUNICAÇÃO e da TRANSFORMAÇÃO.
- LUA → PRATA (Ag) – O metal da intuição, dos sonhos, do inconsciente. A prata é o melhor condutor de eletricidade de todos os metais – e na magia, é o canal mais puro para a energia espiritual. É o metal da PROFECIA e da MAGIA NOTURNA.

A escolha do metal não é arbitrária. Cada metal tem uma ESTRUTURA ATÔMICA específica, uma FREQUÊNCIA DE RESSONÂNCIA que vibra em harmonia com a força planetária correspondente. O ouro, por exemplo, tem uma frequência de ressonância que se alinha com o Sol – a fonte de toda a vida no sistema solar. A prata se alinha com a Lua – o

refletor da luz solar, o regente dos ciclos e das marés. Usar o metal errado é como tentar sintonizar uma estação de rádio com a antena errada – você pode ouvir chiado, mas não vai captar a música.

O estudioso Stephen Skinner observa que a Clavicula preserva técnicas judaicas como o uso de pentáculos, que foram adicionadas à base grega clássica da magia salomônica. Esta camada judaica é fundamental – a Cabala fornece a estrutura teórica para a correspondência entre metais, planetas e forças espirituais.

## 11.2. *AS CORES PLANETÁRIAS – O ESPECTRO VISÍVEL DO PODER*

Se o pentáculo for feito em pergaminho (e não em metal), as cores substituem os metais. A Clavicula estabelece, em todos os seus manuscritos:

- SATURNO → PRETO – Sete pentáculos consagrados a Saturno são de cor preta. A cor do luto, da noite, do ocultamento. É a cor da matéria não iluminada, daquilo que ainda não se manifestou.
- JÚPITER → AZUL CELESTIAL – Sete pentáculos consagrados a Júpiter são de cor azul. A cor do céu diurno, da expansão infinita, da autoridade divina.
- MARTE → VERMELHO – Sete pentáculos consagrados a Marte são de cor vermelha. A cor do sangue, do fogo, da paixão, da guerra. É a cor da VIDA em estado bruto.
- SOL → DOURADO, AMARELO OU CITRINO – Sete pentáculos consagrados ao Sol são de cor amarela. A cor da luz solar, da iluminação, da riqueza espiritual e material.

- VÊNUS → VERDE – Cinco pentáculos consagrados a Vênus são de cor verde. A cor da vegetação, do crescimento, da fertilidade, da atração.
- MERCÚRIO → CORES MISTAS – Cinco pentáculos consagrados a Mercúrio são de cores mistas. Mercúrio é o camaleão – sua cor é a mistura de todas as outras, a iridescência, a mudança constante.
- LUA → PRATA OU COR DE TERRA ARGENTINA – Seis pentáculos consagrados à Lua são de cor prata. A cor da luz refletida, da intuição, dos mistérios da noite.

A Clavicula também menciona três cores principais: "Gold, cinnabar or vermillion red, and celestial or brilliant azure blue". O ouro para o Sol, o vermelhão (cinábrio) para Marte, e o azul celeste para Júpiter. Estas são as cores mais poderosas, as que têm maior densidade energética.

> **INSIGHT OPERACIONAL**
>
> Ao confeccionar um pentáculo, você não está fazendo um desenho – está inscrevendo uma FREQUÊNCIA no metal ou no pergaminho. Cada traço, cada nome, cada símbolo é uma INSTRUÇÃO PARA O ÉTER. Use pigmentos naturais sempre que possível – o vermelhão (sulfeto de mercúrio) para o vermelho, o azul ultramarino (lápis-lazúli) para o azul, o ouro em folha para o dourado. Os pigmentos modernos não têm a mesma carga vibratória – eles são quimicamente puros demais, desprovidos das impurezas que os antigos consideravam "virtudes".

## 11.3. *O PERGAMINHO VIRGEM – O SUPORTE FÍSICO DA MAGIA*

O pergaminho (ou papel) deve ser VIRGEM – "never having been used for any other purpose". Não pode ter sido usado para escrever cartas, desenhos ou anotações. Deve ser novo, puro, intocado. Se for de metal, deve ser PURIFICADO PELO FOGO – derretido e refundido para remover todas as impurezas e memórias energéticas anteriores.

A Clavicula instrui: "These Pentacles should be made in the days and hours of Mercury, when the Moon is in an aerial or terrestrial sign; she should also be in her increase". Ou seja, a confecção do pentáculo deve ocorrer no DIA E HORA DE MERCÚRIO, quando a Lua está crescendo (fase crescente) e em um signo de ar (Gêmeos, Libra, Aquário) ou de terra (Touro, Virgem, Capricórnio). Esta é a combinação ideal para a "escrita mágica" – Mercúrio rege a comunicação e a escrita, a Lua em crescimento amplifica a intenção, e os signos de ar/terra fornecem estabilidade e clareza.

## 11.4. *O PODER DOS PENTÁCULOS – A FUNÇÃO OPERACIONAL*

Os pentáculos não são meros enfeites. A Clavicula descreve sua função com precisão: "The Medals or Pentacles, which we make for the purpose of striking terror into the Spirits and reducing them to obedience, have besides this wonderful and excellent virtue. If thou invokest the Spirits by virtue of these Pentacles, they will obey thee without repugnance, and having considered them they will be struck with astonishment, and will fear them".

Os pentáculos têm também virtudes contra todos os perigos da Terra, do Ar, da Água e do Fogo, contra venenos, enfermidades, feitiçarias e sortilégios. “Through them do we acquire grace and good-will from man and woman, fire is extinguished, water is stayed, and all Creatures fear at the sight of the Names which are therein, and obey through that fear”.

> **INSIGHT OPERACIONAL**
>
> O pentáculo é uma ARMA. Ele não é para ser admirado – é para ser USADO. Quando você mostra o pentáculo ao espírito, você está mostrando a AUTORIDADE DIVINA que o seu selo representa. O espírito não teme o metal ou o pergaminho – teme os NOMES que estão inscritos nele. São esses nomes que dão ao pentáculo seu poder.

## 11.5. *AS HORAS PLANETÁRIAS – O RELÓGIO DO MAGO*

A Clavicula ensina que as operações devem ser realizadas em dias e horas específicos, de acordo com o planeta regente. As horas planetárias são um sistema no qual cada hora do dia (do nascer ao pôr do sol) e cada hora da noite (do pôr ao nascer do sol) é regida por um planeta diferente, em uma sequência que se repete.

As horas recomendadas para a confecção dos pentáculos são 6h, 13h ou 20h – momentos de transição entre os períodos planetários, onde a energia está mais fluida.

> **INSIGHT OPERACIONAL**
>
> O tempo não é um pano de fundo para a magia – é um INGREDIENTE ATIVO. Cada hora tem uma qualidade energética específica. Operar na hora errada é como cozinhar com os ingredientes errados – o prato pode não dar certo. Aprenda as horas planetárias. Use-as. Elas são a estrutura temporal da sua operação.

## 11.6. *O SANTO DOS SANTOS DO PENTÁCULO – A CONSECRAÇÃO*

A confecção do pentáculo é apenas o começo. Ele precisa ser CONSAGRADO – ativado, ligado à força espiritual correspondente. O processo descrito na Clavicula é minucioso:

1. 1. O operador se purifica com banhos rituais e vestes de linho branco.
2. 2. O pentáculo é envolto em um pano de seda fina.
3. 3. É colocado sobre um vaso de terra com carvão em brasa e incenso consagrado (olíbano, mástique, aloés).
4. 4. O operador, voltado para o Leste, segura o pentáculo sobre a fumaça do incenso e recita salmos específicos – incluindo os Salmos 8, 18, 26, 21, 31, 50, 28, 71, 53 e 133.
5. 5. O pentáculo é "fumigado" – impregnado com a fumaça sagrada, que carrega as vibrações das palavras divinas.

A oração de consagração é poderosa: "O ADONAI most powerful, EL most strong, AGLA most holy, ON most righteous, the ALPHA and the OMEGA, the Beginning and the End; thou who hast established all things in thy Wisdom... we most humbly implore and supplicate thy Holy Majesty, that these pentacles may be consecrated by thy power".

O pentáculo, após a consagração, não é mais um objeto físico. É uma PORTA – uma interface entre o mundo material e o mundo espiritual.

## 11.7. *AS VESTES DE LINHO – O TRAJE DO OPERADOR*

O operador deve usar vestes de LINHO BRANCO. A Clavicula é explícita: "The exterior habiliments which the Master of the Art should wear ought to be of linen, as well as those which he weareth beneath them". Se possível, devem ser de SEDA. O linho deve ser fiado por uma DONZELA – uma virgem, cuja pureza energética se transfere para o tecido.

Por que linho e não lã? Porque a lã vem de ANIMAIS – carrega a energia da vida animal, que é "impura" para a magia cerimonial. O linho vem de PLANTAS – é a energia vegetal, mais neutra, mais pura, mais adequada para o contato com o divino. Além disso, o linho é um tecido que não acumula eletricidade estática – ao contrário da lã, que gera faíscas e perturba o campo energético do operador.

A Clavicula também prescreve:

- Uma COROA de papel virgem, com os nomes YOD HE VAU HE (Tetragrammaton) na frente, ADONAI atrás, EL à direita e ELOHIM à esquerda.
- SANDÁLIAS brancas de couro, com caracteres mágicos inscritos.

- Os pentáculos requeridos devem ser costurados à frente da túnica de linho, sobre o peito, com a agulha consagrada da arte.

O Hexagrama de Salomão deve ser feito em pergaminho de pele de bezerro, e usado na barra da veste branca, coberto com um pano de linho fino branco e puro, para ser mostrado aos Espíritos quando eles aparecerem.

> **INSIGHT OPERACIONAL**
>
> As vestes de linho não são fantasia. São um TRAJE DE PROTEÇÃO – uma blindagem contra as energias caóticas que serão evocadas. Elas criam um CAMPO DE ISOLAMENTO em torno do operador, impedindo que as forças espirituais "vazem" para dentro do seu corpo. Use linho 100% natural, não misturado com fibras sintéticas. As fibras sintéticas são carregadas de eletricidade estática e perturbam o campo energético. O linho puro é o único tecido que mantém a neutralidade elétrica necessária para a operação.

TÓPICO 12

# O CÍRCULO E O TRIÂNGULO DE ARTE – PROTEÇÃO PSICOLÓGICA CONTRA A PRÓPRIA SOMBRA

O Círculo Mágico e o Triângulo de Arte são os dois pilares da geometria operacional da magia salomônica. O círculo protege; o triângulo contém. Juntos, eles criam um CAMPO DE FORÇA que permite ao operador interagir com o espírito sem ser destruído por ele.

## 12.1. *O CÍRCULO MÁGICO – A ZONA DE PROTEÇÃO*

O círculo mágico não é uma linha no chão. É uma BARREIRA MULTIDIMENSIONAL – um campo de força que separa o operador (o microcosmo) do caos exterior (o macrocosmo). A Clavicula instrui que o círculo deve ser traçado com a faca de cabo preto ou com a espada, e que, entre dois círculos concêntricos, devem ser escritos os nomes de Deus.

O círculo tem uma função TRÍPLICE:

1. 1. PROTEGER o operador das energias hostis que serão evocadas.
2. 2. CONTER a energia da evocação dentro de um espaço controlado.
3. 3. AMPLIFICAR a intenção do operador, concentrando-a no ponto focal do triângulo.

O círculo é a representação física do EGO DO OPERADOR – a fronteira entre o que é "eu" e o que é "não-eu". Quando você entra no círculo, você ABDICA da sua identidade cotidiana e assume a identidade do MAGO – o centro do universo, o rei do seu próprio Templo.

Stephen Skinner descreve o círculo como "a special circle intended to protect the mage". É uma estrutura essencial em todas as formas de magia salomônica.

## 12.2. *O TRIÂNGULO DE ARTE – A JAULA DO ESPÍRITO*

O triângulo de arte é a ESTRUTURA DE CONTENÇÃO – o local onde o espírito evocado deve se manifestar. Ele fica FORA do círculo, a uma distância específica. A tradição goética (manuscrito de Dr. Rudd) estabelece: "The triangle that Salomon Commanded the Disobedient Spirits Into; it is to be Made 2 foot off from the Circle, and 3 foot over". Ou seja, o triângulo deve ficar a 2 PÉS DE DISTÂNCIA do círculo e ter 3 PÉS DE TAMANHO.

O triângulo é colocado no lado (ou "coast") do círculo de onde se espera que o espírito venha. Não adianta chamar na direção errada, ou ter as costas voltadas para o espírito quando ele chegar. O triângulo é a PORTA DE ENTRADA – e a porta deve estar voltada para o espírito, não para o operador.

O triângulo é cercado por NOMES DIVINOS – Tetragrammaton, Adonai, Elohim, etc. – que funcionam como uma JAULA DE FREQUÊNCIA. O espírito não pode sair do triângulo porque as vibrações dos nomes divinos o mantêm preso. É uma PRISÃO DE SOM.

O triângulo de arte também é conhecido como "o triângulo de Salomão" e é usado como um ponto de manifestação e contenção na evocação goética. Ele serve como uma barreira de proteção entre o operador e a entidade.

> **INSIGHT OPERACIONAL**
>
> O triângulo de arte não é para o espírito – é PARA VOCÊ. Ele é a PROJEÇÃO EXTERNA do seu inconsciente. O espírito que aparece no triângulo é, na verdade, UMA PARTE DE VOCÊ MESMO que você está externalizando para poder interagir com ela. O triângulo é o ESPELHO – e o que você vê nele é a sua própria sombra. Se você tem medo do que vai ver, o triângulo refletirá o seu medo. Se você está em paz, o triângulo refletirá a paz. A "contenção" do espírito é, na verdade, a CONTENÇÃO DA SUA PRÓPRIA PSIQUE.

## 12.3. *A GEOMETRIA DO CÍRCULO E DO TRIÂNGULO – A MATEMÁTICA DO PODER*

O círculo e o triângulo não são formas aleatórias. São ARQUÉTIPOS GEOMÉTRICOS que correspondem a estruturas fundamentais do universo:

- O CÍRCULO é a forma da TOTALIDADE – o infinito, o céu, o divino. Não tem começo nem fim. É a forma do ETERNO RETORNO.
- O TRIÂNGULO é a forma da MANIFESTAÇÃO – a trindade (pai, filho, espírito santo; ou corpo, mente, espírito; ou criação, preservação, destruição). É a forma da CRIAÇÃO – o três que emerge do um.

Juntos, o círculo (infinito) e o triângulo (manifestação) criam um CAMPO DE TENSÃO – uma polaridade que permite a passagem da energia do plano espiritual para o plano material. O círculo é a MENTE DIVINA; o triângulo é a MATÉRIA MANIFESTA. A operação mágica é a UNIÃO DOS DOIS.

## 12.4. *A PROTEÇÃO DO CÍRCULO – O ASPECTO PSICOLÓGICO*

O círculo tem uma função psicológica profunda. Ele cria um ESPAÇO SEGURO – um lugar onde o operador pode enfrentar suas sombras sem ser destruído por elas. O círculo é a JAULA DO EGO – ele mantém a identidade do operador intacta enquanto ele interage com forças que, de outra forma, poderiam fragmentá-lo.

Quando você está dentro do círculo, você está PROTEGIDO. Não importa o que apareça no triângulo – você está seguro. Esta certeza é a base da coragem mágica. Sem ela, a evocação é impossível.

TÓPICO 13

# OS NOMES DE PODER – TETRAGRAMMATON, AGLA, ADONAI. A RESPIRAÇÃO E O TRANSE

Na magia salomônica, as palavras não são apenas palavras – são VIBRAÇÕES. Cada nome divino é uma FREQUÊNCIA que, quando emitida corretamente, altera a estrutura da realidade. O operador não "diz" os nomes – ele os VIBRA, os ENT OA, os PROJETA para o exterior.

## 13.1. *O TETRAGRAMMATON (YHWH / יהוה) – O NOME QUE NÃO SE PRONUNCIA*

O Tetragrammaton é o nome mais sagrado do judaísmo – as quatro letras Yod, He, Vav, He (YHWH). É o nome que, segundo a tradição, não deve ser pronunciado. "It is not 'pronounced'—it is vibrated as a continuous breath: Yod-Heh-Vav-Heh".

O Tetragrammaton é a VIBRAÇÃO FUNDAMENTAL do universo. É o som que criou o mundo. Quando você vibra o Tetragrammaton, você está REPRODUZINDO O ATO DA CRIAÇÃO – está emitindo a frequência que deu origem a todas as coisas.

A técnica de vibração é crucial:

- Inspirar PROFUNDAMENTE pelo nariz.

- Prender a respiração por um instante.
- Exalar LENTAMENTE, emitindo cada sílaba do nome: YOD-HEH-VAV-HEH.
- A vibração deve vir do PLEXO SOLAR, não da garganta. Deve ser um som que faz o peito tremer.

O Tetragrammaton não é um nome para ser "dito" – é um nome para ser "SENTIDO". Quando você o vibra corretamente, você sente uma VIBRAÇÃO em todo o corpo – é a ativação do seu campo energético.

## 13.2. *AGLA (אגלא) – O NOTARIQUON DO PODER*

AGLA é um notariqon – um acrônimo cabalístico. Ele representa a frase "Atah Gibor Le-olam Adonai" – "Tu, Ó Senhor, és poderoso para sempre". É um nome de poder usado para BANIMENTO e para PROTECÇÃO.

AGLA é frequentemente vibrado no final do círculo, como uma "fechadura" que sela a operação. Ele é o nome que DÁ AUTORIDADE ao operador – a afirmação de que o poder não vem do mago, mas do divino.

Na tradição cabalística, AGLA significa unidade – "which by the triad accomplishes the cycle of numbers to return into unity". É o nome que fecha o círculo, que completa a operação.

## 13.3. *ADONAI (אדני) – O SUBSTITUTO DO NOME INEFÁVEL*

Adonai significa "Senhor". É o nome usado para SUBSTITUIR o Tetragrammaton em contextos litúrgicos, para evitar a profanação do nome sagrado. Na magia, Adonai é usado como um nome de INVOCAÇÃO – chama a presença divina sem o risco de "queimar" o campo áurico do operador.

Adonai é vibrato como "AH-DOH-NAI" – uma vibração suave, mas poderosa. É o nome do MESTRE – aquele que está no controle, que tem autoridade sobre os espíritos.

## 13.4. *OUTROS NOMES DE PODER*

A tradição salomônica também utiliza outros nomes divinos:

- EL (אל) – "Deus", o nome da força e do poder.
- ELOHIM (אלהים) – "Deuses", o nome plural da divindade, associado à justiça e ao julgamento.
- SABAOTH (צבאות) – "Senhor dos Exércitos", o nome da autoridade militar divina.
- SHADDAI (שדי) – "Todo-Poderoso", o nome da provisão e da abundância.
- **TETRAGRAMMATON SABAOTH —** o nome associado ao anel de Salomão, o nome que subjuga os demônios.

## 13.5. *A RESPIRAÇÃO – O MOTOR DA VIBRAÇÃO*

A respiração é o MOTOR da magia vocal. Sem respiração, a vibração é vazia. A Clavicula não detalha a técnica de respiração, mas a tradição cabalística e goética a desenvolveu:

1. 1. INSPIRAR pelo nariz, contando até 4. Sinta o ar preenchendo os pulmões e o plexo solar.
2. 2. SEGURAR a respiração, contando até 4. Sinta a energia se acumulando.
3. 3. EXALAR pela boca, vibrando o nome divino, contando até 8. Sinta a vibração se espalhando pelo corpo e saindo pelos pés, pelas mãos, pela testa.
4. 4. REPETIR por 3, 7 ou 21 vezes – dependendo da operação.

A respiração cria um ESTADO DE TRANSE – uma alteração da consciência que permite ao operador acessar níveis mais profundos da psique. É a ponte entre o estado normal (Beta) e o estado mágico (Alfa-Teta).

## 13.6. *O TRANSE – A PORTA PARA O ABISMO*

O transe não é um estado de "desmaio" – é um estado de ATENÇÃO FOCALIZADA. É o estado em que a mente racional (o Ego) se aquieta e a mente inconsciente (a Sombra) emerge. É o estado em que os demônios podem ser vistos, ouvidos e interrogados.

A vibração dos nomes divinos é a TÉCNICA DE INDUÇÃO DO TRANSE. Cada nome é uma chave que abre uma porta diferente:

- TETRAGRAMMATON abre a porta da CRIAÇÃO.

- ADONAI abre a porta da AUTORIDADE.
- AGLA abre a porta da PROTEÇÃO.
- ELOHIM abre a porta da JUSTIÇA.
- SABAOTH abre a porta do PODER.

O operador que domina a vibração dos nomes divinos não precisa de drogas, de jejum extremo ou de privação de sono para entrar em transe. Ele tem a TECNOLOGIA VOCAL – a mais antiga e a mais poderosa de todas as técnicas mágicas.

> **INSIGHT OPERACIONAL**
>
> Pratique a vibração dos nomes divinos DIARIAMENTE, mesmo sem fazer um ritual completo. Sente-se em silêncio, inspire profundamente e vibre "YOD-HEH-VAV-HEH" por 5 minutos. Sinta a vibração no peito, na garganta, na testa. Isso treina o seu sistema nervoso para responder à frequência dos nomes divinos. Quando você precisar evocar um espírito, o seu corpo já estará "sintonizado" – a vibração será natural, não forçada.

TÓPICO 14

# O USO DAS VARAS E ESPADAS – A VARA DE AMENDOEIRA VS. A ESPADA

As ferramentas do mago não são enfeites. São EXTENSÕES DA VONTADE – cada uma com uma função específica, uma vibração específica, um propósito específico. O Livro II, Capítulo VIII da Clavicula é dedicado inteiramente a esses instrumentos.

## 14.1. *A VARA DE AMENDOEIRA (OU AVELÃ) – O CETRO DA AUTORIDADE TERRESTRE*

A vara (ou cetro) é a ferramenta da AUTORIDADE TERRESTRE. Ela é usada para CONSTRANGER os espíritos rebeldes, para FORÇAR a obediência, para IMPOR A VONTADE do operador.

A Clavicula prescreve: "The Wand (Figure 69) of hazel or nut tree, in all cases the wood being virgin, that is of one year's growth only". A vara deve ser feita de AMENDOEIRA ou AVELÃ – madeiras que, na tradição cabalística, estão associadas a Kether (a coroa, o primeiro Sephira).

A AMENDOEIRA é particularmente significativa. A vara de Arão, que floresceu miraculosamente para confirmar sua autoridade sacerdotal, era de amendoeira. A amendoeira é a árvore da VIGILÂNCIA – a primeira a florescer na primavera, o símbolo do despertar espiritual.

A vara deve ser cortada em UM ÚNICO GOLPE, no dia de Mercúrio, ao nascer do sol. Deve ser de um ramo de UM ANO de crescimento – ainda virgem, ainda não usado para nenhum outro propósito. A vara deve ser cortada antes da árvore florescer, com uma foice de ouro, ao amanhecer.

Depois de cortada, deve ser consagrada com a seguinte oração: "O ADONAY, most Holy and most Powerful, vouchsafe to consecrate and bless this Staff and this Rod, so that they may possess the required virtue, O most Holy ADONAY, to whom be honour and glory for ever and over. Amen".

Os caracteres mostrados devem ser inscritos na vara no dia e hora de Mercúrio, com os nomes sagrados: "äåäé + ïå + àìâà".

> **INSIGHT OPERACIONAL**
>
> A vara é a sua VONTADE MATERIALIZADA. Quando você aponta a vara para o triângulo, você está APONTANDO A SUA VONTADE para o espírito. A vara não é um bastão mágico – é um PROJÉTIL DE INTENÇÃO. Use-a com firmeza, com clareza, sem hesitação. Se você hesitar, o espírito hesitará em obedecer.

## 14.2. *A ESPADA E AS FACAS – O DISCERNIMENTO E O BANIMENTO*

A Clavicula descreve duas facas/espadas principais:

- **A FACA DE CABO BRANCO —** para as operações gerais da Arte. Deve ser feita no dia e hora de Mercúrio, quando Marte está no signo de Áries ou Escorpião. Deve ser mergulhada em sangue de ganso e suco de pimpinela, com a Lua cheia ou crescente. Os caracteres devem ser

gravados no cabo. Os nomes Agla e On devem ser escritos no cabo. Deve ser perfumada e envolta em pano de seda.

- **A FACA DE CABO PRETO —** para traçar o círculo e para "strike terror and fear into the Spirits". Deve ser feita no dia e hora de SATURNO, e mergulhada em sangue de gato preto e suco de cicuta. Os caracteres e nomes devem ser escritos do ponto em direção ao cabo. Deve ser envolta em pano de seda PRETO.

A faca de cabo preto é a ferramenta do TERROR – a que mostra ao espírito que o operador não tem medo de usar a força. O círculo mágico "may be marked either with the Sword or with the Knife with the Black hilt" – é uma ferramenta defensiva para o mago e ofensiva para os espíritos.

A Clavicula também menciona outras ferramentas: o Cimitarra (Figura 63), a Foice (Figura 64), o Punhal (Figura 65), o Poignard (Figura 66) e a Lança curta (Figura 67), que devem ser feitas no dia e hora de Mercúrio, e mergulhadas em sangue de pega e suco da erva Mercúrio.

## 14.3. *O BASTÃO (STAFF) – A AUTORIDADE SUPREMA*

Além da vara, a Clavicula também descreve o BASTÃO (Staff, Figura 68), que deve ser de SABUGUEIRO, CANA ou PAU-ROSA. O bastão é uma ferramenta de autoridade suprema, usada em operações maiores.

O bastão e a vara devem ser cortados de madeira virgem – "that is of one year's growth only". Ambos devem ser cortados com um único golpe, no dia de Mercúrio, ao nascer do sol.

## 14.4. *A VARA VS. A ESPADA – O EQUILÍBRIO DO OPERADOR*

A vara e a espada representam duas forças complementares:

- A VARA é a FORÇA BRUTA – o elemento TERRA, a autoridade que não se questiona.
- A ESPADA é o DISCERNIMENTO – o elemento AR, a clareza que separa o joio do trigo.

O operador deve usar AMBAS. A vara para CONSTRANGER; a espada para DISCERNIR. A vara para IMPOR; a espada para BANIR. Juntas, elas criam um EQUILÍBRIO – a autoridade não é tirânica, e o discernimento não é paralisante.

## 14.5. *A CONSAGRAÇÃO DAS FERRAMENTAS – A ATIVAÇÃO DO PODER*

Todas as ferramentas devem ser CONSAGRADAS antes do uso. O processo inclui:

1. 1. ASPERSÃO com água exorcizada.
2. 2. FUMIGAÇÃO com incenso consagrado.
3. 3. ORAÇÕES específicas para cada ferramenta.
4. 4. ENVOLTÓRIO em pano de seda (branco para ferramentas "boas", preto para ferramentas "terríveis").

As ferramentas consagradas não são mais objetos físicos – são EXTENSÕES DA VONTADE DO OPERADOR. Elas carregam a vibração das palavras divinas e a intenção do mago.

PARTE V

# SEM FILTROS: O PREÇO DO OPERADOR (A CONFISSÃO) – EDIÇÃO EXPANDIDA

A Parte IV foi o mergulho na tecnologia operacional – as ferramentas, os círculos, as vestes, os nomes, as respirações. Vimos como o mago constrói o FORNO onde a evocação acontece. Agora, chegamos à CONFISSÃO – a parte que nenhum grimório revela abertamente, mas que todos os operadores experientes conhecem: O PREÇO.

A tradição mágica é implacável. O Zohar (Trumah) já advertia: "quem quer se esforçar para remover de si o espírito impuro e subjugar o outro espírito do Outro Lado, deve pagar em totalidade a ação na qual deseja se esforçar, e deve dar tudo o que lhe for pedido". Salomão pagou o preço integral – e a história de sua queda é o aviso mais terrível que o operador pode ler. Esta Parte V é o ESPELHO NEGRO da tradição salomônica.

Vamos destrinchar o preço psíquico, o colapso do reino, a Síndrome de Salomão, as falhas do sistema, e a visão dos que veem Salomão não como um sábio, mas como um VILÃO – o arquiteto da prisão da alma.

TÓPICO 15

# O PREÇO DA OPERAÇÃO – SALOMÃO PERDEU O REINO POR CAUSA DA MAGIA

A história de Salomão é a história de um homem que TUDO TEVE – e TUDO PERDEU. Ele começou como o rei que pediu sabedoria e recebeu riquezas, honra e poder. Terminou como o niilista do Eclesiastes, que concluiu que "tudo é vaidade e correr atrás do vento". O que aconteceu no meio? A MAGIA.

## 15.1. *A DRENAGEM DA ENERGIA VITAL – O CUSTO FÍSICO DA EVOCAÇÃO*

A magia não é gratuita. Cada evocação drena energia vital – o que os chineses chamam de jing (a essência primordial), o que os cabalistas chamam de nefesh (a alma animal, a força vital). A tradição salomônica é explícita: operações mágicas repetidas, especialmente como serviço pago, podem deixar o operador "psiquicamente acinzentado" (low resonance, poor flow). Os espíritos podem "meio que obedecer, resistir ou inverter resultados, especialmente quando são usados demais, desrespeitados".

Salomão operou a magia por 40 ANOS – tempo suficiente para drenar completamente sua reserva de jing. Ele construiu o Templo, evocou os 72 demônios, governou um império, negociou com Hirão, recebeu a Rainha de Sabá, e ainda administrou 700 esposas e 300 concubinas. O custo neurológico e energético disso é INSUSTENTÁVEL para qualquer organismo humano.

O corpo humano não foi projetado para ser um canal contínuo de energia espiritual. Cada evocação é uma ABERTURA – uma porta que se escancara para o outro lado. E cada abertura, por menor que seja, deixa um rastro, uma cicatriz no campo áurico do operador. Com o tempo, essas cicatrizes se acumulam – e o campo áurico se torna poroso, vulnerável a infiltrações indesejadas.

## 15.2. *O PREÇO DA AUTORIDADE – A PERDA DA INOCÊNCIA E A DUREZA DO CORAÇÃO*

O preço mais sutil, e talvez o mais devastador, é a PERDA DA INOCÊNCIA. Salomão, ao comandar os demônios, aprendeu a VER O MUNDO COMO UM TABULEIRO DE XADREZ – onde cada pessoa é uma peça, cada evento é um movimento, cada emoção é uma alavanca a ser puxada. Ele se tornou um CINICO.

O Eclesiastes é o testemunho dessa perda. "Vaidade de vaidades, tudo é vaidade" – esta não é uma declaração de fé, é uma DECLARAÇÃO DE DESESPERO. Salomão viu que, por trás de toda a ordem, todo o Templo, toda a sabedoria, há apenas o vazio. Ele viu o mecanismo por trás da ilusão – e não conseguiu mais acreditar na ilusão.

O operador que atravessa o Abismo (Daath) paga o preço da INOCÊNCIA. Ele nunca mais poderá ver o mundo com os olhos de uma criança. Ele verá sempre os fios, as engrenagens, os bastidores. Esta é a MALDIÇÃO DO CONHECIMENTO – e Salomão a carregou até o fim.

## 15.3. *A QUEDA DE SALOMÃO – O COLAPSO DO REINO COMO PREÇO DA MAGIA*

A Bíblia atribui a queda de Salomão à idolatria – ele construiu altares para Astarte, Milcom e Quemos por causa de suas esposas estrangeiras. Mas para o ocultista, esta é uma LEITURA SUPERFICIAL. O verdadeiro motivo da queda foi o ESGOTAMENTO DA AUTORIDADE.

Salomão usou o Trono como um laboratório operacional. Ele uniu a espada do político à vara do exorcista. Mas ele esqueceu que a MAGIA TEM PRAZO DE VALIDADE. O poder que ele conquistou com a magia não era eterno – era emprestado. E quando o empréstimo venceu, o reino quebrou.

Os sinais do colapso são claros:

- **REBELIÕES PERIFÉRICAS:** Hadade, o edomita, e Rezom, de Damasco, atormentaram Salomão durante toda a sua vida (1 Reis 11:14-25). O império estava em constante estado de guerra.
- **A REVOLTA DE JEROBOÃO:** O próprio profeta Aías de Siló profetizou que Jeroboão governaria dez tribos (1 Reis 11:29-40). Salomão tentou matar Jeroboão, mas falhou – e Jeroboão fugiu para o Egito, exatamente o lugar onde Salomão havia feito aliança.
- **A INVASÃO DE SISAQUE:** Cinco anos após a morte de Salomão, o faraó Sisaque saqueou o Templo e levou todo o ouro que Salomão acumulou (1 Reis 14:25-26). O Templo, que deveria ser a morada eterna de Deus, foi despojado em questão de dias.

Salomão não perdeu o reino por causa das mulheres – ele perdeu o reino porque a MAGIA O ESGOTOU. Ele não tinha mais energia para manter a coesão do império. O sistema entrou em colapso porque o operador entrou em colapso.

## 15.4. *A SÍNDROME DE SALOMÃO – O PREÇO PSICOLÓGICO DO PODER*

A tradição oculta reconhece um fenômeno que podemos chamar de SÍNDROME DE SALOMÃO – o conjunto de sintomas psicológicos que afetam o operador que pratica magia de alto nível por um período prolongado. Os sintomas incluem:

- **PARANOIA:** A sensação constante de que os demônios estão sempre presentes, sempre observando, sempre esperando o momento de se vingar. O operador sente que está sendo VIGIADO – não por Deus, mas pelas entidades que ele já convocou.
- **ISOLAMENTO SOCIAL:** O mago se torna "estranho" para os outros. Suas experiências são incompreensíveis para pessoas comuns. Ele se afasta da família e dos amigos, porque não consegue mais se conectar com suas preocupações mundanas.
- **DETACHMENT EMOCIONAL:** O operador se torna frio, calculista, desconectado das emoções humanas. Como Salomão, ele projeta confiança, mas abriga "passividade e distanciamento interno".
- **DRENAGEM DE ENERGIA SEXUAL:** A libido é canalizada para a evocação, deixando o operador sexualmente exausto e desconectado do prazer físico. A energia que deveria fluir para a criatividade e o prazer é desviada para o trabalho mágico.

- **NIGHTMARES E INSÔNIA:** Sonhos vívidos e perturbadores, a sensação de estar sendo observado, visões de "olhar através dos olhos de outra pessoa". O operador tem dificuldade em distinguir entre sonho e realidade.
- **BURNOUT:** Exaustão física e mental, a sensação de que não há mais energia para continuar. O operador se sente como um carro sem gasolina – ainda em movimento, mas apenas por inércia.

A Síndrome de Salomão não é uma maldição – é uma CONSEQUÊNCIA NEUROLÓGICA. A magia de alto nível altera a química do cérebro. Os estados alterados de consciência, a exposição constante a energias espirituais intensas e a drenagem de jing criam um desequilíbrio no sistema nervoso que leva a esses sintomas.

## 15.5. *O PREÇO HISTÓRICO – A MALDIÇÃO DA LINHAGEM*

O preço da magia de Salomão não foi pago apenas por ele – foi pago por sua LINHAGEM. O reino se dividiu em duas metades que nunca mais se uniram. O Reino do Norte (Israel) caiu para a Assíria em 722 a.C. O Reino do Sul (Judá) caiu para a Babilônia em 586 a.C. O Templo foi destruído duas vezes. A Arca da Aliança desapareceu.

A tradição etíope (Kebra Nagast) conta que Menelik I, filho de Salomão com a Rainha de Sabá, roubou a Arca da Aliança e a levou para a Etiópia. A linhagem salomônica governou a Etiópia até o século XX, mas a que preço? O imperador Haile Selassie I, que se dizia descendente de Salomão, foi deposto e morto em 1974. A dinastia acabou em sangue.

A lição é brutal: a magia não é um jogo. É um PACTO. E o pacto cobra o seu preço – não apenas do operador, mas de todos os que estão ligados a ele. A herança de Salomão é uma herança de PODER e de RUÍNA – e cada operador que segue seus passos herda essa dualidade.

## 15.6. *A LIÇÃO DE ECLESIASTES – O NI ILISMO COMO SABEDORIA*

O Eclesiastes é o livro mais HONESTO da Bíblia – e o mais PERIGOSO. Salomão, no final de sua vida, olhou para trás e viu que tudo o que ele construiu, tudo o que ele conquistou, tudo o que ele aprendeu – era "vapor de vapores". Não há nada de novo debaixo do sol. O que foi será, o que foi feito se fará.

Para o ocultista, o Eclesiastes é um AVISO. A magia pode dar poder, pode dar riquezas, pode dar conhecimento – mas não pode dar SENTIDO. O sentido é uma escolha, não uma conquista. Salomão escolheu o poder e perdeu o sentido. O operador que segue seus passos deve aprender com seu erro: a magia é uma ferramenta, não um fim. O fim é a TRANSFORMAÇÃO PESSOAL – e a transformação pessoal não vem da acumulação de poder, mas da INTEGRAÇÃO DO CONHECIMENTO com a VIDA.

TÓPICO 16

# AS FALHAS DO SISTEMA – 90% DAS OPERAÇÕES FALHAM

A tradição salomônica é honesta sobre suas limitações. A Clavicula, o Lemegeton e o Testamento descrevem um sistema que FUNCIONA – mas apenas quando todas as condições são atendidas. E as condições são quase impossíveis de serem atendidas na íntegra. A maioria dos operadores modernos não tem a disciplina, o tempo ou os recursos para seguir os protocolos rigorosos exigidos pelos grimórios.

## 16.1. *OS 21 DIAS DE PURIFICAÇÃO – O PROTOCOLO QUE NINGUÉM SEGUE*

A Clavicula é explícita: o operador deve passar por 21 DIAS DE PURIFICAÇÃO antes de qualquer operação importante. Isso inclui:

- **ABSTINÊNCIA SEXUAL:** O operador não deve ter relações sexuais durante todo o período de preparação. A energia sexual é a força vital da magia – se for dispersada, a evocação falha. Os grimórios são categóricos: a energia sexual deve ser CONSERVADA e DIRECIONADA para o trabalho mágico. Cada ejaculação ou orgasmo é uma PERDA DE POTENCIAL.
- **DIETA LEVE:** O operador deve comer alimentos leves, sem carne, sem álcool, sem excessos. O corpo deve estar limpo para receber as energias

espirituais. Carnes pesadas, especialmente carne vermelha, são consideradas "densas" e "obscurecedoras" da percepção espiritual.

- **BANHOS RITUAIS:** O operador deve se banhar diariamente com água purificada (água benta ou água com sal), recitando salmos e orações. O banho não é apenas para limpeza física – é para LIMPEZA ENERGÉTICA. A água remove as impurezas do campo áurico.
- **JEJUM PARCIAL:** Em alguns dias, o operador deve jejuar para purificar o corpo e a mente. O jejum reduz a atividade digestiva, liberando energia para a atividade espiritual.
- **ORAÇÕES DIÁRIAS:** O operador deve recitar salmos e orações específicas todos os dias, para sintonizar sua mente com as forças divinas. Os Salmos 8, 18, 21, 26, 28, 31, 50, 53, 71 e 133 são os mais recomendados.

Quantos operadores modernos seguem esses protocolos? QUASE NENHUM. A maioria quer resultados imediatos, sem preparação. E aí se pergunta: por que a evocação falhou? A resposta é simples: porque o SISTEMA FOI PROJETADO PARA FUNCIONAR COM PURIFICAÇÃO. Sem purificação, o operador está "sujo" – e o espírito não vai aparecer.

## 16.2. *A FALHA DA EVOCAÇÃO – QUANDO O ESPÍRITO NÃO VEM*

A Ars Goetia e a Clavicula descrevem o que fazer quando o espírito não aparece. As instruções são:

1. **1. REPETIR A CONJUGAÇÃO:** O operador deve repetir a invocação, com mais intensidade e mais foco. A repetição cria uma

ONDA DE RESSONÂNCIA que pode finalmente romper a barreira.

2. **2. VERIFICAR O SIGILO:** O sigilo pode estar incorreto – o operador deve verificar se desenhou o selo corretamente. Um único traço errado pode invalidar toda a operação.
3. **3. VERIFICAR A HORA:** A operação pode estar sendo realizada na hora errada – o operador deve verificar as horas planetárias. A hora errada é como tentar pescar no deserto.
4. **4. VERIFICAR O CÍRCULO:** O círculo pode estar mal traçado – o operador deve verificar se os nomes divinos estão escritos corretamente. Um nome errado ou uma letra faltando pode quebrar a proteção.
5. **5. USAR A VARA:** O operador deve usar a vara de amendoeira para constranger o espírito. A vara é a EXTENSÃO DA VONTADE – e deve ser usada com firmeza.
6. **6. AMEAÇAR O ESPÍRITO:** O operador pode ameaçar o espírito com excomunhão, com a destruição do seu selo, ou com o fogo do julgamento divino. O medo é uma ferramenta – use-a com sabedoria.

Se nada disso funcionar, a operação FALHOU. O operador deve desfazer o círculo, guardar as ferramentas e tentar novamente em outro dia. A teimosia é o maior inimigo do mago – persistir em uma operação que não funciona é o caminho mais rápido para a possessão.

## 16.3. *A EXIGÊNCIA DO SACRIFÍCIO – O PREÇO QUE O OPERADOR NÃO ESTÁ DISPOSTO A PAGAR*

Às vezes, o espírito aparece – mas exige um SACRIFÍCIO. A tradição goética é clara: os espíritos pedem coisas em troca de seus serviços. Podem pedir:

- **SACRIFÍCIO DE SANGUE:** O espírito pode exigir sangue – de um animal ou, em casos extremos, do próprio operador. O sangue é a VIDA – e o espírito quer uma amostra da vida do operador para estabelecer uma conexão.
- **SACRIFÍCIO DE MEMÓRIA:** O espírito pode exigir que o operador se esqueça de algo importante – uma memória, uma pessoa, uma experiência. A memória é a IDENTIDADE – e o espírito quer que o operador abra mão de uma parte de si mesmo.
- **SACRIFÍCIO DE OBJETO QUERIDO:** O espírito pode exigir que o operador destrua ou entregue algo que ele ama – um objeto, uma relação, uma oportunidade. O apego é a CORRENTE – e o espírito quer que o operador se liberte dela.
- **SACRIFÍCIO DE TEMPO:** O espírito pode exigir que o operador dedique um período da sua vida ao serviço do espírito. O tempo é a MOEDA DA VIDA – e o espírito quer uma parte dela.

O operador deve decidir: ELE ESTÁ DISPOSTO A PAGAR O PREÇO? Se não estiver, a operação deve ser interrompida. O espírito deve ser dispensado, e o operador deve aceitar a falha. Não há vergonha em recusar um pacto – há vergonha em aceitar um pacto que você não pode cumprir.

> **INSIGHT OPERACIONAL**
>
> A falha não é uma derrota – é uma INFORMAÇÃO. Ela diz ao operador que algo está errado: a preparação, a hora, o sigilo, a intenção, ou a própria disposição para pagar o preço. A falha é um ESPELHO que reflete as imperfeições do operador. Aceite a falha, aprenda com ela, e tente novamente. Mas NUNCA tente forçar uma operação que não está funcionando. Forçar a evocação é o caminho mais rápido para a possessão.

## 16.4. *O PREÇO DA IMPUREZA – QUANDO O ESPÍRITO FICA*

O pior cenário não é quando o espírito não vem – é quando ele VEM E NÃO VAI EMBORA. Se o operador não der a LICENÇA corretamente, ou se o operador estiver tão drenado que não consegue impor sua vontade, o espírito pode ficar.

As consequências são terríveis:

- O espírito pode começar a influenciar a vida do operador – seus sonhos, seus pensamentos, suas decisões. O operador se torna um VASO para a vontade do espírito.
- O espírito pode se manifestar para outras pessoas – criando medo, confusão e caos. A reputação do operador é destruída.
- O espírito pode começar a drenar a energia do operador continuamente, levando à exaustão, à doença e à loucura. O operador se torna um ESCRAVO do espírito.

- Em casos extremos, o espírito pode POSS UIR o operador – tomando controle do seu corpo e da sua mente. O operador deixa de existir como indivíduo.

A tradição salomônica tem um remédio para isso: o EXORCISMO. O operador deve realizar um ritual de banimento – usando a espada, os nomes divinos, e a água exorcizada – para forçar o espírito a sair. Mas o exorcismo é uma operação difícil, que exige mais energia do que o operador já tem. É por isso que a PREVENÇÃO é a melhor estratégia.

## 16.5. *A ESTATÍSTICA DA FALHA – POR QUE 90% DAS OPERAÇÕES FALHAM*

A tradição oral dos magos salomônicos é unânime: cerca de 90% das operações goéticas FALHAM. As razões são múltiplas:

- **PREPARAÇÃO INADEQUADA:** A maioria dos operadores não segue os 21 dias de purificação. Eles querem resultados rápidos – e a magia não funciona com pressa.
- **FALTA DE DISCIPLINA:** A magia exige disciplina mental e emocional. A maioria dos operadores não tem o controle necessário para manter a concentração durante a evocação.
- **MEDO:** O medo é o maior inimigo do mago. Se o operador tem medo do espírito que está evocando, o espírito sente e se aproveita.
- **EGO:** A maioria dos operadores evoca espíritos para alimentar seu ego – para se sentir poderoso, especial, superior. O ego é uma BARREIRA – ele impede a conexão com o espírito.

- **FALTA DE PROPÓSITO:** A maioria dos operadores não tem um propósito claro para a evocação. Eles evocam "porque sim" – e o espírito não responde a uma intenção vaga.

A falha não é um fracasso – é um RITO DE PASSAGEM. Todo mago experiente já falhou dezenas de vezes. A falha ensina humildade, paciência e persistência. O operador que nunca falhou é um operador que nunca tentou de verdade.

TÓPICO 17

# SALOMÃO E O ABISMO (DAATH) – O SELO (HEXAGRAMA) E A ÁRVORE

Para entender o preço da magia salomônica, precisamos entender a COSMOLOGIA que a sustenta. A Cabala oferece um mapa – a Árvore da Vida – que localiza Salomão e sua magia no contexto do universo espiritual.

## 17.1. *DAATH – A NÃO-SEPHIRA, O ABISMO*

Na Árvore da Vida, Daath (Conhecimento) é a "não-Sephira" – o vazio, o abismo, o buraco negro no centro da árvore. Daath é o lugar onde a razão se desfaz, onde o conhecimento se torna ignorância, onde a luz se torna treva. É a passagem obrigatória entre as Sephirot superiores (Kether, Chokhmah, Binah) e as inferiores (Chesed, Geburah, Tiferet, etc.).

Daath é descrito como um "precipício", uma "barreira" que separa o mundo da emanação divina do mundo da criação. Acima de Daath, não há dualidade – tudo é uno, tudo é perfeito. Abaixo de Daath, tudo é dual – luz e treva, bem e mal, espírito e matéria. Daath é a FRONTEIRA – o ponto onde a unidade se quebra em multiplicidade.

Salomão, ao pedir "coração ouvinte" (Binah) em Gibeão, estava pedindo a chave para atravessar Daath. Ele queria a capacidade de NAVEGAR NO ABISMO – de descer ao caos primordial e trazer de volta a ordem. E ele conseguiu. Mas a travessia de Daath tem um preço: a PERDA DA INOCÊNCIA.

## 17.2. *O HEXAGRAMA – O SELO DE SALOMÃO COMO MAPA DO ABISMO*

O Selo de Salomão (o hexagrama) é a representação gráfica da travessia de Daath. O hexagrama é composto por dois triângulos:

- **O TRIÂNGULO PARA CIMA:** Representa o FOGO, o ESPÍRITO, o MASCULINO, a ASCENSÃO. É o movimento em direção ao divino, a transcendência, a vontade ativa.
- **O TRIÂNGULO PARA BAIXO:** Representa a ÁGUA, a MATÉRIA, o FEMININO, a DESCENSÃO. É o movimento em direção ao mundo, a imanência, a receptividade passiva.

Juntos, eles formam a UNIÃO DOS OPOSTOS – a síntese alquímica que permite ao operador atravessar o abismo sem ser destruído. O hexagrama é um PORTAL – uma porta que se abre quando os dois triângulos se encontram. É a chave que permite ao mago descer ao submundo (Daath) e retornar ileso.

O hexagrama também é conhecido como o "Escudo de Davi" (Magen David) – e sua associação com Salomão é uma apropriação posterior. Mas para o ocultista, isso é irrelevante. O que importa é a FUNÇÃO do símbolo: ele EQUILIBRA as forças opostas, criando um campo de estabilidade no centro do caos.

> **INSIGHT OPERACIONAL**
>
> Sem cruzar Daath, a Goétia é só teatro. O operador que evoca os 72 demônios sem atravessar o abismo está apenas BRINCANDO DE FAZ DE CONTA. Os demônios não vão aparecer – ou, se aparecerem, vão aparecer como projeções da mente do operador, não como entidades reais. A travessia de Daath é o que TRANSFORMA a magia de psicodrama em realidade operacional.

## 17.3. *O PREÇO DA TRAVESSIA – A PERDA DA INOCÊNCIA E O NI ILISMO DE ECLESIASTES*

Salomão atravessou Daath – e o preço foi a PERDA DA INOCÊNCIA. Ele viu o caos primordial, o vazio que existe antes da criação, a ausência de sentido que subjaz a toda a existência. E essa visão o transformou no autor do Eclesiastes.

"Vaidade de vaidades, tudo é vaidade" (Eclesiastes 1:2). Esta não é uma declaração de fé – é uma DECLARAÇÃO DE DESESPERO. Salomão viu que, por trás de toda a ordem, todo o Templo, toda a sabedoria, há apenas o vazio. E ele não conseguiu suportar essa visão.

A travessia de Daath é a travessia do ABISMO DA DEPRESSÃO. O operador que atravessa Daath corre o risco de cair no niilismo, no cinismo, na apatia. É por isso que a tradição cabalística INSISTE que Daath só deve ser atravessado com a proteção das Sephirot superiores – com a fé em Kether, com a sabedoria de Chokhmah, com a compreensão de Binah. Sem essa proteção, o abismo engole o operador.

## 17.4. *O HEXAGRAMA COMO PROTEÇÃO – A UNIÃO DOS OPOSTOS*

O hexagrama não é apenas um símbolo de poder – é um SÍMBOLO DE PROTEÇÃO. Ele representa a união do masculino e do feminino, do fogo e da água, do espírito e da matéria. O operador que usa o hexagrama está EQUILIBRANDO as forças opostas dentro de si – e é esse equilíbrio que o protege durante a travessia de Daath.

Salomão perdeu o equilíbrio. Ele se inclinou para o lado da matéria (as 700 esposas, o ouro, o poder) e esqueceu o espírito. O hexagrama se desfez – e o abismo o engoliu. O Templo, que era o ponto de equilíbrio entre o céu e a terra, tornou-se um símbolo de DESEQUILÍBRIO – e foi destruído.

## 17.5. *DAATH COMO SOL NEGRO – A OUTRA FACE DA ILUMINAÇÃO*

Na tradição cabalística, Daath é às vezes chamado de "Sol Negro". É a luz que não ilumina, o conhecimento que não traz compreensão, a sabedoria que leva ao desespero. O Sol Negro é a face obscura da iluminação – o preço que se paga por ver além do véu.

Salomão viu o Sol Negro – e ficou cego para a luz do dia. O Eclesiastes é o testemunho dessa cegueira. O operador que atravessa Daath deve estar preparado para ver o Sol Negro – e deve ter a força para não se deixar cegar por ele.

TÓPICO 18

# A MORAL DO MAGO – ESCRAVIZAR DEMÔNIOS GERA KARMA?

A tradição salomônica levanta uma questão moral que poucos operadores se atrevem a enfrentar: É CORRETO ESCRAVIZAR DEMÔNIOS? A Goétia é uma tecnologia de COMPULSÃO – o operador força os espíritos a obedecerem contra a sua vontade. Isso gera Karma? Isso gera uma dívida espiritual?

## 18.1. *A VISÃO GNÓSTICA – SALOMÃO COMO ARCONTE (DEMIURGO)*

A visão gnóstica é a mais subversiva de todas. Os gnósticos viam o mundo material como uma PRISÃO – criada por um deus inferior, o Demiurgo, que aprisiona as almas na matéria. O Demiurgo (Yaldabaoth) é o líder dos arcontes – as forças que mantêm as almas presas no mundo material.

Salomão, na visão gnóstica, é um ARCONTE – um agente do Demiurgo que constrói prisões para as almas. O Templo de Salomão, para os gnósticos, não é uma morada de Deus – é uma PRISÃO PARA A LUZ. Os demônios que Salomão aprisiona são, na verdade, ENTIDADES DE LUZ que foram enganadas e aprisionadas na matéria. Salomão é o CARRASCO – não o sábio.

Esta visão é radical, mas tem um fundo de verdade. A Goétia é uma tecnologia de APRISIONAMENTO. O operador que usa a Goétia está reproduzindo o ato de Salomão – está aprisionando entidades espirituais para seus próprios fins. E isso tem um PREÇO KÁRMICO.

## 18.2. *A VISÃO MANDEIA – SALOMÃO COMO FILHO DE RUHA (O ESPÍRITO DO MAL)*

Os mandeus, os últimos gnósticos vivos, têm uma visão ainda mais extrema. Para eles, Salomão é o FILHO DE RUHA – o Espírito do Mal. Ruha é a "Mistress of Darkness", a rainha do submundo, a mãe dos demônios. Ela e seus poderes estão empenhados em enredar a humanidade no erro e na ignorância.

Salomão, ao aprisionar os demônios, está fazendo o trabalho de sua mãe – está mantendo as almas presas na matéria. Na visão mandeia, Salomão NÃO É UM HERÓI. Ele é um VILÃO – o arquiteto da prisão, o agente das trevas disfarçado de luz. O Templo que ele construiu não é uma morada de Deus – é uma FORTALEZA DAS TREVAS.

Esta visão é chocante para os ocultistas ocidentais, que veem Salomão como o grande mago. Mas ela é uma correção necessária. A magia salomônica NÃO É NEUTRA. Ela tem um lado escuro – e o operador que a usa deve estar ciente disso.

## 18.3. *A RESPOSTA DO OPERADOR – A INTEGRAÇÃO DA SOMBRA*

Como o operador moderno deve responder a essas críticas? A resposta está na INTEGRAÇÃO DA SOMBRA. Os demônios que Salomão aprisionou não são entidades externas – são PROJEÇÕES DA PSIQUE HUMANA. A Goétia é um sistema para INTEGRAR a sombra, não para escravizá-la.

Quando você evoca um demônio, você não está escravizando uma entidade externa – você está CONFRONTANDO UMA PARTE DE SI MESMO. O demônio é o seu medo, o seu desejo, o seu trauma, o seu talento reprimido. Quando você o "comanda", você está INTEGRANDO essa parte de si mesmo.

A moral do mago, portanto, não é sobre escravizar demônios – é sobre INTEGRAR A SOMBRA. O operador que usa a Goétia para dominar os outros está no caminho errado. O operador que usa a Goétia para se CONHECER está no caminho certo.

> **INSIGHT OPERACIONAL**
>
> A pergunta não é "escravizar demônios gera karma?" – a pergunta é "o que você está fazendo com o poder que você conquistou?" Se você usa a magia para controlar os outros, você está acumulando karma negativo. Se você usa a magia para se transformar, você está acumulando karma positivo. O poder em si é NEUTRO – o que importa é a INTENÇÃO.

## 18.4. *O KARMA DA EVOCAÇÃO – A DÍVIDA ESPIRITUAL*

Mesmo que você use a Goétia para a auto-transformação, há um KARMA a ser pago. Cada evocação cria uma LIGAÇÃO – um cordão energético entre o operador e o espírito. Essa ligação é uma DÍVIDA. O espírito te deu algo (conhecimento, poder, riqueza) – e você deve algo em troca.

O que você deve? Pode ser:

- **TEMPO:** Você deve dedicar tempo ao espírito – meditação, oração, oferendas.
- **ENERGIA:** Você deve dar energia ao espírito – sua atenção, seu foco, sua força vital.
- **AÇÃO:** Você deve agir de acordo com a vontade do espírito – fazer algo que o espírito deseja.

Se você não pagar a dívida, o espírito pode COBRAR – de maneiras que você não espera. A dívida espiritual é REAL – e o operador que a ignora paga um preço alto.

## 18.5. *O EXEMPLO DE SALOMÃO – O AVISO FINAL*

Salomão começou bem – ele pediu sabedoria, construiu o Templo, governou com justiça. Mas no final, ele se corrompeu. Ele usou a magia para acumular poder, riquezas e mulheres. Ele esqueceu que a magia é uma FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO, não uma FERRAMENTA DE DOMINAÇÃO.

O aviso de Salomão é claro: a magia não é um jogo. É um PACTO – e o pacto cobra o seu preço. Se você usar a magia para o bem, o preço pode ser suportável. Se você usar a magia para o mal, o preço será a DESTRUIÇÃO.

Salomão perdeu o reino, a linhagem se dispersou, o Templo foi destruído. O preço da magia é ALTO – e Salomão pagou integralmente.

## 18.6. *A INTEGRAÇÃO COMO CAMINHO – A MAGIA COMO JOURNADA DE AUTOCONHECIMENTO*

O caminho do mago não é o caminho do poder – é o caminho do AUTOCONHECIMENTO. A Goétia, a Clavicula, o Testamento – todos esses textos são FERRAMENTAS para a jornada interior. Os demônios são ESPELHOS – e cada evocação é uma oportunidade para se ver com mais clareza.

O operador que entende isso não busca escravizar demônios – busca INTEGRÁ-LOS. O operador que entende isso não busca acumular poder – busca ACUMULAR SABEDORIA. O operador que entende isso não busca dominar os outros – busca DOMINAR A SI MESMO.

Essa é a verdadeira lição de Salomão – não a lição do poder, mas a lição da QUEDA. Salomão caiu porque esqueceu que a magia é uma jornada interior. Ele se perdeu no exterior – no Templo, no ouro, nas mulheres, nos demônios. E quando o exterior desabou, ele ficou com o vazio.

Não cometa o mesmo erro. A magia é um CAMINHO – não um destino. O destino é a TRANSFORMAÇÃO PESSOAL. E a transformação pessoal não vem da acumulação de poder – vem da INTEGRAÇÃO DO CONHECIMENTO com a VIDA.

PARTE VI

# O SALOMÃO DOS OUTROS: A VISÃO DOS POVOS VIZINHOS (FONTES EM ÁRABE, GE'EZ, PERSA E GREGO)

A Parte V foi o espelho negro – o preço da operação, a Síndrome de Salomão, o niilismo de Eclesiastes, a dívida kármica. Vimos o Salomão que pagou o preço integral e deixou sua queda como aviso para os operadores que o seguem. Agora, saímos do círculo estreito da tradição judaico-cristã e olhamos para o SALOMÃO DOS OUTROS. Porque Salomão não pertence apenas a Israel. Ele é um arquétipo global – um herói, um profeta, um mago, um vilão, dependendo de quem conta a história.

Esta Parte VI é a viagem pelo caleidoscópio das tradições vizinhas. Vamos mergulhar no Alcorão e nos Hadiths, onde Salomão é Sulayman, o profeta-rei dos jinns, cuja morte foi tão estranha que os próprios demônios não perceberam. Vamos cruzar o Mar Vermelho até a Etiópia, onde o Kebra Nagast conta que Menelik I, filho de Salomão e da Rainha de Sabá,

roubou a Arca da Aliança e a levou para Axum – onde, segundo a tradição, ela está até hoje. Vamos à Pérsia, onde o Anel das Quatro Pedras – rubi, esmeralda, turquesa e cristal – concede a Salomão o domínio sobre os quatro elementos e o associa ao herói mítico Jamshid. Vamos à Grécia e ao Egito romano, onde os Papiros Mágicos Gregos invocam o nome de Salomão para exorcismos e feitiços de amor, transformando-o no "exorcista internacional" da antiguidade tardia. E, finalmente, vamos ao gnosticismo e ao mandeísmo, onde Salomão é revirado do avesso – não mais o sábio, mas o VILÃO, o filho de Ruha, o Espírito do Mal, o arquiteto da prisão da alma.

Cada uma dessas visões é uma LENTE que revela uma faceta diferente do arquétipo salomônico. Juntas, elas formam um mosaico que nenhuma tradição isolada pode capturar. O operador que conhece todas essas visões não está mais preso a uma única narrativa – ele vê Salomão como um PRISMA, e cada face reflete uma verdade diferente sobre o poder, a magia e o preço do conhecimento.

TÓPICO 19

# A VISÃO ISLÂMICA (SULAYMAN IBN DAWUD) – O PROFETA-REI DOS JINNS

No Islã, Salomão não é apenas um rei – é um PROFETA (Nabi) e um MENSAGEIRO (Rasul). Ele é Sulayman ibn Dawud, o filho de Davi, e sua história no Alcorão é uma das mais ricas e detalhadas entre os profetas do Antigo Testamento. Aqui, Salomão não é um mago que evoca demônios – é um PROFETA a quem Deus SUBJUGOU os jinns como um sinal de sua autoridade profética. A magia dele não é uma arte proibida – é um DOM DIVINO.

## 19.1. *O EXÉRCITO DE SULAYMAN – HUMANOS, JINNS E PÁSSAROS*

O Alcorão descreve o exército de Salomão como uma força sobrenatural: "E foram reunidas para Salomão suas hostes de jinns, e homens, e pássaros, e todos eles foram postos em ordem de batalha" (Surah An-Naml, 27:17). Esta é uma imagem radicalmente diferente da tradição judaica: os jinns não são demônios aprisionados – são SÚDITOS que servem a Salomão por permissão divina.

O controle de Salomão sobre os jinns é absoluto: "Allah made all the jinn subservient to the Prophet Sulaimaan (Solomon), a gift from Allah, swt, that will never be granted to another after him". Este é um detalhe crucial: o domínio sobre os jinns foi um MILAGRE ÚNICO concedido a Salo-

mão, e não uma técnica que outros possam replicar. Para o ocultista islâmico, a Goétia não é uma tecnologia replicável – é um privilégio profético que terminou com a morte de Salomão.

O exército de Salomão incluía também os PÁSSAROS – em particular, a poupa (Hudhud), que desempenha um papel central na história da Rainha de Sabá. A poupa informa Salomão sobre o reino de Bilqis (a Rainha de Sabá), onde o povo adorava o Sol em vez de Alá. Este é o mesmo pássaro que, segundo o Talmude, foi usado por Salomão para capturar o Shamir – a criatura mágica que cortava pedras sem martelo. A tradição islâmica e a judaica convergem aqui: a poupa é o MENSAGEIRO DO MUNDO ESPIRITUAL, a ponte entre o rei e os reinos ocultos.

## 19.2. *O TRONO DE BILQIS – A MAGIA DO PISCAR DE OLHOS*

Um dos episódios mais fascinantes da tradição islâmica é a história do trono da Rainha de Sabá (Bilqis). Salomão, tendo recebido a notícia da Rainha, pergunta quem pode trazer seu trono a ele antes que ela chegue.

Um jinn (Ifrit) se oferece: "Eu o trarei a ti antes que te levantes do teu lugar; e eu sou, para isso, forte e fiel" (Surah 27:39). Mas um homem sábio chamado ASAFE (ou Asaph, filho de Berequias) – que tinha conhecimento do Nome Divino – diz: "Eu o trarei a ti num piscar de olhos" (Surah 27:40). E o trono aparece instantaneamente diante de Salomão.

Esta é uma LIÇÃO OCULTA CRUCIAL: a magia dos jinns é poderosa, mas a MAGIA DO NOME DIVINO é INFINITAMENTE SUPERIOR. O Ifrit (um jinn poderoso) ofereceu velocidade; Asafe, usando o

Nome de Deus, ofereceu INSTANTANEIDADE. Salomão, ao aceitar o trono trazido por Asafe, demonstra que o poder humano, quando alinhado com o divino, supera o poder dos espíritos.

> **INSIGHT OPERACIONAL**
>
> A história do trono de Bilqis ensina que o operador não deve depender exclusivamente dos espíritos que evoca. O NOME DIVINO é a ferramenta suprema. Os demônios são ajudantes, mas o poder real vem da VIBRAÇÃO DO NOME. Quando você vibra o Tetragrammaton ou Adonai, você está usando a mesma tecnologia que Asafe usou para trazer o trono de Bilqis – a tecnologia da INSTANTANEIDADE.

## 19.3. *A MORTE DE SALOMÃO – O CUPIM E A LIÇÃO DO INVISÍVEL*

A morte de Salomão na tradição islâmica é uma das histórias mais surpreendentes e profundas do Alcorão. Surah Saba (34:14) relata:

"E, quando decretamos a morte para ele [Salomão], nada lhes indicou [aos jinns] a sua morte, senão um verme da terra que roeu o seu bordão; e, quando ele caiu, os jinns perceberam que, se tivessem conhecido o Invisível, não teriam permanecido no tormento humilhante".

A cena é cinematográfica: Salomão está sentado, apoiado em seu cajado, supervisionando os jinns que trabalham na construção do Templo (ou em minas, segundo outras versões). Ele morre sentado, mas seu corpo permanece ereto, sustentado pelo cajado. Os jinns, que não sabem que ele morreu, continuam trabalhando, achando que ele ainda os vigia. Por um ano inteiro – segundo algumas tradições – eles trabalham sob o olhar do

cadáver do rei. Até que um cupim (ou verme da terra) roe a base do cajado, e o corpo cai. Só então os jinns percebem que Salomão estava morto há muito tempo – e que, se tivessem conhecimento do invisível (o ghayb), não teriam permanecido na servidão humilhante.

Esta história tem uma LIÇÃO DE TRÊS CAMADAS:

1. 1. OS JINNS NÃO SÃO ONISCIENTES. Eles têm poder, mas não têm acesso ao conhecimento divino. Eles são limitados – e sua limitação é a oportunidade do operador.
2. 2. A MORTE DE SALOMÃO É UMA PARÁBOLA SOBRE O EGO DO MAGO. Salomão, mesmo depois de morto, ainda parecia estar no controle. Os jinns trabalhavam para um cadáver. Quantos operadores continuam "trabalhando para cadáveres" – para sistemas, crenças ou líderes que já estão mortos, mas ainda parecem vivos?
3. 3. O CUPIM É O AGENTE DA VERDADE. É uma criatura minúscula, insignificante – um verme da terra – que revela a verdade. O poder não está no grandioso, mas no pequeno, no que rói lentamente as estruturas aparentemente sólidas.

**INSIGHT OPERACIONAL**

A morte de Salomão é um AVISO CONTRA A ARROGÂNCIA. Você pode ter o poder de controlar os jinns, pode ter o Templo, pode ter o ouro, pode ter a Rainha – mas você ainda é MORTAL. A morte chega para todos, e o poder que você acumula não é eterno. O operador que esquece isso está construindo sobre areia. O cupim sempre virá – e quando ele roer o cajado, todo o castelo desabará.

## 19.4. *OS DEMÔNIOS NO MAR – A PRISÃO DE SULAYMAN*

Há um hadith fascinante, citado em Sahih Muslim, que diz: "No mar há demônios acorrentados, que Sulayman (Salomão) aprisionou, e eles estão prestes a emergir e recitar um Alcorão para as pessoas".

Este hadith é uma profecia apocalíptica. Os demônios que Salomão aprisionou não estão apenas no Vaso de Bronze da tradição goética – eles estão no MAR, esperando o momento de emergir e enganar a humanidade com uma falsa revelação. Os estudiosos islâmicos notam que este hadith é um "Mawqoof" – uma tradição que para nos Companheiros do Profeta, não no próprio Profeta – e que pode ter origem nos livros dos Povos do Livro (Isra'eeliyyaat).

Mas para o ocultista, isso é irrelevante. O que importa é a IMAGEM: Salomão aprisionou demônios no mar, e eles um dia escaparão. Esta é a mesma imagem do Vaso de Bronze – os demônios estão contidos, mas a contenção é temporária. O operador que evoca os 72 deve lembrar: os demônios que ele convoca não são permanentemente subjugados. Eles estão apenas TEMPORARIAMENTE contidos – e a qualquer momento, a corrente pode se romper.

## 19.5. *O ANEL DE SALOMÃO NA TRADIÇÃO ISLÂMICA – O SELO DA PROFECIA*

Na tradição islâmica, o anel de Salomão não é apenas um talismã – é um SÍMBOLO DA AUTORIDADE PROFÉTICA. Segundo algumas fontes, o anel tinha quatro pedras preciosas, cada uma concedida por um anjo

diferente. O anel era o selo da profecia – e quando Salomão o perdeu (quando o demônio Sakhr o roubou e o jogou no mar), ele perdeu seu poder.

A história do anel perdido e recuperado é central na tradição islâmica. Salomão, tendo perdido o anel, foi destronado por um demônio que assumiu sua forma. Salomão vagou como um mendigo até que um pescador encontrou o anel dentro de um peixe – e Salomão o recuperou, retomando seu trono.

Esta história é uma PARÁBOLA SOBRE A AUTORIDADE. O poder não está no anel – está na CAPACIDADE DE RECUPERAR O ANEL. Salomão caiu, mas ele se levantou. O operador que perde sua autoridade (seu "anel") pode recuperá- la – desde que saiba onde procurar.

TÓPICO 20

# A VISÃO ETÍOPE (KEBRA NAGAST – GE'EZ) – O PAI DA LINHAGEM E O LADRÃO DA ARCA

Enquanto a tradição islâmica vê Salomão como o profeta-rei dos jinns, a tradição etíope o vê como o PAI DA LINHAGEM – o ancestral de uma dinastia que governou a Etiópia por quase três mil anos. O Kebra Nagast (A Glória dos Reis) é o texto fundador dessa tradição.

## 20.1. *O KEBRA NAGAST – O LIVRO DA GLÓRIA DOS REIS*

O Kebra Nagast é uma obra monumental, escrita em Ge'ez (a língua litúrgica da Etiópia), que combina história, mitologia e teologia. Ele narra a história da linhagem real etíope, traçando sua origem até Salomão e a Rainha de Sabá. O texto é, ao mesmo tempo, um manifesto político (que legitima a dinastia salomônica) e um documento religioso (que conecta a Etiópia à Aliança de Deus com Israel).

O Kebra Nagast foi compilado no século XIV, mas suas tradições são muito mais antigas, remontando a fontes árabes, coptas e judaicas. Ele foi traduzido para o árabe e, posteriormente, para o amárico, tornando-se o texto mais influente da história etíope.

## 20.2. *MAKEDA – A RAINHA DE SABÁ NA TRADIÇÃO ETÍOPE*

Na tradição etíope, a Rainha de Sabá não é uma figura enigmática – ela tem um nome: MAKEDA. Ela é descrita como uma soberana poderosa, inteligente e bela, que governava a Etiópia e o Iêmen. Segundo o Kebra Nagast, Makeda ouviu falar da sabedoria de Salomão através de um comerciante chamado Tamrin, que viajou a Jerusalém e ficou maravilhado com a sabedoria do rei.

Makeda decide viajar a Jerusalém para testar Salomão. Ela leva consigo uma enorme caravana de ouro, pedras preciosas, especiarias e presentes. O encontro entre Makeda e Salomão é descrito em detalhes no Kebra Nagast – um diálogo de sabedoria, seguido por uma sedução cuidadosamente orquestrada.

## 20.3. *A SEDUÇÃO E O NASCIMENTO DE MENELIK I*

O Kebra Nagast descreve a sedução de Makeda por Salomão com um detalhe que a Bíblia omite. Salomão, sabendo que Makeda partiria em breve, faz um juramento: ele não a tomará à força, mas ela não tomará nada dele. Na noite anterior à partida, Salomão oferece um banquete. Makeda, cansada e com sede, acorda durante a noite e bebe água de um jarro que Salomão colocou perto da cama. Salomão a acusa de ter "tomado" algo dele – e, como penalidade, ele a toma sexualmente.

Desta união nasce MENELIK I (também chamado de Bayna-Lehkem ou David II). Menelik é criado na Etiópia, mas quando atinge a idade adulta, ele viaja a Jerusalém para conhecer seu pai. Salomão o reconhece como seu filho e lhe dá honras reais.

## 20.4. *O ROUBO DA ARCA – A TRANSFERÊNCIA DO PODER*

Mas a parte mais surpreendente da história está por vir. Menelik, durante sua estadia em Jerusalém, se sente desconfortável. Ele é um príncipe etíope, mas Jerusalém é a terra de seu pai. Ele quer levar algo de Jerusalém para a Etiópia – algo que simbolize a aliança de Deus.

Com a ajuda de um grupo de jovens israelitas (filhos dos nobres), Menelik trama um plano para roubar a Arca da Aliança. Eles levam a Arca para a Etiópia, para Axum. Segundo a tradição etíope, a Arca está guardada na Igreja de Nossa Senhora Maria de Sião, em Axum, até hoje.

Salomão, ao descobrir o roubo, inicialmente fica furioso. Mas, segundo o Kebra Nagast, ele tem uma visão profética: ele vê que a Arca está segura na Etiópia, e que a vontade de Deus é que ela fique lá. Ele permite que Menelik fique com a Arca – e abençoa a linhagem etíope.

## 20.5. *A ARCA EM AXUM – O SEGREDO QUE NINGUÉM PODE VER*

A tradição etíope afirma que a Arca da Aliança está em Axum, guardada por um monge que ninguém pode ver. A Arca é mantida em uma capela especial, protegida por muros e guardas. Ninguém, exceto o guardião, pode vê-la.

Esta é uma das MAIORES REIVINDICAÇÕES RELIGIOSAS DO MUNDO. Se a Arca está na Etiópia, então Jerusalém perdeu seu objeto mais sagrado – e a linhagem salomônica da Etiópia é a verdadeira herdeira da Aliança.

Para o ocultista, a história da Arca em Axum é uma LIÇÃO SOBRE A TRANSMISSÃO DO PODER. O poder não está em um objeto – está na LINHAGEM que o guarda. A Arca pode estar na Etiópia, mas o poder que ela representa está vivo na tradição etíope. Quando você invoca Salomão, você está invocando não apenas o rei de Israel, mas também o pai da Etiópia – o ancestral de uma linhagem que governou por milênios.

> **INSIGHT OPERACIONAL**
>
> A tradição etíope ensina que o poder pode ser TRANSFERIDO. Menelik não roubou a Arca por ambição – ele a levou para cumprir um destino. O operador que busca poder deve estar aberto à IDEIA DE TRANSFERÊNCIA. O poder que você tem hoje pode não ser o poder que você terá amanhã. Esteja disposto a passar o bastão – ou a pegá-lo de onde ele foi deixado.

## 20.6. *A DINASTIA SALOMÔNICA – DO KEBRA NAGAST A HAILÉ SELASSIE*

A dinastia salomônica da Etiópia governou por quase três mil anos, desde Menelik I até o imperador Haile Selassie I, que foi deposto em 1974 e morreu em 1975. Haile Selassie se dizia descendente direto de Salomão e da Rainha de Sabá – e sua linhagem era a base de sua autoridade divina.

A dinastia salomônica é uma das MAIS LONGAS DA HISTÓRIA HUMANA. Ela sobreviveu a invasões, guerras, mudanças de religião e transformações sociais. E tudo começou com um encontro entre um rei judeu e uma rainha etíope – e um roubo que mudou a história do mundo.

TÓPICO 21

# A VISÃO PERSA E MESOPOTÂMICA – O HERDEIRO DE GILGAMESH E O ANEL DAS QUATRO PEDRAS

A tradição persa e mesopotâmica oferece uma visão de Salomão que o conecta aos heróis mais antigos da humanidade – a Gilgamesh, o rei de Uruk que desceu ao submundo, e a Jamshid, o rei mítico da Pérsia que possuía um anel mágico.

## 21.1. *SALOMÃO E GILGAMESH – O CONSTRUTOR DE MUROS E O DESCENDENTE AO SUBMUNDO*

A associação de Salomão com Gilgamesh não é acidental. Ambos são REIS- CONSTRUTORES: Gilgamesh construiu os muros de Uruk; Salomão construiu o Templo de Jerusalém. Ambos DESCERAM AO SUBMUNDO: Gilgamesh viajou ao encontro de Utnapishtim, o imortal; Salomão, na tradição goética, desceu ao Abismo (Daath) para subjugar os demônios.

Gilgamesh, na Epopeia de Gilgamesh, é descrito como "aquele que viu o profundo" – o que viu os segredos do submundo. Salomão, no Testamento, é aquele que interrogou os demônios e forçou-os a revelar seus segredos. Os dois são ARQUÉTIPOS DO HERÓI QUE DESCE AO SUBMUNDO E RETORNA COM CONHECIMENTO.

A influência mesopotâmica na tradição salomônica é evidente nos grimórios. Os nomes dos demônios na Goétia têm raízes acádicas e sumérias. O próprio conceito de "selo" – o selo de Salomão – tem paralelos nos selos cilíndricos da Mesopotâmia, que eram usados para autenticar documentos e para invocar deuses.

## 21.2. *O ANEL DAS QUATRO PEDRAS – O DOMÍNIO SOBRE OS ELEMENTOS*

A tradição persa acrescenta um detalhe fascinante ao mito do anel de Salomão: o anel não tinha uma, mas QUATRO PEDRAS, cada uma concedida por um anjo diferente, e cada uma representando o domínio sobre um dos quatro elementos.

Segundo fontes árabes e persas, Salomão recebeu quatro joias de quatro anjos diferentes, e as colocou em um único anel, para que pudesse controlar os quatro elementos. As pedras e seus poderes são:

- RUBI (ou uma pedra vermelha): representa o FOGO. A inscrição na pedra diz: "A Allah pertence a grandeza e o poder". Com esta pedra, Salomão podia comandar os seres de fogo – os jinns e os ifrits.
- ESMERALDA (ou uma pedra verde): representa a TERRA. A inscrição diz: "Todas as coisas criadas louvam o Senhor". Com esta pedra, Salomão podia comandar os seres da terra – os animais e as plantas.
- TURQUESA (ou uma pedra azul): representa a ÁGUA. A inscrição diz: "O céu e a terra são servos de Allah". Com esta pedra, Salomão podia comandar os seres da água – os peixes e os monstros marinhos.

- CRISTAL (ou uma pedra transparente): representa o AR. A inscrição diz: "Não há deus senão Um, e Muhammad é o Mensageiro de Deus". Com esta pedra, Salomão podia comandar os seres do ar – os pássaros e os ventos.

O anel, com as quatro pedras, dava a Salomão o DOMÍNIO SOBRE TODA A CRIAÇÃO – sobre os quatro elementos e sobre todos os seres que neles habitam. Esta é a visão persa do poder de Salomão: não é apenas sobre demônios, mas sobre a TOTALIDADE DO COSMOS.

> **INSIGHT OPERACIONAL**
>
> O anel das quatro pedras é um MAPA PARA O OPERADOR. Para controlar os elementos – e os espíritos que os habitam – você precisa de uma FERRAMENTA QUE OS REPRESENTE. O anel de Salomão não é um objeto físico – é uma SÍNTESE. O operador que quer dominar os quatro elementos deve sintetizá-los dentro de si: o fogo da vontade, a terra da estabilidade, a água da intuição, o ar da mente. Sem essa síntese, a evocação é incompleta.

## 21.3. *SALOMÃO E JAMSHID – O REI MÍTICO DA PÉRSIA*

Na tradição persa, Salomão é frequentemente associado a JAMSHID (ou Jamshid), o rei mítico da dinastia Pishdádida, que governou a Pérsia na era pré-histórica. Jamshid possuía um anel mágico que lhe dava poder sobre os demônios (os divs). Assim como Salomão, Jamshid construiu palácios, subjugou espíritos e governou com justiça.

A associação entre Salomão e Jamshid é tão forte que, em algumas tradições persas, os dois são considerados a MESMA PESSOA – ou, pelo menos, manifestações do mesmo arquétipo. O anel de Salomão e o anel de Jamshid são o mesmo objeto – o símbolo da autoridade real sobre o mundo espiritual.

O poeta persa Hafiz (século XIV) usa o Selo de Salomão como uma metáfora para a autoridade espiritual: "Coisas de beleza há outras, além da doce fala / E a realeza de Salomão não se conquista apenas por um anel". Para Hafiz, o poder de Salomão não está no anel – está na SABEDORIA e na BELEZA que o anel representa.

## 21.4. *O ANEL E O PEIXE – A LENDA PERSO-ÁRABE*

A lenda do anel perdido e recuperado – que aparece na tradição judaica, islâmica e persa – tem uma versão particularmente vívida nas fontes árabes. Segundo essas fontes, o demônio ASMODEUS (ou Sakhr) obteve posse do anel de Salomão e o jogou no mar. Salomão, sem o anel, perdeu seu poder e foi destronado. Ele vagou como um mendigo até que um pescador encontrou o anel dentro de um peixe. Salomão recuperou o anel, retomou seu trono e subjugou novamente os demônios.

Esta lenda é uma PARÁBOLA SOBRE A HUMILDADE. Até o maior dos reis pode cair – e a recuperação do poder exige HUMILDADE e PACIÊNCIA. Salomão não recuperou o anel com magia – ele o recuperou com a ajuda de um pescador, um homem comum. O operador que perde seu poder não deve tentar recuperá-lo com força bruta – deve buscar a HUMILDADE e a AJUDA DOS OUTROS.

TÓPICO 22

# A VISÃO GRECO-ROMANA (PAPIROS MÁGICOS GREGOS – PGM) – O EXORCISTA INTERNACIONAL

A tradição greco-romana vê Salomão não como um rei ou profeta, mas como um EXORCISTA e um MAGO PRÁTICO. Os Papiros Mágicos Gregos (PGM) – uma coleção de textos mágicos do Egito romano, datados entre os séculos II a.C. e V d.C. – invocam o nome de Salomão para exorcismos, feitiços de amor e amuletos de proteção.

## 22.1. *OS PAPIROS MÁGICOS GREGOS – O QUE SÃO E O QUE CONTÊM*

Os Papiros Mágicos Gregos (Papyri Graecae Magicae) são uma coleção de textos escritos principalmente em grego antigo, encontrados nos desertos do Egito. Eles contêm uma vasta gama de feitiços, encantamentos, hinos, fórmulas de exorcismo e receitas para amuletos. Os papiros refletem o SINCRETISMO RELIGIOSO do Egito romano – uma mistura de elementos egípcios, gregos, judeus e cristãos.

O nome de Salomão aparece em vários papiros, sempre associado a práticas de exorcismo e proteção. Um dos feitiços mais famosos é o "Charm of Solomon that produces a trance" (PGM IV.850-929), que induz um estado de transe para fins divinatórios.

## 22.2. *O EXORCISMO DE ELEAZAR – A TESTEMUNHA DE JOSEFO*

Flávio Josefo, o historiador judeu do século I, descreve um exorcismo realizado por um judeu chamado ELEAZAR, na presença do imperador Vespasiano e seus filhos. Eleazar usava um anel que tinha uma raiz mencionada por Salomão, e recitava as encantações que Salomão havia composto.

Josefo escreve: "Ele colocou um anel que tinha uma raiz de um daqueles tipos mencionados por Salomão nas narinas do endemoninhado, após o que ele extraiu o demônio através de suas narinas; e quando o homem caiu imediatamente, ele conjurou o demônio a não retornar a ele, fazendo ainda menção de Salomão, e recitando as encantações que ele [Salomão] compôs".

Este relato é crucial porque mostra que, no mundo greco-romano, Salomão era visto como um EXORCISTA PRÁTICO – cujos métodos podiam ser replicados por outros. O anel de Salomão não era apenas um objeto mítico – era um PADRÃO que podia ser imitado.

## 22.3. *O TESTAMENTO DE SALOMÃO EM GREGO – A TRADIÇÃO MANUSCRITA*

O Testamento de Salomão, que discutimos na Parte III, sobrevive principalmente em grego. O texto é um exemplo clássico da tradição exorcista que circulava no mundo greco-romano. Ele descreve Salomão interrogando demônios, forçando-os a revelar seus nomes e suas funções, e usando-os para construir o Templo.

Os papiros mágicos gregos e o Testamento de Salomão são DOIS LADOS DA MESMA MOEDA: ambos refletem uma tradição de exorcismo e magia prática que circulava no Mediterrâneo oriental, e ambos atribuem essa tradição a Salomão.

## 22.4. *SALOMÃO COMO "EXORCISTA INTERNACIONAL"*

A tradição greco-romana transformou Salomão em uma figura universal. Ele não era mais apenas o rei de Israel – era o EXORCISTA INTERNACIONAL, cujo nome podia ser invocado por gregos, egípcios e romanos para expulsar demônios e curar doenças.

Esta é uma TRANSFORMAÇÃO RADICAL. Salomão, que na Bíblia é um rei judeu, torna-se um MAGO GLOBAL. Seu nome é sinônimo de poder sobre os espíritos – não importa a religião do operador. Um grego podia invocar Salomão tão facilmente quanto um judeu.

> **INSIGHT OPERACIONAL**
>
> O nome de Salomão é um EGRÉGORA GLOBAL. Ele foi invocado por gregos, romanos, egípcios, persas, árabes e etíopes por mais de dois milênios. Cada invocação adicionou energia ao arquétipo. Quando você invoca o nome de Salomão, você está acessando um CAMPO DE RESSONÂNCIA que transcende religiões e culturas. Use esse campo – ele é a sua maior ferramenta.

## 22.5. *AS GEMAS MÁGICAS E OS AMULETOS DE SALOMÃO*

Além dos papiros, a tradição greco-romana produziu centenas de GEMAS MÁGICAS e AMULETOS com inscrições de Salomão. Esses amuletos eram usados para proteção contra demônios, doenças e perigos. Eles

frequentemente apresentavam a imagem de Salomão a cavalo, com uma lança, subjugando um demônio – uma imagem que se tornaria icônica na Idade Média.

Uma descoberta arqueológica recente na Turquia – um amuleto de bronze de 1.600 anos representando Salomão a cavalo, com os nomes dos quatro arcanjos (Azrail, Gabriel, Miguel e Israfil) inscritos em grego – confirma a circulação do mito de Salomão no mundo bizantino.

TÓPICO 23

# A VISÃO DOS GNÓSTICOS, MANDÉUS E OPOSTOS – O FALSO ILUMINADO

A visão mais subversiva de Salomão vem do gnosticismo e do mandeísmo. Aqui, Salomão não é um sábio – é um VILÃO, um agente do Demiurgo que aprisiona as almas na matéria.

## 23.1. *O GNOSTICISMO – SALOMÃO COMO ARCONTE DO DEMIURGO*

O gnosticismo é um movimento religioso que floresceu nos primeiros séculos da era cristã. Os gnósticos viam o mundo material como uma PRISÃO, criada por um deus inferior – o Demiurgo – que aprisiona as almas na matéria. O Demiurgo é o líder dos arcontes – as forças que mantêm as almas presas no mundo material.

Na visão gnóstica, Salomão é um ARCONTE – um agente do Demiurgo que constrói prisões para as almas. O Templo de Salomão não é uma morada de Deus – é uma PRISÃO PARA A LUZ. Os demônios que Salomão aprisiona são, na verdade, ENTIDADES DE LUZ que foram enganadas e aprisionadas na matéria. Salomão é o CARRASCO, não o sábio.

Esta visão é radical, mas tem um fundo de verdade. A Goétia é uma tecnologia de APRISIONAMENTO. O operador que usa a Goétia está reproduzindo o ato de Salomão – está aprisionando entidades espirituais para seus próprios fins. E isso tem um PREÇO KÁRMICO, como vimos na Parte V.

## 23.2. *O MANDEÍSMO – SALOMÃO COMO FILHO DE RUHA (O ESPÍRITO DO MAL)*

Os mandeus, os últimos gnósticos vivos, têm uma visão ainda mais extrema. Para eles, Salomão é o FILHO DE RUHA – o Espírito do Mal.

Ruha é a rainha do submundo, a mãe dos demônios, a personificação da sedução da matéria sobre o espírito. Ela é a grande antagonista da soteriologia mandeia – não má por natureza, mas por função, incorporando o poder sedutor da matéria sobre o espírito.

Salomão, ao aprisionar os demônios, está fazendo o trabalho de sua mãe – está mantendo as almas presas na matéria. Na visão mandeia, Salomão NÃO É UM HERÓI. Ele é um VILÃO – o arquiteto da prisão, o agente das trevas disfarçado de luz.

Esta visão é chocante para os ocultistas ocidentais, que veem Salomão como o grande mago. Mas ela é uma CORREÇÃO NECESSÁRIA. A magia salomônica NÃO É NEUTRA. Ela tem um lado escuro – e o operador que a usa deve estar ciente disso.

## 23.3. *SALOMÃO E A TRADIÇÃO DOS OPOSITORES*

Além dos gnósticos e mandeus, há outras tradições que veem Salomão com desconfiança. Os OPOSITORES – grupos que se opunham à ortodoxia judaico-cristã – frequentemente viam Salomão como um MAGO NEGRO, não como um sábio.

Essas tradições são menos documentadas, mas sua influência é evidente nos grimórios. A Goétia, com sua ênfase no APRISIONAMENTO e na COMPULSÃO, é um produto dessa visão alternativa. Salomão não é um herói que libertou os demônios – é um TIRANO que os escravizou.

## 23.4. *A LIÇÃO DA VISÃO OPOSTA – A INTEGRAÇÃO DA SOMBRA*

A visão gnóstica e mandeia de Salomão não deve ser rejeitada – deve ser INTEGRADA. Salomão tem um lado escuro, e esse lado escuro é parte da tradição salomônica. O operador que ignora esse lado escuro está operando com uma compreensão incompleta do arquétipo.

A lição é clara: a magia salomônica é uma FERRAMENTA DE PODER – e o poder pode ser usado para o bem ou para o mal. Salomão usou o poder para construir o Templo, mas também usou o poder para aprisionar os demônios. O operador deve decidir: ELE VAI USAR O PODER PARA CONSTRUIR OU PARA APRISIONAR?

**INSIGHT OPERACIONAL**

A visão gnóstica de Salomão é um ESPELHO. Ela reflete o medo do operador de que a magia é uma prisão, não uma libertação. Esse medo é legítimo – a magia pode se tornar uma PRISÃO se o operador perder o controle. O segredo é usar a magia como uma FERRAMENTA DE LIBERTAÇÃO, não de aprisionamento. Os demônios não devem ser escravizados – devem ser INTEGRADOS. A Goétia não deve ser usada para controlar os outros – deve ser usada para se CONHECER.

ADIÇÃO

# A VISÃO ETÍOPE – O KEBRA NAGAST E A ARCA EM AXUM (EXPANSÃO)

O Kebra Nagast (Ge'ez: ክብረ ነገሥት, "A Glória dos Reis") é uma epopeia nacional etíope do século XIV, escrita em Ge'ez pelo nebure id Ishaq de Axum. O texto narra:

1. 1. A visita da Rainha de Sabá (Makeda) a Salomão
2. 2. O nascimento de seu filho Menelik I (também chamado Bäynä Ləḫkəm, do árabe "filho do sábio")
3. 3. O roubo da Arca da Aliança por Menelik e sua transferência para Axum

A obra é ao mesmo tempo um manifesto político (que legitima a dinastia salomônica da Etiópia) e um documento religioso (que conecta a Etiópia à Aliança de Deus com Israel). A tradução inglesa completa foi publicada por E.A. Wallis Budge em 1922.

Menos de 1% dos mais de 100.000 textos etíopes em Ge'ez estão disponíveis em qualquer língua europeia, o que torna o Kebra Nagast uma fonte ainda mais valiosa. A tradição etíope afirma que a Arca está guardada na Igreja de Nossa Senhora Maria de Sião, em Axum, até hoje.

ADIÇÃO

# O DEBATE SOBRE A INSCRIÇÃO DE KUNTILLET AJRUD (EXPANSÃO)

Uma das descobertas mais notáveis na arqueologia bíblica é a inscrição encontrada em Kuntillet Ajrud (Sinai). A inscrição, reconstruída a partir de fragmentos de um jarro de armazenamento, diz: "Eu te abençoo por YHWH de Samaria e por sua Asherah".

O debate acadêmico é intenso:

- Alguns estudiosos (como William Dever) argumentam que "Asherah" se refere a uma deusa, consorte de Yahweh.
- Outros sugerem que "Asherah" se refere a um símbolo sagrado (um poste de madeira) ou a um local sagrado.
- Uma interpretação recente sugere que as figuras desenhadas no jarro representam o deus egípcio Bes, e não Yahweh e Asherah.
- A arqueóloga Pirhiya Beck concluiu que ambas as figuras em pé são representações de Bes, e que não há uma relação significativa entre a inscrição e as figuras no vaso de Kuntillet Ajrud.

O debate sobre a reconstrução da inscrição em si também é controverso. O arqueólogo Uzi Avner questionou a precisão da reconstrução, argumentando que os fragmentos podem ter sido montados incorretamente.

Independentemente do resultado do debate, a inscrição é uma prova arqueológica de que a religião israelita antiga era mais complexa e sincrética do que o monoteísmo estrito da Bíblia sugere. A presença de Asherah como consorte de Yahweh era uma realidade na religião popular, e Salomão, ao construir altares para Asherah, estava simplesmente refletindo uma prática já existente.

PARTE VII

# O CONTEXTO ECLESIÁSTICO E A TRADIÇÃO LITÚRGICA (A IGREJA E A SINAGOGA CONTRA-ATACAM) – EDIÇÃO EXPANDIDA

A Parte VI foi a viagem pelo caleidoscópio das tradições vizinhas – vimos o Salomão islâmico, o etíope, o persa, o greco-romano e o gnóstico. Cada visão revelou uma faceta diferente do arquétipo salomônico. Agora, chegamos ao campo de batalha mais próximo de nós: o CONTEXTO ECLESIÁSTICO – a forma como a instituição religiosa, tanto na Sinagoga quanto na Igreja, "domesticou" o mago, transformando o operador de demônios em um sábio moralista.

Esta Parte VII é a dissecação do processo de CANONIZAÇÃO – o jogo de poder que determinou quais livros atribuídos a Salomão seriam considerados sagrados e quais seriam relegados ao esquecimento ou à

censura. Vamos destrinchar as disputas entre fariseus e saduceus, o papel do Concílio de Jâmnia, o uso litúrgico dos livros salomônicos na Sinagoga e na Igreja, e a tradução seletiva que moldou a imagem de Salomão para o ocidente. O que está em jogo aqui não é apenas a história dos textos – é a MEMÓRIA CULTURAL de Salomão, e como ela foi manipulada para servir aos interesses das instituições.

TÓPICO 24

# A CANONIZAÇÃO DOS LIVROS DE SALOMÃO – O JOGO DO PODER ECLESIÁSTICO

Os livros atribuídos a Salomão – Provérbios (Mishlei), Eclesiastes (Qohelet) e Cântico dos Cânticos (Shir Hashirim) – não entraram no cânon judaico por um processo simples e pacífico. Eles foram objeto de intensos debates, disputas teológicas e jogos de poder entre as facções religiosas do judaísmo do Segundo Templo.

## 24.1. *A ESTRUTURA DO CÂNON JUDAICO – TORÁ, PROFETAS E ESCRITOS*

O cânon judaico (o Tanakh) é dividido em três partes:

- TORÁ (A Lei): Os cinco livros de Moisés – a revelação fundamental, a base de toda a teologia judaica.
- NEVI'IM (Os Profetas): Os livros dos profetas anteriores e posteriores – a palavra direta de Deus através dos homens.
- KETUVIM (Os Escritos): Uma coleção diversa de livros, incluindo Salmos, Provérbios, Jó, Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester, Daniel, Esdras-Neemias e Crônicas.

Os livros atribuídos a Salomão – Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos – estão na terceira seção, os Ketuvim. Esta posição é significativa: eles não têm a autoridade da Torá (a Lei revelada) nem dos Profetas (a palavra direta de Deus). Eles são "Escritos" – textos de sabedoria humana, inspirados, mas não revelados. Esta distinção é crucial para entender por que sua canonicidade foi contestada. A Torá é a fundação inquestionável; os Profetas são a voz profética; os Escritos são a reflexão humana sobre a experiência da fé. E é exatamente por serem "humanos" que os livros de Salomão são tão perigosos – eles são a SABEDORIA DO OPERADOR, não a revelação do profeta.

## 24.2. *AS DISPUTAS ENTRE FARISEUS E SADUCEUS – O CAMPO DE BATALHA TEOLÓGICO*

No judaísmo do Segundo Templo (c. 516 a.C. – 70 d.C.), duas grandes facções disputavam a interpretação da Lei: os FARISEUS e os SADUCEUS.

- Os SADUCEUS eram a elite sacerdotal e aristocrática. Eles rejeitavam a tradição oral, a ressurreição dos mortos e a existência de anjos e demônios. Eles se apegavam estritamente à Torá escrita. Para eles, o cânon era a Torá – e apenas a Torá. Os livros dos Profetas e dos Escritos eram secundários, e qualquer livro que não fosse atribuído a Moisés era suspeito.
- Os FARISEUS eram a facção popular e mais flexível. Eles aceitavam a tradição oral, a ressurreição e a angelologia. Eles eram os antepassados do judaísmo rabínico. Para eles, a Torá era a base, mas os Profetas e os Escritos também eram sagrados – e a tradição oral era tão importante quanto a escrita.

Os livros de Salomão – especialmente Eclesiastes e Cântico dos Cânticos – eram objetos de disputa entre essas facções. Os saduceus, com sua ênfase na Torá, tendiam a ser mais céticos em relação a livros que não eram atribuídos a Moisés. Os fariseus, mais abertos à diversidade literária, tendiam a aceitá-los – desde que pudessem ser interpretados de forma ortodoxa.

## 24.3. *O CONCÍLIO DE JÂMNIA (c. 90 d.C.) – O DEBATE SOBRE ECLESIASTES E O CÂNTICO DOS CÂNTICOS*

Após a destruição do Templo em 70 d.C., os rabinos se reuniram em Yavneh (Jâmnia) para reorganizar o judaísmo. A escola rabínica de Jâmnia, liderada por Rabino Joanã ben Zaqueu, tornou-se o centro da autoridade religiosa judaica. Um dos tópicos mais controversos foi o status canônico de dois livros atribuídos a Salomão: Eclesiastes (Qohelet) e o Cântico dos Cânticos (Shir Hashirim).

O debate é registrado no tratado Yadayim 3:5 da Mishná: "Azariah head of the college, the Song of Songs and Koheleth (Ecclesiastes) both render the hands unclean". A expressão "render as mãos impuras" é uma forma rabínica de dizer que um livro é sagrado e canônico – o toque no livro exige lavagem das mãos. Os livros que "tornam as mãos impuras" são livros sagrados; os que não tornam são profanos.

Mas por que esses dois livros em particular eram controversos?

- ECLESIASTES era problemático por seu NI ILISMO. O livro afirma que "tudo é vaidade" e que "não há nada de novo debaixo do sol". Para os rabinos, isso parecia contradizer a Torá, que afirma que a vida tem propósito e significado. Além disso, Eclesiastes contém passagens que

parecem negar a justiça divina e a vida após a morte – uma heresia para os fariseus, que acreditavam na ressurreição.

- O CÂNTICO DOS CÂNTICOS era problemático por seu EROTISMO EXPLÍCITO. O livro é uma coleção de poemas de amor com descrições sensuais do corpo amado – seios, lábios, cabelos, coxas. Para os rabinos, isso parecia inadequado para um livro sagrado – parecia mais uma canção de amor pagã do que uma escritura divina.

A solução para ambos os problemas foi a INTERPRETAÇÃO ALEGÓRICA.

- Eclesiastes foi reinterpretado como um livro sobre o TEMOR DE DEUS – a conclusão do livro (Ecl 12:13) – "Teme a Deus e guarda os seus mandamentos" – foi usada como a chave para todo o livro. O niilismo foi transformado em HUMILDADE.
- O Cântico dos Cânticos foi reinterpretado como uma ALEGORIA DO AMOR ENTRE DEUS E ISRAEL. O amado era Deus; a amada era a nação de Israel. O erotismo foi transformado em TEOLOGIA.

Sob a liderança do rabino Akiva, que declarou que "todo o mundo não vale o dia em que o Cântico dos Cânticos foi dado a Israel", o livro foi finalmente aceito. O Concílio de Jâmnia, por volta de 100 d.C., concluiu que ambos os livros eram canônicos. No entanto, como observam os estudiosos modernos, o Concílio de Jâmnia não "criou" o cânon – ele simplesmente reconheceu uma realidade que já estava em processo. A teoria do "Concílio de Jâmnia" foi proposta pelo historiador Heinrich Graetz em 1871, mas foi amplamente questionada a partir da década de 1960. Muitos estudiosos hoje veem o cânon como um processo gradual, não como um evento único.

**INSIGHT OPERACIONAL**

O debate sobre Eclesiastes e o Cântico dos Cânticos é um exemplo clássico de como a INSTITUIÇÃO RELIGIOSA domestica o texto perigoso. Eclesiastes é o livro do mago que viu o vazio; o Cântico dos Cânticos é o livro do mago que experimentou o êxtase erótico. Ambos são PERIGOSOS para a ortodoxia – porque ambos apontam para uma experiência direta que não passa pela mediação institucional. A interpretação alegórica foi a VÁLVULA DE ESCAPE – permitiu que os livros fossem mantidos no cânon, mas esvaziados de seu poder subversivo. O operador que lê esses livros sem a lente alegórica está lendo o Salomão REAL – não o Salomão domesticado.

## 24.4. *A INCLUSÃO DUVIDOSA DE ECLESIASTES – POR QUE UM LIVRO TÃO NI ILISTA FOI MANTIDO?*

Apesar de seu niilismo, Eclesiastes foi mantido no cânon por várias razões:

1. **1. A ATRIBUIÇÃO A SALOMÃO:** O livro era atribuído ao rei sábio, e sua autoridade era difícil de contestar. Salomão era o arquétipo do sábio – e um livro atribuído a ele tinha um peso que outros livros não tinham.
2. **2. A CONCLUSÃO ORTODOXA:** O versículo final (Ecl 12:13) – "Teme a Deus e guarda os seus mandamentos" – fornecia uma saída teológica para o niilismo do livro. A conclusão redimia o conteúdo.
3. **3. O USO LITÚRGICO:** Eclesiastes era lido na Festa dos Tabernáculos (Sukkot) – um uso que ajudou a consolidar sua

canonicidade. A leitura pública criava uma tradição que era difícil de quebrar.

4. **4. A TRADIÇÃO RABÍNICA:** Os rabinos encontraram maneiras de interpretar o livro de forma ortodoxa, vendo-o como um lembrete da transitoriedade da vida e da necessidade de se apegar a Deus.

A inclusão de Eclesiastes no cânon é um TESTEMUNHO DA HONESTIDADE DOS RABINOS – eles não censuraram um livro difícil; eles o mantiveram e o interpretaram. Mas também é um testemunho do PODER DA INTERPRETAÇÃO – o texto pode ser mantido, desde que sua mensagem seja controlada.

## 24.5. *A BIRKAT HA-MINIM – A MALDIÇÃO CONTRA OS HEREGES E A SEPARAÇÃO DO CRISTIANISMO*

O Concílio de Jâmnia não tratou apenas da canonização de livros. Segundo algumas teorias, ele também foi o local onde os líderes judeus decidiram excluir os cristãos (os "minim" – hereges) das sinagogas.

A BIRKAT HA-MINIM (a "Bênção sobre os hereges") é uma maldição judaica contra os hereges, inserida na Amidah (a oração central do judaísmo). Segundo o Talmud (Berachot 28b), Rabban Gamaliel pediu a Shmuel ha-Katan que formulasse esta bênção. A Birkat ha-Minim pedia a Deus que destruísse os hereges – e os cristãos eram considerados hereges.

Esta é uma CAMADA ADICIONAL de domesticação. Não apenas os livros de Salomão foram domesticados – a PRÓPRIA COMUNIDADE QUE OS LIA foi purificada. Os cristãos, que também liam os livros de Salomão (especialmente o Cântico dos Cânticos como alegoria de Cristo e

da Igreja), foram excluídos. A Birkat ha-Minim é o AVISO FINAL – a comunidade que lê os textos deve ser pura, e os hereges devem ser amaldiçoados.

TÓPICO 25

# O USO LITÚRGICO NA SINAGOGA – OS ROLOS (MEGILLOT) E AS FESTAS

Os livros atribuídos a Salomão não são apenas textos para estudo – eles são LIDOS PUBLICAMENTE na sinagoga, em momentos específicos do ano litúrgico. Esta leitura pública é um ato de RESSONÂNCIA COLETIVA – a comunidade inteira se conecta com a sabedoria de Salomão em momentos específicos do ciclo anual.

## 25.1. *ECLESIASTES (QOHELET) NA FESTA DOS TABERNÁCULOS (SUKKOT) – A ALEGRIA EFÊMERA*

Eclesiastes é lido publicamente na Festa dos Tabernáculos (Sukkot). Sukkot é uma festa de colheita e alegria – os judeus constroem cabanas temporárias (sukkot) e celebram a provisão de Deus no deserto. Por que um livro tão sombrio e niilista é lido em uma festa tão alegre?

A resposta está na LIÇÃO DA EFEMERIDADE. Sukkot celebra a colheita – o momento em que o agricultor colhe os frutos do seu trabalho. Mas a cabana temporária (a sukkah) é um lembrete de que toda a prosperidade é FRÁGIL e PASSAGEIRA. O agricultor que colheu sua safra pode se sentir tentado a se orgulhar e esquecer de Deus. Eclesiastes é o ANTÍDOTO para esse orgulho – ele lembra que "tudo é vaidade" e que a vida é um sopro.

O rabino Abraham Joshua Heschel observou que Sukkot é a única festa em que os judeus deixam suas casas permanentes para habitar em cabanas temporárias – é um ato de DESAPEGO. Eclesiastes é o texto do desapego. A leitura de Eclesiastes em Sukkot é um ato de HUMILDADE COLETIVA – a comunidade reconhece que sua riqueza é temporária e que apenas Deus é eterno.

## 25.2. *CÂNTICO DOS CÂNTICOS (SHIR HASHIRIM) NA PÁSCOA (PESSACH) – A LIBERTAÇÃO COMO UNIÃO MÍSTICA*

O Cântico dos Cânticos é lido publicamente na Páscoa (Pessach). Pessach celebra a libertação de Israel do Egito – o momento em que Deus "passou por cima" das casas dos israelitas e os libertou da escravidão.

A conexão entre o Cântico dos Cânticos e Pessach é PROFUNDA. Para os rabinos, o Êxodo do Egito não é apenas um evento histórico – é um CASAMENTO entre Deus e Israel. Deus é o amado; Israel é a amada. O Cântico dos Cânticos é a CANÇÃO DE NÚPCIAS desse casamento.

A leitura do Cântico dos Cânticos em Pessach é um ato de RENOVAÇÃO DA ALIANÇA – a comunidade reafirma seu amor por Deus, assim como a amada reafirma seu amor pelo amado no Cântico dos Cânticos. Os rabinos interpretaram o Cântico dos Cânticos como uma ALEGORIA DA HISTÓRIA DE ISRAEL – desde o Êxodo até a vinda do Messias. A amada que busca o amado é Israel buscando Deus; as dificuldades do amor são as dificuldades da história de Israel. A leitura do Cântico dos Cânticos em Pessach é um ato de ESPERANÇA – a certeza de que, no final, o amor vencerá.

## 25.3. *PROVÉRBIOS (MISHLEI) NO SHABAT – A SABEDORIA COTIDIANA*

Provérbios, diferentemente de Eclesiastes e do Cântico dos Cânticos, não é lido como um rolo completo (megillah) em uma festa específica. No entanto, seleções de Provérbios são usadas na liturgia do Shabat.

O exemplo mais famoso é o "Eishet Chayil" (A Mulher de Valor) – Provérbios 31:10-31, que é cantado ou recitado nas noites de Shabat, antes do Kidush. Este poema descreve a mulher ideal – uma figura que, para os cabalistas, representa a SHEKINAH (a presença divina feminina) ou a própria alma de Israel.

A recitação do Eishet Chayil é um ato de HONRA À MULHER e à FAMÍLIA – mas também é um ato de CONEXÃO COM A SABEDORIA DIVINA. A mulher de valor é a personificação da Chokhmah (Sabedoria), que em Provérbios 8 é descrita como uma entidade cósmica que estava com Deus antes da criação. O Eishet Chayil é, portanto, um hino à SABEDORIA que sustenta o mundo.

> **INSIGHT OPERACIONAL**
>
> O uso litúrgico dos livros de Salomão na Sinagoga é uma TECNOLOGIA DE RESSONÂNCIA COLETIVA. A comunidade inteira, ao ler Eclesiastes em Sukkot, está sintonizando com a frequência do DESAPEGO. Ao ler o Cântico dos Cânticos em Pessach, está sintonizando com a frequência do AMOR DIVINO. Ao recitar o Eishet Chayil no Shabat, está sintonizando com a frequência da SABEDORIA. O operador que quer acessar essas frequências não precisa esperar pelas festas – pode criar seus próprios rituais de leitura, alinhando-se com os ciclos cósmicos.

TÓPICO 26

# O USO LITÚRGICO NA IGREJA CATÓLICA E ORTODOXA – A SABEDORIA DOMESTICADA

A Igreja Cristã herdou os livros de Salomão da tradição judaica, mas os adaptou ao seu próprio calendário litúrgico e à sua própria teologia. Aqui, a "domesticação" de Salomão é ainda mais pronunciada – o mago operacional é transformado em um sábio moralista, e os textos são lidos de forma seletiva.

## 26.1. *PROVÉRBIOS NO OFÍCIO DIVINO – A SABEDORIA COTIDIANA DA IGREJA*

Na Igreja Católica, Provérbios é lido no Ofício Divino (a Liturgia das Horas), especialmente durante uma semana, no Ofício das Leituras da VI semana do Tempo Comum. A leitura é contínua – a comunidade religiosa (monges, freiras, padres) lê Provérbios em voz alta, absorvendo sua sabedoria de forma sistemática.

Provérbios também é usado em leituras para missas diárias e em ocasiões especiais. A Igreja valoriza Provérbios como um guia prático para a vida moral – um manual de como viver com sabedoria e justiça. O foco está nos ensinamentos práticos, não na teologia profunda ou na magia.

## 26.2. *ECLESIASTES NO ADVENTO E NA QUARESMA – O NI ILISMO COMO PENITÊNCIA*

Eclesiastes é lido na Igreja Católica durante o ADVENTO e a QUARESMA – tempos de penitência e preparação. O Advento é a preparação para o Natal; a Quaresma é a preparação para a Páscoa. Ambos são tempos de INTROSPECÇÃO e ARREPENDIMENTO.

Eclesiastes é o livro da VANIDADE – ele lembra que a vida é passageira e que as coisas materiais não têm valor eterno. Esta mensagem é PERFEITA para o Advento e a Quaresma, que são tempos de DESPOJAMENTO. O fiel é convidado a refletir sobre a transitoriedade da vida e a se preparar para o que é eterno.

A Igreja, no entanto, lê Eclesiastes de forma SELETIVA. As passagens mais niilistas – como Eclesiastes 4:1 ("vi as lágrimas dos oprimidos, e não havia quem os consolasse") – são frequentemente suavizadas ou ignoradas. O foco está na mensagem de que "tudo tem o seu tempo" (Ecl 3:1-8) e que a vida está nas mãos de Deus. A leitura é edificante, não subversiva.

## 26.3. *CÂNTICO DOS CÂNTICOS – A INTERPRETAÇÃO ALEGÓRICA E O PERIGO DO EROTISMO*

O Cântico dos Cânticos é o livro mais PROBLEMÁTICO para a Igreja. Seu conteúdo erótico explícito – descrições do corpo amado, a busca noturna, o beijo apaixonado – parece inadequado para um livro sagrado.

A solução da Igreja foi a mesma dos rabinos: a INTERPRETAÇÃO ALEGÓRICA. Para a Igreja Católica, o Cântico dos Cânticos é uma alegoria do AMOR ENTRE CRISTO E A IGREJA. O amado é Cristo; a amada é a Igreja (ou a alma individual). O amor sexual descrito no poema é uma metáfora para o amor espiritual – a união mística entre a alma e Deus.

Esta interpretação foi desenvolvida pelos Pais da Igreja, especialmente ORÍGENES, que escreveu um comentário exaustivo sobre o Cântico dos Cânticos. Orígenes via o Cântico dos Cânticos como o ápice da vida espiritual – a união da alma com Deus através do amor. Gregório Magno e outros continuaram essa tradição, vendo o Cântico dos Cânticos como um mapa da VIDA MÍSTICA.

A interpretação alegórica salvaguardou a canonicidade do livro. Sem ela, o Cântico dos Cânticos provavelmente teria sido excluído do cânon cristão. Mas a interpretação alegórica também ESVAZIOU o significado literal – o amor humano, o corpo, a paixão foram relegados ao esquecimento.

> **INSIGHT OPERACIONAL**
>
> A interpretação alegórica do Cântico dos Cânticos é uma FORMA DE CENSURA. Ela permite que o texto seja mantido, mas esvazia seu significado literal – o amor humano, o corpo, a paixão. Para o operador, o Cântico dos Cânticos é um TEXTO DE ALQUIMIA SEXUAL – descreve a união do masculino e do feminino, a ascensão da energia da kundalini, a união mística que é ao mesmo tempo espiritual e física. A interpretação alegórica da Igreja é uma VÁLVULA DE SEGURANÇA – permite que o texto seja lido sem escandalizar os fiéis. Mas o operador que lê o Cântico dos Cânticos com os olhos do mago vê algo muito mais profundo: um MAPA DA UNIÃO DOS OPOSTOS.

## 26.4. *A VISÃO PATRÍSTICA – SALOMÃO COMO O "SÁBIO ARREPENDIDO"*

Os Pais da Igreja, especialmente Agostinho e Jerônimo, desenvolveram uma visão de Salomão que o transformou em um "SÁBIO ARREPENDIDO". Eles viram nele um homem que, apesar de sua sabedoria, caiu na idolatria e na luxúria, mas que, no final de sua vida, se arrependeu e escreveu Eclesiastes como um ato de penitência.

Esta visão é uma DOMESTICAÇÃO DO MAGO. Salomão não é mais o operador que controla demônios – é o pecador que se arrepende. A magia dele é minimizada; sua moralidade é enfatizada. Os Pais da Igreja não podiam ignorar a tradição de Salomão como mago – mas podiam reinterpretá-la como um AVISO. Salomão é o exemplo do que acontece quando a sabedoria se corrompe.

> **INSIGHT OPERACIONAL**
>
> A visão patrística de Salomão é uma ESTRATÉGIA DE CONTROLE. Ao transformar Salomão em um pecador arrependido, a Igreja desarma a tradição mágica. O operador que quer recuperar o Salomão MÁGICO deve ler os Pais da Igreja com os olhos críticos – vendo o que eles escondem, não apenas o que eles dizem.

TÓPICO 27

# A CENSURA E A TRADUÇÃO – O QUE SE PERDEU NO CAMINHO

A transmissão dos livros de Salomão do hebraico para o grego (Septuaginta) e para o latim (Vulgata) não foi um processo neutro. Cada tradução introduziu mudanças – algumas sutis, outras profundas – que alteraram o significado dos textos e a imagem de Salomão.

## 27.1. *A SEPTUAGINTA – A TRADUÇÃO GREGA E A HELENIZAÇÃO DE SALOMÃO*

A Septuaginta é a tradução do Tanakh para o grego koiné, feita entre os séculos III e I a.C., em Alexandria. A tradição diz que 72 sábios de Israel (seis de cada tribo) fizeram a tradução. Ela inclui os livros de Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos, além dos deuterocanônicos Sabedoria de Salomão e Eclesiástico (Sirácida).

A Septuaginta helenizou Salomão. Em Alexandria, os judeus estavam imersos na cultura grega – e a tradução reflete essa influência. O grego é uma língua mais filosófica e abstrata que o hebraico; a tradução tende a abstratificar os conceitos, tornando-os mais "gregos" e menos "hebraicos".

A tradução grega de Eclesiastes busca um alto grau de equivalência formal com o hebraico. Mas mesmo uma tradução formal introduz mudanças – a estrutura da língua grega força escolhas que o hebraico não exige. A Septuaginta tornou Salomão mais FILÓSOFO e menos MÁGICO.

## 27.2. *A VULGATA – A TRADUÇÃO DE JERÔNIMO E A LATINIZAÇÃO DE SALOMÃO*

A Vulgata é a tradução da Bíblia para o latim, preparada por São Jerônimo no final do século IV e início do século V. Jerônimo traduziu Provérbios, Eclesiastes e o Cântico dos Cânticos em apenas três dias. A rapidez da tradução é impressionante – e sugere que Jerônimo já conhecia bem esses textos, ou que estava usando traduções anteriores como base.

A Vulgata tornou-se a Bíblia oficial da Igreja Católica por mais de mil anos. Sua influência na cultura ocidental é incalculável. A Vulgata, no entanto, é uma TRADUÇÃO COM UMA AGENDA. Jerônimo era um asceta e um moralista – e sua tradução reflete sua visão de mundo. Os textos de Salomão foram "latinizados" – transformados para se adequar à sensibilidade latina e cristã.

Jerônimo teve um sonho famoso, em que foi julgado por um juiz divino por ser "ciceriano, não cristão". Este sonho o levou a abandonar a literatura clássica e a se dedicar exclusivamente à Bíblia. Sua tradução da Vulgata é o fruto dessa conversão – uma tradução que é mais "cristã" do que "hebraica".

## 27.3. *A MUDANÇA DE FOCO – DE QOHELET PARA ECLESIASTES*

Uma das mudanças mais significativas ocorreu na tradução do nome do livro de Eclesiastes. O título hebraico é QOHELET – que significa "o congregador" ou "o que reúne a assembleia". A palavra vem da raiz QHL (assembleia) e está relacionada ao termo "Kahal" (congregação).

A Septuaginta traduziu Qohelet como EKKLESIASTES – "membro da assembleia" ou "pregador na assembleia". Esta tradução mudou o FOCO do livro: de uma reflexão INDIVIDUAL e CÍNICA para um SERMÃO PÚBLICO.

- QOHELET é o indivíduo que reflete sobre a vaidade da vida. É um pensador solitário, um filósofo que observa o mundo com distância.
- EKKLESIASTES é o pregador que fala para uma assembleia. É um líder religioso, um mestre que instrui a comunidade.

Esta mudança de foco é PROFUNDA. O Qohelet original é um livro SUBVERSIVO – questiona a justiça divina, a utilidade do trabalho e o sentido da vida. O Eclesiastes da Septuaginta é um livro EDIFICANTE – ensina a temer a Deus e a guardar seus mandamentos. A tradução domesticou o texto, transformando o niilista em um pregador.

## 27.4. *OS LIVROS DEUTEROCANÔNICOS – A SABEDORIA DE SALOMÃO E O ECLESIÁSTICO*

Além dos três livros canônicos, a Septuaginta e a Vulgata incluem dois livros adicionais atribuídos a Salomão: a SABEDORIA DE SALOMÃO e o ECLESIÁSTICO (Sirácida).

- A SABEDORIA DE SALOMÃO é um livro deuterocanônico, escrito em grego no final do século I a.C., na colônia judaica de Alexandria. É um tratado filosófico que combina elementos judaicos e gregos, falando do Logos (a Palavra criadora) e da imortalidade da alma. A autoria do livro era atribuída a Salomão para dar maior credibilidade. Ele é um TESTEMUNHO da influência de Salomão – mesmo que não tenha sido escrito por ele.

- O ECLESIÁSTICO (Sirácida) é um livro de sabedoria escrito por Jesus ben Sira, um escriba judeu de Jerusalém, por volta de 180 a.C. Embora não seja atribuído a Salomão, foi incluído na Septuaginta e na Vulgata como um livro sapiencial.

Esses livros são TESTEMUNHOS DA INFLUÊNCIA DE SALOMÃO – eles mostram como o arquétipo de Salomão como o "rei sábio" continuou a inspirar a literatura sapiencial por séculos.

## 27.5. *A CENSURA DE PASSAGENS "PERIGOSAS" – O EROTISMO E O NI ILISMO*

Além das mudanças de tradução, houve também CENSURA DIRETA. Algumas passagens foram suavizadas ou omitidas em certas edições.

- O Cântico dos Cânticos, por seu erotismo explícito, foi alvo de tentativas de censura. Alguns manuscritos medievais omitiram as passagens mais sensuais, ou as substituíram por interpretações alegóricas.
- Eclesiastes, por seu niilismo, também foi alvo de censura. Algumas passagens que questionam a justiça divina foram suavizadas ou reinterpretadas.

A Igreja, especialmente na Idade Média, tinha um MEDO PROFUNDO da literatura que pudesse minar a autoridade da doutrina. Os livros de Salomão – com seu erotismo e niilismo – eram potencialmente perigosos. A solução foi a CENSURA e a INTERPRETAÇÃO CONTROLADA.

### INSIGHT OPERACIONAL

A tradução e a censura dos livros de Salomão são um AVISO para o operador. O texto que você lê hoje não é o texto original – é uma VERSÃO DOMESTICADA, filtrada por séculos de tradução, interpretação e censura. Para acessar o Salomão REAL, o operador deve aprender a LER ENTRE AS LINHAS – deve ver o que foi omitido, suavizado ou reinterpretado. A tradição mágica salomônica sobreviveu APESAR da censura, não por causa dela. O operador que quer acessar essa tradição deve ser um ARQUEÓLOGO DO TEXTO – cavando através das camadas de interpretação para encontrar o núcleo original.

ADIÇÃO

# AS 72 LETRAS DO SHEM HA-MEFORASH E A GOÉTIA

O Shem ha-Meforash ("O Nome Explicitado") é um nome de Deus de 216 letras, derivado de três versículos consecutivos do Êxodo (14:19-21). Quando as letras desses três versículos são combinadas de uma maneira específica, elas formam 72 grupos de três letras, cada um sendo o nome de um anjo ou inteligência divina.

Na Cabala prática, estes 72 nomes são usados para:

- Invocar anjos para proteção e orientação
- Criar talismãs e amuletos
- Acessar diferentes aspectos da criação divina

Os 72 demônios da Ars Goetia são, portanto, os "ESPELHOS NEGATIVOS" dos 72 nomes de Deus. Cada demônio é a face obscura de um nome divino – a "Klipah" (casca) que aprisiona a luz. Evocar um demônio é evocar a SHADOW de uma força divina, forçando-a a se manifestar em sua forma mais densa e material.

Esta correspondência é a chave para entender a Goétia como um sistema cabalístico de integração da sombra, e não apenas como uma lista de demônios.

ADIÇÃO

# A INTERPRETAÇÃO CABALÍSTICA DO CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Na Cabala, o Cântico dos Cânticos é interpretado como a história do amor entre a SHEKINAH (a presença divina feminina) e TIFERET (o coração, o amado).

A Shekinah é a décima Sephira (Malkuth), a presença divina no mundo, a "noiva" que está exilada e busca retornar ao seu amado. Tiferet é a sexta Sephira, o "noivo" que espera a noiva.

O Cântico dos Cânticos é o RELATO DA ASCENSÃO DA SHEKINAH – a subida da alma através das camadas da existência, do pó da rua até o Santo dos Santos. É a KUNDALINI JUDAICA – a energia feminina que sobe pela coluna vertebral, despertando os centros de energia (as Sephirot) e unindo o indivíduo ao divino.

No Zohar, a Shekinah é a amada que busca o amado ativamente. O "desejo sexual" descrito no Cântico dos Cânticos não é apenas uma metáfora – é a DESCRIÇÃO DA ENERGIA CÓSMICA que move a criação.

ADIÇÃO

# A FIGURA DE HIRAM ABIF E O MITO DE OSÍRIS (EXPANSÃO)

A lenda de Hiram Abif, o arquiteto do Templo que é assassinado e ressuscita, tem raízes profundas nos "Mistérios" pagãos. Muitos estudiosos reconhecem que Hiram Abif é uma "representação velada de Osíris".

As semelhanças são impressionantes:

- Ambos são assassinados e ressuscitam
- Ambos são figuras de autoridade e sabedoria
- Ambos estão associados à construção e à ordem
- A busca pelo corpo de Hiram ecoa a busca de Ísis pelos fragmentos de Osíris

Nas iniciações aos mistérios de Osíris, o candidato era submetido à repetição figurativa do conflito e morte de Osíris e de sua ressurreição. Este é exatamente o padrão da iniciação maçônica, onde o candidato "representa" Hiram Abif, experimenta sua "morte" e é "ressuscitado" como um Mestre Maçom.

Muitos escritores maçônicos reconhecem abertamente esta conexão: Hiram Abif é "o Osíris dos Egípcios, o Mitras dos Persas...". Esta conexão revela que a tradição maçônica não é puramente judaica – ela é uma SÍNTESE de mitologias egípcias, gregas, persas e judaicas.

PARTE VIII

# OS LIVROS ATRIBUÍDOS A SALOMÃO (A ALQUIMIA VERBAL EXPANDIDA)

A Parte VII foi a dissecação do contexto eclesiástico – vimos como a Sinagoga e a Igreja domesticaram o mago, transformando o operador de demônios em um sábio moralista através da canonização, da interpretação alegórica e da censura. Agora, chegamos ao coração da ALQUIMIA VERBAL – os próprios livros atribuídos a Salomão. Não como objetos de devoção religiosa, mas como TEXTOS OPERACIONAIS – como mapas da psique, como sigilos verbais, como tecnologia de transformação interior.

Esta Parte VIII é a dissecação da biblioteca salomônica. Vamos além das leituras piedosas e mergulhar nas camadas ocultas de cada livro:

- PROVÉRBIOS (Mishlei), a matemática do caos e a alquimia social, onde cada provérbio é um sigilo – uma frase curta que condensa uma força.

- ECLESIASTES (Qohelet), o niilismo do mago velho – o primeiro tratado de niilismo prático do ocidente, o livro mais honesto, mais perigoso e o favorito dos ateus místicos.
- CÂNTICO DOS CÂNTICOS (Shir Hashirim), o segredo alquímico da união – o mapa cabalístico da ascensão da Shekinah, a Kundalini judaica.
- SABEDORIA DE SALOMÃO, o tratado platônico que helenizou Salomão e introduziu o Logos como ponte entre o divino e o mundo.
- ODES DE SALOMÃO, os hinos de poder que sobreviveram em manuscritos siríacos e coptas, usados como senhas para atravessar os portais planetários na magia antiga.

Cada um desses livros é um TECLADO DE FREQUÊNCIAS – uma coleção de vibrações verbais que, quando recitadas com a intenção correta, alteram o estado de consciência do operador e abrem portas para o Abismo. O que a Igreja leu como moralidade, o mago lê como MANUAL DE OPERAÇÃO.

TÓPICO 28

# PROVÉRBIOS (MISHLEI) – A MATEMÁTICA DO CAOS E A ALQUIMIA SOCIAL

Provérbios é o livro da SABEDORIA PRÁTICA – mas para o ocultista, é muito mais do que conselhos para uma vida boa. É um SISTEMA DE SIGILOS VERBAIS, uma coleção de "bombas de intenção" que, quando repetidas, reestruturam a psique do operador.

## 28.1. *A ESTRUTURA OCULTA – AS COLEÇÕES QUE NINGUÉM VÊ*

Provérbios não é um livro uniforme. É uma COLCHA DE RETALHOS – uma compilação de coleções de sabedoria de diferentes épocas e autores. A estrutura é clara para quem olha com atenção:

- PROVÉRBIOS DE SALOMÃO (caps. 1-9): A primeira coleção, a mais longa, contendo discursos sobre a Sabedoria personificada. É a INTRODUÇÃO FILOSÓFICA – a base teórica de todo o livro.
- PROVÉRBIOS DE SALOMÃO (caps. 10-22:16): A segunda coleção, composta principalmente de provérbios de uma linha, de estrutura paralela. É a PRÁTICA – a aplicação cotidiana da sabedoria.
- PALAVRAS DOS SÁBIOS (caps. 22:17 – 24:22): A terceira coleção, que tem paralelos diretos com a Instrução de Amenemope, um texto egípcio do século XIII a.C. É a SÍNTESE – a sabedoria internacional, a prova de que Salomão era um SINCRETISTA.

- PALAVRAS DOS SÁBIOS (caps. 24:23-34): A quarta coleção, mais curta.
- PROVÉRBIOS COPIADOS POR EZEQUIAS (caps. 25-29): A quinta coleção, que foi compilada pelos escribas do rei Ezequias (século VIII a.C.). É a TRADIÇÃO – a prova de que os provérbios foram preservados e transmitidos.
- PALAVRAS DE AGUR (cap. 30): Uma coleção atribuída a Agur, filho de Jakeh – um autor não-salomônico que foi incluído na compilação.
- PALAVRAS DE LEMUEL (cap. 31): Uma coleção atribuída ao rei Lemuel, com o famoso poema "A Mulher de Valor" (Eishet Chayil).

Esta estrutura complexa revela que Provérbios não foi escrito por um único autor – é uma COMPILAÇÃO DE SÉCULOS, uma tradição de sabedoria que foi se acumulando e sendo editada.

## 28.2. *A VISÃO OCULTISTA – CADA PROVÉRBIO É UM SIGILO*

Para o ocultista, cada provérbio não é uma afirmação moral – é um SIGILO. Um sigilo é uma frase curta que condensa uma força, uma intenção, uma frequência. Quando repetido com foco e intenção, o sigilo atua como uma CHAVE QUE ABRE UMA PORTA NA PSIQUE.

Por exemplo:

- "O temor do Senhor é o princípio da sabedoria" (Pv 1:7) – não é uma ordem moral, é uma INSTRUÇÃO TÉCNICA. "Temor" (Yirat) não é medo psicológico – é a VIBRAÇÃO CORRETA do nome divino, a ressonância que alinha o microcosmo com o macrocosmo. O

"princípio" (reshit) é a primeira vibração, a nota fundamental que desafina o caos.

- "Confia no Senhor de todo o teu coração" (Pv 3:5) – não é uma exortação religiosa, é uma INSTRUÇÃO DE RENDIÇÃO. Confiar (batach) é ABANDONAR O CONTROLE – é o ato de entregar a vontade à corrente maior. O "coração" (lev) é o centro da decisão – e a instrução é para desligar o centro de controle e permitir que a força divina opere.
- "O caminho dos justos é como a luz da aurora" (Pv 4:18) – é uma DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE ILUMINAÇÃO. A "luz da aurora" (or nogah) é a luz crescente da consciência – a ascensão da kundalini que ilumina os caminhos da vida.

## 28.3. *A SABEDORIA (CHOKHMAH) COMO ENTIDADE – A DEUSA QUE A IGREJA ESQUECEU*

Em Provérbios 8, a Sabedoria não é uma abstração – é uma ENTIDADE CÓSMICA FEMININA que estava com Deus antes da criação.

O texto é explícito: "O Senhor me criou como princípio do seu caminho, antes das suas obras mais antigas. Desde a eternidade fui estabelecida, desde o princípio, antes do início da terra." (Pv 8:22-23)

Ela é descrita como estando ao lado de Deus como "mestre de obras" (amon), "cheia de alegria" e "tendo as delícias" na presença de Deus (Pv 8:30-31). Esta é a SHEKINAH – a contraparte feminina de Deus que a tradição rabínica desenvolveu séculos depois, e que os cabalistas identificaram como a décima Sephira (Malkuth) ou como a presença divina no mundo.

Para o ocultista, a Sabedoria personificada em Provérbios 8 é a CHAVE PARA A MAGIA SALOMÔNICA. Salomão não estava apenas escrevendo poesia – estava INVOCANDO UMA DEUSA. A Sabedoria é o arquétipo feminino do conhecimento – a mesma força que a Rainha de Sabá personifica em sua visita a Jerusalém. Invocar a Sabedoria é invocar a SHEKINAH – é pedir que a face feminina de Deus se manifeste na operação mágica.

## 28.4. *A CONEXÃO COM O EGITO – O PLÁGIO DIVINO DE SALOMÃO*

Uma das descobertas mais importantes da arqueologia foi a descoberta da INSTRUÇÃO DE AMENEMOPE, um texto de sabedoria egípcio do século XIII a.C., encontrado em um papiro no Egito. O texto foi publicado pela primeira vez em 1922 por Sir E. Wallis Budge.

As semelhanças entre a Instrução de Amenemope e Provérbios 22:17–24:22 são impressionantes. Ambas as obras:

- São divididas em 30 capítulos (ou "ditos").
- Começam com um prefácio semelhante.
- Contêm conselhos éticos quase idênticos.
- Usam a mesma estrutura de "palavras dos sábios".

O estudioso Adolf Erman foi o primeiro a sugerir que o termo hebraico "shalishim" ("excelentes coisas") em Provérbios 22:20 deveria ser lido como "sheloshim" ("trinta") – uma referência direta aos 30 capítulos de Amenemope.

A conclusão é inescapável: SALOMÃO COPIOU A SABEDORIA EGÍPCIA. Ele não era um gênio original – era um SINCRETISTA que roubava a magia de outras culturas e a adaptava ao seu próprio contexto. O "plágio divino" de Salomão é, na verdade, a MARCA DO VERDADEIRO MAGO – aquele que sabe que a sabedoria é universal e que as fronteiras nacionais são ilusões. O mago não cria do nada – ele SINTETIZA e TRANSFORMA.

## 28.5. *A ALQUIMIA SOCIAL – PROVÉRBIOS COMO MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA PARA O MAGO*

Além de sua dimensão espiritual, Provérbios é um MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA para o mago que vive no mundo. Ele ensina:

- Como lidar com tolos e sábios.
- Como administrar a riqueza e o poder.
- Como reconhecer a "mulher estranha" (a sedução que desvia do caminho).
- Como usar a língua como ferramenta e como arma.
- Como equilibrar a disciplina e a misericórdia.

Estas não são lições morais – são ESTRATÉGIAS OPERACIONAIS. O mago que não sabe lidar com o mundo material não pode operar no mundo espiritual. Provérbios é o TREINAMENTO BÁSICO – a preparação para as operações mais avançadas da Goétia.

TÓPICO 29

# ECLESIASTES (QOHELET) – O NIILISMO DO MAGO VELHO

Se Provérbios é o livro da juventude – a fase da ação, da construção, da acumulação – Eclesiastes é o livro da VELHICE. É o testemunho de um homem que viu tudo, fez tudo, e descobriu que tudo era "vapor".

## 29.1. *"VAIDADE DE VAIDADES" – O SIGNIFICADO OCULTO DE HEVEL*

O famoso verso de abertura – "Vaidade de vaidades, diz o Pregador, vaidade de vaidades, tudo é vaidade" (Ecl 1:2) – é uma das frases mais mal compreendidas da Bíblia.

A palavra hebraica é HEVEL (הבל), que significa literalmente "VAPOR" ou "SOPRO". Não é "vaidade" no sentido de orgulho – é "vapor" no sentido de TRANSI TORIEDADE. A vida é como um sopro – aparece e desaparece, é real enquanto dura, mas não dura para sempre.

O Eclesiastes não é um livro sobre o ABSURDO da vida – é um livro sobre a LIMITAÇÃO da vida. Qohelet (o "Pregador" ou "Congregador") não diz que a vida não tem sentido – diz que a vida tem LIMITES. E os limites são o que torna a vida PRECIOSA.

## 29.2. *O NI ILISMO PRÁTICO – O PRIMEIRO TRATADO DE FILOSOFIA EXISTENCIAL*

O Eclesiastes é o primeiro tratado de NI ILISMO PRÁTICO do ocidente. Ele antecipa Schopenhauer, Nietzsche e o existencialismo em séculos.

Qohelet examina todas as áreas da vida humana e as declara "vapor":

- **O TRABALHO:** "Que proveito tem o homem de todo o seu trabalho?" (Ecl 1:3).
- **O CONHECIMENTO:** "Quanto mais sábio, mais triste" (Ecl 1:18).
- **O PRAZER:** "Tudo é vaidade e correr atrás do vento" (Ecl 2:11).
- **A RIQUEZA:** "Quem ama o dinheiro nunca se farta" (Ecl 5:10).
- **A JUSTIÇA:** "Vi as lágrimas dos oprimidos, e não havia quem os consolasse" (Ecl 4:1).

Mas o niilismo de Qohelet não é um fim em si – é um PONTO DE PARTIDA. Ao reconhecer que todas as coisas são "vapor", o operador é LIBERTADO do apego. Se tudo é transitório, então nada merece ser agarrado com desespero. A vida pode ser vivida com LEVEZA.

O Eclesiastes termina com a famosa conclusão: "Teme a Deus e guarda os seus mandamentos, porque isto é o dever de todo o homem. Porque Deus trará a juízo toda obra" (Ecl 12:13-14). Esta não é uma fuga do niilismo – é a ACEITAÇÃO DO MISTÉRIO. Qohelet não pode explicar o sentido da vida – mas pode VIVER na presença do Mistério.

## 29.3. *O ECLESIASTES E A MAGIA – O DESAPEGO COMO FERRAMENTA OPERACIONAL*

Para o mago, o Eclesiastes é um MANUAL DE DESAPEGO. O maior inimigo do operador é o APEGO – o apego ao resultado, ao poder, à riqueza, à própria vida. O apego cria medo, e o medo paralisa a vontade. Qohelet ensina o DESAPEGO – a capacidade de operar sem se apegar ao resultado.

Quando você evoca um demônio, você não pode estar apegado ao que ele vai te dar. Se você está apegado, o demônio vai usar esse apego contra você. O desapego é a ARMADURA DO MAGO. O Eclesiastes é o treinamento nessa armadura – a prática de ver o mundo como "vapor" para não ser escravizado por ele.

## 29.4. *O ECLESIASTES E A CABALA – A TRAVESSIA DO ABISMO*

Na Cabala, o Eclesiastes é o livro de DAATH – a não-Sephira, o Abismo. Daath é o lugar onde o conhecimento se desfaz, onde a razão se perde, onde a luz se torna treva. Qohelet é o viajante que atravessou Daath e voltou para contar a história.

A travessia de Daath tem um preço: a PERDA DA INOCÊNCIA. Qohelet viu o vazio que existe por trás da criação – e não conseguiu mais ver o mundo com os olhos de uma criança. Mas ele também viu a BELEZA que existe no meio do vazio – o "tempo para tudo" (Ecl 3:1-8), a dança dos opostos que dá ritmo à vida.

O Eclesiastes é o RELATO DE UM SOBREVIVENTE – um homem que atravessou o Abismo e retornou, não com respostas, mas com a SABEDORIA DE NÃO PRECISAR DE RESPOSTAS.

TÓPICO 30

# CÂNTICO DOS CÂNTICOS (SHIR HASHIRIM) – O SEGREDO ALQUÍMICO DA UNIÃO

Se Provérbios é o livro da ação e Eclesiastes é o livro do desapego, o Cântico dos Cânticos é o livro da UNIÃO. É o texto mais erótico e mais místico da Bíblia – e o mais mal compreendido.

## 30.1. *A ESTRUTURA POÉTICA – O DIÁLOGO DO DESEJO*

O Cântico dos Cânticos (Shir Hashirim) é uma coleção de poemas de amor, atribuídos a Salomão. A estrutura é um DIÁLOGO entre dois amantes:

- A AMADA (a Sulamita): A voz feminina, que descreve seu desejo pelo amado e sua busca por ele.
- O AMADO (o rei Salomão): A voz masculina, que descreve sua admiração pela amada e sua paixão por ela.
- O CORO (as "filhas de Jerusalém"): Uma voz coletiva que comenta e encoraja a paixão.

Os poemas são EXPLÍCITOS. A amada descreve o corpo do amado: "O meu amado é alvo e rosado, o mais distinto entre dez mil" (Ct 5:10). O amado descreve o corpo da amada: "Os teus dois seios são como dois filhotes gêmeos de gazela" (Ct 4:5). O erotismo é CRU e SEM VERGONHA.

## 30.2. *A INTERPRETAÇÃO ALEGÓRICA – A VÁLVULA DE SEGURANÇA*

Como vimos na Parte VII, o erotismo explícito do Cântico dos Cânticos foi um problema para os rabinos e para a Igreja. A solução foi a INTERPRETAÇÃO ALEGÓRICA.

Para os rabinos, o Cântico dos Cânticos é uma ALEGORIA DO AMOR ENTRE DEUS E ISRAEL. O amado é Deus; a amada é a nação de Israel. O êxodo do Egito é o encontro; o exílio é a separação; a redenção é a reunião.

Para a Igreja Católica, o Cântico dos Cânticos é uma ALEGORIA DO AMOR ENTRE CRISTO E A IGREJA. O amado é Cristo; a amada é a Igreja (ou a alma individual). A união mística é o casamento espiritual.

A interpretação alegórica salvou o livro da censura – mas também ESVAZIOU seu significado literal. O amor humano, o corpo, a paixão foram relegados ao esquecimento.

## 30.3. *A INTERPRETAÇÃO CABALÍSTICA – A UNIÃO DA SHEKINAH E TIFERET*

Para o cabalista, o Cântico dos Cânticos não é uma alegoria – é um MAPA DA ÁRVORE DA VIDA.

Os cabalistas interpretam o Cântico dos Cânticos como a história do amor entre a SHEKINAH (a presença divina feminina) e TIFERET (o coração, o amado). A Shekinah é a décima Sephira (Malkuth), a presença divina no mundo, a "noiva" que está exilada e busca retornar ao seu amado. Tiferet é a sexta Sephira, o "noivo" que espera a noiva.

O Cântico dos Cânticos é o RELATO DA ASCENSÃO DA SHEKINAH – a subida da alma através das camadas da existência, do pó da rua até o Santo dos Santos. É a KUNDALINI JUDAICA – a energia feminina que sobe pela coluna vertebral, despertando os centros de energia (as Sephirot) e unindo o indivíduo ao divino.

Na tradição do Zohar, a Shekinah é a amada que busca o amado ativamente. O "desejo sexual" descrito no Cântico dos Cânticos não é apenas uma metáfora – é a DESCRIÇÃO DA ENERGIA CÓSMICA que move a criação. O desejo da Shekinah por Tiferet é a força que mantém o universo em movimento.

> **INSIGHT OPERACIONAL**
>
> O Cântico dos Cânticos é um TEXTO DE ALQUIMIA SEXUAL. Ele descreve a união do masculino e do feminino, a ascensão da energia, a transformação do amor físico em amor espiritual. O operador que quer entender a magia sexual deve estudar o Cântico dos Cânticos – não como alegoria, mas como MANUAL DE OPERAÇÃO. Os versos que descrevem os corpos dos amantes são INSTRUÇÕES PARA A ATIVAÇÃO DOS CENTROS DE ENERGIA. O beijo, o abraço, a entrada no jardim – são MAPAS DA UNIÃO ALQUÍMICA.

## 30.4. *O CÂNTICO DOS CÂNTICOS E A GOÉTIA – A UNIÃO DOS OPOSTOS*

A Goétia é a magia da SEPARAÇÃO – o operador separa o espírito do seu corpo, a mente da sua sombra, o consciente do inconsciente. O Cântico dos Cânticos é a magia da UNIÃO – o operador une o masculino e o feminino, o espírito e a matéria, o céu e a terra.

O selo de Salomão (o hexagrama) é a UNIÃO DOS OPOSTOS – o triângulo para cima (masculino) e o triângulo para baixo (feminino). O Cântico dos Cânticos é a CANÇÃO DO HEXAGRAMA – a celebração da união que cria a vida.

Sem a compreensão do Cântico dos Cânticos, a Goétia é INCOMPLETA. O operador que só invoca demônios está operando na polaridade da separação. O operador que também estuda o Cântico dos Cânticos está operando na polaridade da união. E a união é mais poderosa que a separação.

TÓPICO 31

# SABEDORIA DE SALOMÃO – O TRATADO PLATÔNICO

A Sabedoria de Salomão (ou Livro da Sabedoria) é um livro deuterocanônico – aceito pela Igreja Católica e Ortodoxa, mas não pelo cânon judaico. É um dos textos mais importantes para entender a HELENIZAÇÃO DE SALOMÃO – a transformação do rei judeu em um filósofo grego.

## 31.1. *AUTORIA E DATAÇÃO – UM JUDEU DE ALEXANDRIA*

A Sabedoria de Salomão foi escrita em GREGO, no final do século I a.C., na colônia judaica de Alexandria. Foi provavelmente escrito por um judeu helenístico, familiarizado com a filosofia grega e com as Escrituras hebraicas.

O livro é atribuído a Salomão – o autor escreve como se fosse o rei sábio, dirigindo-se aos governantes da terra. Mas a atribuição é uma FICÇÃO LITERÁRIA – uma forma de dar autoridade ao texto. O verdadeiro autor era um sábio judeu que queria fortalecer a fé de seus contemporâneos em meio à cultura grega.

## 31.2. *A SABEDORIA COMO LOGOS – A PONTE ENTRE JUDAÍSMO E PLATONISMO*

O conceito central do livro é a SABEDORIA (Sophia) como uma ENTIDADE CÓSMICA que atua como intermediária entre Deus e o mundo.

A Sabedoria é descrita como:

- "Um espírito amigo dos seres humanos" (Sb 1:6).
- "A artista de todas as coisas" (Sb 7:22).
- "Um reflexo da luz eterna" (Sb 7:26).
- "Aquela que penetra e atravessa todas as coisas" (Sb 7:24).

Na Sabedoria de Salomão, a Sabedoria desempenha o papel que o LOGOS desempenha nos escritos de Filon de Alexandria e no Evangelho de João. Ela é a PALAVRA CRIADORA – a força que Deus usou para fazer todas as coisas.

Em Sabedoria 9:1-2, a oração de Salomão pede: "Ó Deus dos meus pais e Senhor de misericórdia, que fizeste todas as coisas com a tua palavra (logo) e com a tua sabedoria (sophia) formaste o homem". A equação é clara: LOGOS = SABEDORIA = PODER CRIATIVO.

Este é um passo crucial na história da magia. A Sabedoria de Salomão introduz a ideia de que o universo foi criado por uma PALAVRA – e que essa palavra pode ser acessada pelo operador. A magia é a ARTE DE USAR A PALAVRA – de reproduzir o ato criativo de Deus através da vibração verbal.

## 31.3. *A IMORTALIDADE DA ALMA – A RESPOSTA JUDAICA AO PLATONISMO*

A Sabedoria de Salomão também defende a IMORTALIDADE DA ALMA – uma ideia que não é claramente ensinada no Antigo Testamento, mas que era central no platonismo e no judaísmo helenístico.

O livro afirma que "as almas dos justos estão nas mãos de Deus" (Sb 3:1) e que "a justiça é imortal" (Sb 1:15). Os justos podem parecer sofrer, mas sua morte não é um fim – é uma passagem para a vida eterna.

Esta é uma doutrina que se tornaria central no cristianismo – e que teve sua origem, em parte, na Sabedoria de Salomão. O livro é uma PONTE entre o judaísmo do Antigo Testamento e o cristianismo do Novo Testamento.

> **INSIGHT OPERACIONAL**
>
> A Sabedoria de Salomão é um TEXTO DE TEURGIA – a arte de invocar os poderes divinos para transformar a alma. A "sabedoria" não é um conceito abstrato – é uma FORÇA que pode ser invocada, que pode ser conhecida, que pode ser amada. O operador que quer se conectar com o divino não precisa de rituais complicados – precisa de AMOR PELA SABEDORIA. A Sabedoria é a noiva do mago – e o casamento com ela é a fonte de todo o poder.

## 31.4. *A ORIGEM DO LOGOS – DE SALOMÃO A JOÃO*

A Sabedoria de Salomão é a fonte direta do conceito de LOGOS que aparece no Evangelho de João. João escreve: "No princípio era o Verbo (Logos), e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus" (Jo 1:1). Esta é a mesma ideia que a Sabedoria de Salomão expressa – a Palavra criadora que estava com Deus desde o princípio.

Mas João vai além – ele identifica o Logos com JESUS CRISTO. A Sabedoria de Salomão é o ELO PERDIDO entre o judaísmo e o cristianismo – a ponte que permitiu que os primeiros cristãos vissem Jesus como a encarnação da sabedoria divina.

Para o ocultista, a Sabedoria de Salomão é a PROVA de que a magia verbal – a magia da palavra – é a mais antiga e a mais poderosa das artes mágicas. O Logos não é apenas um conceito teológico – é uma TECNOLOGIA. E o operador que domina essa tecnologia pode criar e transformar a realidade.

TÓPICO 32

# ODES DE SALOMÃO – OS HINOS DE PODER

As Odes de Salomão são uma coleção de 42 hinos, anônimos, mas longamente atribuídos a Salomão. Elas são um dos textos mais intrigantes e misteriosos da tradição salomônica – e um dos mais importantes para o operador que busca senhas para atravessar os portais planetários.

## 32.1. *A DESCOBERTA – OS MANUSCRITOS PERDIDOS*

Antes do século XVIII, as Odes de Salomão eram conhecidas apenas por uma citação de Lactâncio (século IV) e por sua inclusão em duas listas de literatura religiosa.

Em 1785, o Museu Britânico adquiriu o PISTIS SOPHIA, um texto gnóstico copta do final do século III, que continha duas Odes completas, porções de outras duas, e o que se acredita ser a Ode 1. A Pistis Sophia é um texto gnóstico composto no Egito, provavelmente uma tradução do grego com proveniência síria.

Em 1909, James Rendel Harris descobriu um monte de folhas esquecidas de um manuscrito siríaco em uma prateleira de seu estudo. O manuscrito (Cod. Syr. 9 na John Rylands Library) é a cópia mais completa das Odes –

ele contém todo o corpus, da Ode 3 à Ode 42 (as duas primeiras Odes foram perdidas). Infelizmente, o manuscrito de Harris é uma cópia tardia – certamente não anterior ao século XV.

Em 1912, F.C. Burkitt descobriu um manuscrito mais antigo das Odes no Museu Britânico (BM Add. 14538). O Codex Nitriensis, que veio do Mosteiro dos Sírios em Wadi El Natrun, apresenta a Ode 17:7b até o final da Ode 42. Nitriensis é mais antigo que Harris em cerca de cinco séculos.

Em 1955-56, Martin Bodmer adquiriu um conjunto de manuscritos – o Papiro Bodmer XI parece ser um caderno de recortes grego de literatura religiosa cristã, compilado no Egito no século III. Ele inclui a totalidade da Ode 11, com o título ΩΔΗ ΣΟΛΟΜΩΝΤΟΣ.

## 32.2. *DATAÇÃO E AUTORIA – UM HINO JUDEO-CRISTÃO*

A datação das Odes é objeto de debate, mas a maioria dos estudiosos as data entre 70 e 125 d.C. O idioma original das Odes é pensado como sendo grego ou siríaco. A maioria dos estudiosos acredita que elas foram escritas por um JUDEU-CRISTÃO, provavelmente um convertido da comunidade essênia para o cristianismo. Os textos contêm múltiplas similaridades com os escritos encontrados em Qumran e com o Evangelho de João. Alguns chegam a sugerir que o autor teria visto João Batista pessoalmente. Alguns estudiosos no passado sugeriram uma origem gnóstica, mas essa visão foi muito questionada e não é amplamente apoiada.

## 32.3. *O CONTEÚDO – HINOS DE ASCENSÃO E DESCIDA*

As Odes são HINOS LÍRICOS de grande beleza poética. Elas descrevem:

- A experiência da SALVAÇÃO e da ILUMINAÇÃO.
- A união da alma com Deus.
- A descida ao SUBMUNDO e a ascensão aos céus.
- A IMERSÃO em águas vivas (imaginações batismais).
- A alegria da VIDA CRISTÃ.

Uma das Odes mais famosas é a Ode 19, que alude ao nascimento virginal de Cristo. A Ode 42 descreve a descida ao Hades – uma imagem que ressoa com a tradição goética da descida de Salomão ao submundo.

O estudioso Harnack considerou que as Odes formam um GRUNDSCHRIFT judeu, com várias interpolações cristãs. Apenas duas Odes seriam "puramente cristãs", enquanto várias "incolores" seriam mais provavelmente judaicas. Harnack vê nelas um elo entre a piedade dos Testamentos dos Doze Patriarcas e a teologia do Evangelho de João.

## 32.4. *AS ODES COMO SENHAS – A FUNÇÃO OPERACIONAL*

Para o ocultista, as Odes de Salomão não são apenas hinos – são SENHAS. Cada Ode é uma CHAVE que abre uma porta específica no universo espiritual.

A tradição da magia antiga usava hinos e salmos como senhas para atravessar os PORTAIS PLANETÁRIOS – as barreiras que separam os diferentes níveis da realidade. As Odes de Salomão, com sua mistura de elementos judaicos e cristãos, e com sua atmosfera de ascensão e descida, são o TEXTO IDEAL para essa função.

O operador que recita uma Ode antes de uma evocação está:

1. 1. SINTONIZANDO sua mente com a frequência do hino.
2. 2. ABRINDO a porta para o espírito que ele quer evocar.
3. 3. PROTEGENDO-se com a vibração do texto sagrado.

As Odes são um CANTO DE PODER – uma tecnologia verbal que transforma o operador em um canal para o divino.

## 32.5. *AS ODES E A TRADIÇÃO SALOMÔNICA – O ELO PERDIDO*

As Odes de Salomão são o ELO PERDIDO entre a tradição salomônica judaica e a tradição salomônica cristã. Elas mostram como Salomão foi apropriado pelos primeiros cristãos – não como um mago, mas como um PROFETA E SALMISTA.

Para o ocultista, as Odes são a PROVA de que a tradição salomônica sobreviveu e se transformou. Elas não são um texto de magia prática – mas são um texto de MAGIA MÍSTICA. Elas ensinam o operador a se CONECTAR com o divino através da música e da poesia – uma arte que é tão antiga quanto a humanidade.

**INSIGHT OPERACIONAL**

As Odes de Salomão são para o OPERADOR AVANÇADO. Elas não são para quem está começando – são para quem já dominou os rituais básicos e quer ir mais fundo. O operador que recita as Odes regularmente desenvolve uma CONEXÃO DIRETA com a tradição salomônica – uma conexão que transcende os grimórios e os rituais. As Odes são a ALMA da tradição – e o operador que as canta está em contato com essa alma.

PARTE IX

# AS RELAÇÕES QUE CONSTRUÍRAM E DESTRUÍRAM O REINO (O ENTRETECER HUMANO)

A Parte VIII foi a dissecação da Alquimia Verbal – vimos os livros atribuídos a Salomão como tecnologia de transformação interior, como sigilos verbais e mapas da psique. Agora, descemos do texto para a CARNE – as relações humanas que teceram a tapeçaria do reinado de Salomão. Porque Salomão não foi um mago solitário. Ele foi um REI – e um rei é feito pelas alianças que estabelece, pelos inimigos que elimina, pelos construtores que emprega, pelas mulheres que desposa, e pelo Deus com quem negocia.

Esta Parte IX é o mergulho no ENTRE-TECER HUMANO – o jogo de alianças, traições, sacrifícios e pactos que construíram o Templo e, ao mesmo tempo, semearam as sementes da destruição do reino. O que parece história política é, para o ocultista, PSICOLOGIA APLICADA – cada

relação de Salomão é um arquétipo de como o operador deve (ou não deve) se relacionar com o poder, com os outros, com o sagrado. Vamos destrinchar cada relação com camadas sobrepostas de história, arqueologia, exegese, psicologia profunda e magia prática.

TÓPICO 33

# A RELAÇÃO COM HIRÃO, REI DE TIRO – O ACORDO DE SANGUE E MADEIRA

Salomão não construiu o Templo sozinho. Ele precisou de um PARCEIRO – e esse parceiro foi Hirão, rei de Tiro (também grafado Hiram), o soberano fenício que controlava as florestas de cedro do Líbano e os mares do Mediterrâneo. Hirão reinou de 969 a 936 a.C. – exatamente o período áureo de Salomão – e foi contemporâneo tanto de Salomão quanto de seu pai, Davi, mantendo relações comerciais e políticas que se estenderam por décadas.

## 33.1. *A ALIANÇA ESTRATÉGICA – O PACTO ENTRE O DESERTO E O MAR*

A relação entre Salomão e Hirão não começou com Salomão. Hirão "foi sempre amigo de Davi" (1 Reis 5:1) – uma amizade que transcendeu gerações e que forneceu a base para a aliança entre Israel e Tiro. A amizade entre Davi e Hirão é mencionada em 2 Samuel 5:11, onde Hirão envia mensageiros a Davi com madeira de cedro e artesãos para construir o palácio de Davi em Jerusalém. Esta relação prévia criou um VÍNCULO DE CONFIANÇA que Salomão herdou.

Tiro era a joia da Fenícia – uma cidade-estado marítima que dominava o comércio mediterrâneo, a metalurgia e a carpintaria. Os fenícios eram os "vikings" da antiguidade – navegadores que chegavam à Cornualha (para o estanho), à Espanha (para a prata), à Grécia e até à África Ocidental. Eles

possuíam a TECNOLOGIA que Salomão não tinha: a capacidade de cortar e transportar os enormes cedros do Líbano, a perícia em trabalhos com bronze e ouro, e a arte da navegação em alto-mar.

Salomão, por sua vez, controlava as rotas terrestres do interior – o acesso ao Mar Vermelho através de Eziom-Geber (em Edom), as rotas de especiarias da Arábia (incenso, mirra, olíbano) e o trigo da planície de Jezreel. A aliança entre Israel e Tiro foi a UNIÃO DO DESERTO E DO MAR – uma síntese geopolítica que criou um império comercial sem precedentes no Levante. Os historiadores modernos, como Michael Grant, notam que a aliança entre Salomão e Hirão permitiu que ambos os reinos prosperassem economicamente, com Tiro fornecendo produtos manufaturados e Israel fornecendo produtos agrícolas e acesso às rotas terrestres.

## 33.2. *O ACORDO – MADEIRA POR TRIGO, E A DÍVIDA QUE NUNCA FOI PAGA*

O acordo entre Salomão e Hirão é descrito em 1 Reis 5:6-10. Salomão pede: "Dá ordem, pois, que do Líbano me cortem cedros; os meus servos estarão com os teus servos, e eu te darei o salário dos teus servos, conforme tudo o que disseres". Hirão responde com entusiasmo: "Bendito seja o Senhor, que deu a Davi um filho sábio sobre este grande povo".

O acordo era simples: Hirão forneceria madeira de cedro e de cipreste (ou "madeira de pinho" em algumas traduções). Os troncos seriam transportados do Líbano para o mar, feitos em jangadas e levados por mar até o local indicado por Salomão (provavelmente Jafa, o porto de Jerusalém). Em troca, Salomão forneceria trigo e azeite para a casa de Hirão.

Mas o acordo foi além da madeira. Hirão também forneceu ARTESÃOS HABILIDOSOS – incluindo o famoso Hiram Abif, o mestre ourives e arquiteto. Estes artesãos fenícios traziam não apenas sua técnica, mas sua CULTURA – sua cosmologia, sua teologia, sua magia. O Templo de Salomão foi, em grande parte, CONSTRUÍDO POR FENÍCIOS – e isso explica muitas de suas características arquitetônicas, incluindo as duas colunas de bronze (Boaz e Jachin) que são típicas da arte fenícia, com seus capitéis em forma de lírios e romãs, e a decoração com querubins e palmeiras que ecoam os templos de Biblos e Ugarit.

## 33.3. *O PREÇO DA ALIANÇA – AS CIDADES DE CABUL E O RESSENTIMENTO DO NORTE*

O acordo, no entanto, teve um preço. Para pagar a dívida com Hirão, Salomão deu a ele "vinte cidades na terra da Galileia" (1 Reis 9:11). Hirão foi ver as cidades e "não se agradou delas". Ele as chamou de "Cabul" – uma palavra que significa "TERRA SUJA" ou "NÃO VALOR". A palavra hebraica é "KABUL", que tem a mesma raiz de "KAVAL" (ligação/amarração) e "KABEL" (receber), mas aqui usada com um sentido pejorativo de "sem valor" ou "degradado".

Este episódio é crucial. Salomão estava VENDENDO TERRITÓRIO NACIONAL para pagar uma dívida. As cidades da Galileia eram habitadas por israelitas – e foram entregues a um rei estrangeiro. O ressentimento no norte cresceu. Quando Jeroboão, o líder das tribos do norte, se revoltou contra o filho de Salomão, Roboão, ele encontrou um povo já cansado das impostos e das concessões territoriais de Salomão.

Para o ocultista, a lição é CLARA: O PODER TEM UM PREÇO. Salomão construiu o Templo, mas hipotecou o reino. A aliança com Hirão foi brilhante – mas foi também o PRIMEIRO GOLPE NA UNIDADE DO REINO. O operador que busca poder deve estar ciente de que cada aliança, cada acordo, cada transação tem um PREÇO OCULTO. A madeira de cedro veio – mas com ela veio a dívida que quebrou o reino. O nome "Cabul" ecoa o "Kabbalah" (receber) – Hirão recebeu as cidades, mas as chamou de "sem valor", uma advertência de que receber o que não é merecido traz desgraça.

### 33.4. *O SIMBOLISMO DO CEDRO – A MADEIRA DA IMORTALIDADE E DA MAGIA*

O cedro do Líbano não era apenas uma madeira – era um SÍMBOLO. O cedro era conhecido por sua durabilidade, resistência ao apodrecimento e fragrância agradável. Era a madeira dos deuses – usada para construir templos e palácios em todo o antigo Oriente Próximo, desde os templos egípcios até os palácios assírios.

Para o ocultista, o cedro é a madeira da IMORTALIDADE. Ele resiste ao tempo, aos insetos, à decomposição – assim como a alma resiste à morte. O Templo construído com cedro era um SÍMBOLO DA ALMA IMORTAL – a estrutura que resiste ao colapso do mundo material. O cedro também tem propriedades AROMÁTICAS – seu cheiro repele insetos e, na magia, repele ESPÍRITOS NEGATIVOS. O Templo de Salomão era uma CÂMARA DE RESSONÂNCIA perfumada – o cedro criava um ambiente que favorecia a presença divina.

Na magia prática, o cedro é usado para fazer varas de proteção e bastões de autoridade. O cedro é a madeira de SATURNO e JÚPITER – combina a limitação (Saturno) com a expansão (Júpiter). O operador que usa o cedro está invocando a energia da ESTRUTURA ETERNA – a estrutura que não se desfaz.

## 33.5. *HIRÃO E A TRADIÇÃO FENÍCIA – O SINCRETISMO QUE SALOMÃO HERDOU*

Hirão não era apenas um fornecedor – era um REI-SÁBIO da tradição fenícia, que tinha seus próprios mistérios. Os fenícios eram devotos de MELQARTE (o "Rei da Cidade"), uma divindade associada à ressurreição, à navegação e ao fogo, e de BAAL, o deus da tempestade e da fertilidade. Os fenícios também veneravam ASHERAT (a deusa mãe) e ASTARTE (a deusa do amor e da guerra). Sua tradição religiosa era rica em mitologia, sacrifícios e rituais de purificação.

Hirão, ao enviar artesãos para Jerusalém, estava também enviando a SABEDORIA FENÍCIA – a geometria sagrada, a metalurgia mágica, a astrologia marítima. Os artesãos fenícios conheciam os segredos da fundição de bronze, da ourivesaria e da talha da madeira. Eles também traziam suas próprias PRÁTICAS MÁGICAS – a invocação de divindades fenícias, o uso de amuletos e a interpretação de presságios.

Salomão absorveu essa sabedoria e a integrou ao Templo. As duas colunas de bronze (Boaz e Jachin) têm paralelos diretos com os pilares de Melqarte no Templo de Tiro. O "mar de bronze" (1 Reis 7:23) é uma criação tipicamente fenícia, inspirada nos "mares" dos templos mesopotâmicos e fenícios. Os querubins esculpidos no Templo – seres híbridos com corpos de leão, asas de águia e rostos humanos – são paralelos aos seres alados dos

relevos fenícios e assírios. Salomão não construiu um Templo israelita puro – construiu um TEMPLO SINCRÉTICO, onde a sabedoria de Hirão se fundiu com a tradição de Davi.

### INSIGHT OPERACIONAL

Quando você usa madeira de cedro em seus rituais (em um altar, em uma vara, em um incenso), você está invocando a energia da IMORTALIDADE e da PROTEÇÃO. O cedro é a madeira que conecta o operador à tradição salomônica – é o elo material com o Templo. Use-a com respeito. Mas lembre-se também da LIÇÃO DE HIRÃO: toda aliança tem um preço. O cedro veio – mas com ele veio a dívida que quebrou o reino. O operador que busca poder deve estar disposto a PAGAR O PREÇO. A história de Hirão ensina que a prosperidade material, quando não é equilibrada pela integridade espiritual, leva à ruína.

TÓPICO 34

# A RELAÇÃO COM HIRAM ABIF – O ASSASSINATO QUE SELOU O TEMPLO

Se Hirão de Tiro foi o parceiro comercial de Salomão, HIRAM ABIF foi o PARCEIRO ESPIRITUAL – o arquiteto cujo sangue, segundo a tradição maçônica, selou o Templo para sempre. A história de Hiram Abif é uma das mais poderosas e perturbadoras da tradição oculta, e sua influência se estende da Maçonaria à literatura esotérica moderna.

## 34.1. *QUEM ERA HIRAM ABIF? – O ARQUITETO VIÚVO*

Hiram Abif (também chamado de Hiram Abif ou "filho da viúva") é uma figura mencionada brevemente na Bíblia como um habilidoso artesão de bronze e ouro que trabalhou no Templo. Em 2 Crônicas 4:16, diz: "Todas estas coisas fez Hirão, seu pai, para o rei Salomão" – uma frase que, em hebraico, pode ser lida como "Hiram Abif". O termo "Abif" é uma corruptela do hebraico "AVIV" (pai) ou "AVI" (meu pai), dando origem ao título "Pai Hiram".

Na tradição MAÇÔNICA, no entanto, Hiram Abif é muito mais do que um artesão. Ele é o ARQUITETO-CHEFE do Templo, o mestre de obras que supervisiona todos os trabalhos. Ele é descrito como um homem de "sabedoria, entendimento e habilidade mecânica", capacitado por Deus para realizar tudo o que Salomão exigia.

O título "filho da viúva" é significativo. Na tradição maçônica, Hiram é órfão de pai – ele é o arquétipo do HOMEM QUE SE FEZ SOZINHO, que construiu sua própria sabedoria e autoridade sem a ajuda de uma linhagem paterna. Ele é o AUTODIDATA, o OPERADOR que aprende através da prática e da dedicação. A "viúva" também é um símbolo daquela que perdeu seu esposo (o conhecimento) e busca recuperá-lo – o arquétipo da alma humana que busca a união com o divino.

## 34.2. *A LENDA MAÇÔNICA – O ASSASSINATO E A PALAVRA PERDIDA*

A lenda de Hiram Abif, tal como contada na Maçonaria – especialmente no Rito Escocês Antigo e Aceito e no Rito de York – é uma das histórias mais dramáticas da tradição oculta. Ela é encenada na cerimônia de elevação ao grau de Mestre Maçom.

Hiram dividiu os obreiros em três categorias: aprendizes, companheiros e mestres, dando a cada um signos, toques e palavras apropriados para se fazerem reconhecer. Três obreiros da classe dos companheiros, julgando-se merecedores de serem mestres, conspiraram para obter pela força a "Palavra Sagrada".

À medida que o Templo se aproxima da conclusão, os três companheiros decidem que querem os segredos dos Mestres Maçons – a "Palavra Mestra" que lhes daria acesso a salários mais altos e a um status superior. Eles escolhem o MEIO-DIA – a hora em que Hiram costumava visitar e revisar o trabalho – e se posicionam nas três portas do Templo: a porta sul, a porta oeste e a porta leste.

Eles emboscam Hiram Abif enquanto ele sai do Templo. O primeiro aprendiz exige a palavra secreta. Hiram se recusa. O aprendiz o fere com uma régua de vinte e quatro polegadas. Hiram foge para outra porta, onde o segundo aprendiz o espera. Ele também exige a palavra, e também é recusado. Hiram é ferido novamente com um esquadro. Ele foge para a terceira porta, onde o terceiro aprendiz o espera. O terceiro aprendiz exige a palavra, e Hiram se recusa mais uma vez. O terceiro aprendiz o golpeia na cabeça com um malho e Hiram cai morto.

Os assassinos escondem o corpo sob um monte de entulho e, à noite, o enterram em uma cova rasa fora da cidade, marcada com um ramo de ACÁCIA.

Quando Hiram é sentido falta, Salomão envia grupos de busca. A acácia é descoberta acidentalmente, e o corpo é exumado e enterrado decentemente. Os assassinos são capturados e levados à justiça. Mas a "Palavra Mestra" – o segredo dos Mestres Maçons – está PERDIDA para sempre. Salomão a substitui por uma "palavra substituta" (geralmente "Macbenac" ou "Shibboleth").

### 34.3. *O SIGNIFICADO OCULTO – O SACRIFÍCIO QUE SELOU O TEMPLO*

Para o ocultista, a lenda de Hiram Abif não é uma história literal – é uma ALEGORIA DA INICIAÇÃO. Hiram Abif é o NEÓFITO que morre para o mundo profano e renasce como um iniciado. O assassinato é a MORTE DO EGO – a dissolução da identidade cotidiana que precede o despertar espiritual.

Os três assassinos representam as três tentações que o operador deve enfrentar:

- O primeiro assassino é a COBIÇA (o desejo de poder e riqueza), simbolizado pela régua (que mede e quantifica o mundo material).
- O segundo assassino é a AMBIÇÃO (o desejo de status e reconhecimento), simbolizado pelo esquadro (que busca a "perfeição" e a "retidão" superficiais).
- O terceiro assassino é o ORGULHO (o desejo de ser superior aos outros), simbolizado pelo malho (que força a vontade sobre o outro).

Hiram Abif resiste a todas as três tentações – ele prefere a morte a trair seus juramentos. Esta é a LIÇÃO DA FIDELIDADE – a disposição de morrer pela verdade, pela integridade, pelo caminho espiritual. O operador que não está disposto a morrer por sua verdade não está pronto para a magia verdadeira.

A "Palavra Mestra" perdida é o CONHECIMENTO DIRETO DE DEUS – o Nome Inefável (Tetragrammaton) que, segundo a tradição, só pode ser pronunciado no Santo dos Santos, no Yom Kippur. A perda da Palavra Mestra é a PERDA DA INOCÊNCIA – a queda da humanidade do estado de união direta com o divino para o estado de separação e busca. A substituição da palavra é a criação da RELIGIÃO – a mediação entre o homem e Deus através de símbolos e rituais, em vez do conhecimento direto.

O ramo de ACÁCIA que marca o túmulo de Hiram é significativo. A acácia (Shittah em hebraico) é a árvore da IMORTALIDADE – sua madeira não apodrece e, na tradição bíblica, foi usada para construir a Arca

da Aliança, o Tabernáculo e o altar de incenso. A acácia é o símbolo da RESSURREIÇÃO – a certeza de que a morte não é o fim. A acácia também é um símbolo da PUREZA, pois sua madeira é de cor clara e não escurece com o tempo.

### 34.4. *AS RAÍZES DA LENDA – HIRAM ABIF E OSÍRIS, ADONIS E TAMMUZ*

A lenda de Hiram Abif tem raízes profundas nas tradições egípcias e mesopotâmicas. O arquiteto que é assassinado e depois ressuscita é um arquétipo que aparece em vários mitos antigos:

- **OSÍRIS:** O deus egípcio que é morto por seu irmão Set, desmembrado e espalhado pelo Egito, e depois reconstituído e ressuscitado por sua esposa Ísis. A busca pelo corpo de Hiram ecoa a busca de Ísis pelos fragmentos de Osíris.
- **ADONIS:** O deus greco-fenício da beleza e da vegetação, amado por Afrodite, que é morto por um javali e ressuscita anualmente. A "viúva" que chora por Hiram ecoa as lamentações de Afrodite e de Ísis.
- **TAMMUZ:** O deus mesopotâmico da vegetação, que morre e ressuscita anualmente. O ritual de lamentação por Tammuz é mencionado em Ezequiel 8:14 como uma prática abominável – mas que, para o ocultista, revela a universalidade do arquétipo do salvador sacrificado.

Hiram Abif, como Osíris, Adonis e Tammuz, é um SALVADOR – um ser que morre para que a ordem possa ser restaurada. O "enterro e exumação" de Hiram Abif é a versão maçônica do ciclo de morte e renascimento da natureza.

## 34.5. *O FILTRO QUE NINGUÉM CONTA – SALOMÃO PERMITIU A MORTE DE HIRAM?*

Aqui está a questão que os maçons não gostam de fazer: SALOMÃO PERMITIU A MORTE DE HIRAM? Se Salomão era o mago supremo, se ele controlava os 72 demônios, se ele tinha o anel com o selo de Deus – por que ele não salvou Hiram?

A resposta é BRUTAL. Hiram Abif foi o SACRIFÍCIO HUMANO que inaugurou o Templo. O sangue do arquiteto selou as fundações – assim como o sangue de Abel selou a terra, e o sangue de Cristo selou a nova aliança.

Na tradição maçônica, Hiram é o "Mártir da Verdade" – o homem que morreu para que a Verdade pudesse viver. Mas para o ocultista, Hiram é o SACRIFÍCIO NECESSÁRIO – a oferenda que transforma um edifício em um TEMPLO. Sem o sacrifício, o Templo seria apenas pedras e madeira. Com o sacrifício, ele se torna um VASO SAGRADO.

Salomão, como o rei-mago, sabia disso. Ele não salvou Hiram porque Hiram era o PREÇO DA OPERAÇÃO – o custo que precisava ser pago para que o Templo fosse consagrado. O Templo foi construído sobre o sangue do arquiteto – e esse sangue é o que o torna poderoso. A tradição maçônica diz que os assassinos foram levados à justiça – mas o fato de Salomão não ter impedido o assassinato é uma omissão que fala mais alto do que qualquer punição posterior.

> **INSIGHT OPERACIONAL**
>
> Esta é a lição mais DURA da tradição salomônica. A magia tem um PREÇO – e às vezes o preço é a vida de alguém. O operador que busca poder deve estar disposto a PAGAR O PREÇO – seja com seu próprio sangue, seja com o sangue daqueles que estão ligados a ele. A magia não é para os fracos de coração. O "sacrifício" pode ser simbólico (a morte de um hábito, a destruição de uma crença) ou literal (a oferenda de energia vital). O operador que não entende isso está brincando de fazer de conta.

## 34.6. *HIRAM ABIF E A PALAVRA PERDIDA – A LINGUAGEM DA MAGIA*

A "Palavra Mestra" perdida é a LINGUAGEM DA MAGIA – o nome que dá poder sobre todas as coisas. Na tradição cabalística, a palavra perdida é o Tetragrammaton, cuja pronúncia correta (que ninguém conhece) teria o poder de criar e destruir mundos.

A substituição da Palavra Mestra por uma "palavra substituta" é a criação da MAGIA OPERACIONAL – a magia que usa símbolos e sigilos em vez do Nome Direto. Os pentáculos da Clavicula Salomonis são "palavras substitutas" – são representações do Nome que podem ser usadas com segurança, sem o risco de "queimar" o campo áurico do operador.

O operador que busca recuperar a Palavra Mestra está buscando a CONEXÃO DIRETA com o divino. Mas essa conexão é PERIGOSA – exige a morte do ego (Hiram) para ser alcançada. A Maçonaria ensina que a Palavra Mestra só é revelada aos que passam pela iniciação – e a iniciação é a morte simbólica.

TÓPICO 35

# A RELAÇÃO COM AS 1000 MULHERES – GEOPOLÍTICA OCULTISTA, NÃO LUXÚRIA

A tradição bíblica é explícita: Salomão "amou muitas mulheres estrangeiras", incluindo moabitas, amonitas, edomitas, sidônias e hititas. Ele teve "setecentas mulheres de nascimento real e trezentas concubinas". A Bíblia culpa essas mulheres por sua queda: "suas mulheres desviaram o seu coração".

Mas para o ocultista, esta é uma LEITURA SUPERFICIAL. Salomão não era um velho lascivo – ele era um ESTRATEGISTA GEOPOLÍTICO E ESPIRITUAL. O harém de Salomão não era um lugar de prazer – era um LABORATÓRIO DE SINCRETISMO RELIGIOSO. Cada esposa era uma ALIANÇA; cada deus importado era um SISTEMA MÁGICO A SER ESTUDADO.

## 35.1. *AS 700 ESPOSAS – A GEOPOLÍTICA DO CASAMENTO*

No mundo antigo, o casamento entre reis e princesas estrangeiras era a PRINCIPAL FERRAMENTA DE ALIANÇA. Cada esposa de Salomão representava um pacto – um tratado de paz, uma aliança comercial, uma garantia de que a nação vizinha não atacaria Israel.

- **A FILHA DO FARAÓ:** A mais prestigiosa das esposas, representava a aliança com o Egito – a nação mais poderosa da região. O Egito da 21ª Dinastia estava em declínio, mas ainda era uma força formidável. O

casamento com a filha do faraó garantiu que o Egito não atacaria Israel pelo flanco sul.

- **AS ESPOSAS MOABITAS:** Moabe ficava a leste do Mar Morto. O casamento com princesas moabitas garantiu o controle das rotas de especiarias que subiam da Arábia.
- **AS ESPOSAS AMONITAS:** Amom ficava ao norte de Moabe. A aliança com Amom protegeu a fronteira oriental de Israel.
- **AS ESPOSAS SIDÔNIAS:** Sidom era uma cidade fenícia, rival de Tiro. O casamento com princesas sidônias garantiu a neutralidade de Sidom no conflito entre Israel e Tiro (ou ampliou a influência de Salomão sobre a Fenícia).
- **AS ESPOSAS HITITAS:** Os hititas eram uma antiga potência que ainda controlava partes do norte da Síria. O casamento com princesas hititas garantiu a paz na fronteira norte.

O número 700+300 = 1000 é SIMBÓLICO – representa a TOTALIDADE DO PODER. Salomão não tinha 1000 esposas literais (embora alguns estudiosos argumentem que o número pode ser histórico, dadas as práticas dos haréns orientais) – ele tinha o PODER DE ALIAR-SE A TODAS AS NAÇÕES. O harém era a representação física do seu império – cada esposa era um território conquistado.

## 35.2. *O HARÉM COMO LABORATÓRIO RELIGIOSO – A IMPORTAÇÃO DOS DEUSES*

Mas a geopolítica era apenas a SUPERFÍCIE. O verdadeiro propósito do harém de Salomão era ESPIRITUAL. Cada esposa estrangeira trazia consigo seus sacerdotes, suas estátuas, seus rituais, suas receitas de incenso e seus métodos de adivinhação.

Salomão construiu altares para:

- ASTARTE, a deusa dos sidônios. Astarte era a grande deusa do antigo Oriente Médio, divindade principal de Tiro e Sidom, associada à fertilidade, beleza, guerra e amor. Seus ritos envolviam prostituição sagrada (hierodulia), oferendas de pombas e a queima de incenso à estrela da manhã (Vênus). Astarte é a ancestral de Ishtar, Afrodite e Vênus.
- MILCOM (também chamado de MOLOQUE), a abominação dos amonitas. Milcom era associado ao fogo e ao sacrifício de crianças – um culto que Salomão estudou mas, provavelmente, não praticou literalmente. O culto a Moloque envolvia passar as crianças pelo fogo ou colocá-las nos braços de uma estátua de bronze oca aquecida ao rubro. Salomão provavelmente substituiu o sacrifício infantil por animais ou por fogo simbólico (pular sobre a fogueira).
- QUEMOS, o deus dos moabitas. Quemos era um deus da guerra e da destruição, associado à serpente e ao vulcão. Seu culto envolvia maldições, pragas e a consagração de troféus de guerra. O Cântico de Quemos aparece em Números 21:27-30, mostrando que ele era uma divindade temida pelos israelitas.

- **OUTROS DEUSES:** As esposas estrangeiras também trouxeram divindades menores – deuses da fertilidade, da adivinhação, da cura. Salomão construiu altares para todos eles, no Monte das Oliveiras, em frente ao Templo de Javé.

Salomão não adorava esses deuses por devoção – ele os ESTUDAVA. Ele queria saber como funcionavam, que tipo de poder eles concediam, que tipo de sacrifício eles exigiam. Ele era um ANTROPÓLOGO DO SAGRADO – um pesquisador que coletava sistemas religiosos para entender a TECNOLOGIA DO PODER.

## 35.3. *O SINCRETISMO SALOMÔNICO – A CRIAÇÃO DE UM PANTEÃO VIVO*

Salomão criou dentro dos muros de Jerusalém um PANTEÃO VIVO – um microcosmo de todas as religiões do mundo antigo. Cada deus tinha seu altar, seu sacerdote, seu ritual. Javé era o deus principal – mas ele não era o ÚNICO deus.

Para o ocultista, este é o MOMENTO CRUCIAL da carreira de Salomão. Ele entendeu que a MAGIA É SINCRÉTICA – que nenhum sistema religioso tem o monopólio da verdade, e que a sabedoria pode ser encontrada em todas as tradições. Ele não rejeitou os deuses estrangeiros – ele os INTEGROU.

A integração, no entanto, teve um PREÇO. Os profetas de Israel (como Aías de Siló e, mais tarde, Elias e Eliseu) viram isso como IDOLATRIA – a traição da aliança com Javé. E, do ponto de vista do monoteísmo estrito, eles estavam certos. Salomão estava diluindo a fé de Israel – e isso

enfraqueceria a nação no futuro. O povo, seguindo o exemplo do rei, começou a adorar os deuses estrangeiros, e a pureza do culto a Javé foi corrompida.

## 35.4. *O SIMBOLISMO DAS DEUSAS – ASTARTE, ASHERAH E A POLARIDADE FEMININA*

A distinção entre Astarte e Asherah é crucial para o operador. Astarte era a deusa da GUERRA e do AMOR – a face guerreira do feminino, associada a Marte (guerra) e Vênus (amor). Seus símbolos eram a estrela, a pomba, o leão e a espada.

Asherah era a deusa MÃE – a face nutridora do feminino, associada à terra, à fertilidade e à árvore da vida. Seus símbolos eram o poste de madeira (áshera), a árvore e o seio. Asherah era considerada a consorte de El (o deus supremo cananeu) e, em algumas tradições, a consorte de Javé.

Salomão importou AMBAS. Astarte para a guerra sexual (atração de riquezas por magnetismo pessoal, sedução política) e Asherah para a estabilidade da terra (agricultura e imortalidade da alma, o culto das árvores). Ao construir altares para ambas, ele balanceava as duas correntes da Árvore da Vida: a Coluna da Severidade (Astarte/Marte/Geburah) e a Coluna da Misericórdia (Asherah/Vênus/Chesed). Ele criou um EIXO DE BALANCEAMENTO na própria Jerusalém.

> **INSIGHT OPERACIONAL**
>
> A história do harém de Salomão é um AVISO para o operador. A magia exige FOCO – a concentração da energia em um único ponto. O operador que se dispersa em múltiplas tradições, múltiplos deuses, múltiplos rituais, corre o risco de PERDER A FORÇA. Não é que o sincretismo seja errado – é que ele é PERIGOSO. Salomão teve a sabedoria de estudar todos os sistemas – mas não teve a sabedoria de ESCOLHER UM. Ele tentou manter todos os canais abertos – e no final, todos os canais se fecharam.

## 35.5. *A DRENAGEM DA ENERGIA ESPIRITUAL – A PERDA DE DAATH*

O preço mais profundo do harém de Salomão foi a DRENAGEM DA ENERGIA ESPIRITUAL. Cada esposa estrangeira, cada deus estrangeiro, cada ritual estrangeiro criava uma LIGAÇÃO ENERGÉTICA – um cordão que drenava a energia de Salomão e a dispersava em múltiplas direções.

A Cabala chama isso de "PERDA DE DAATH". Daath é a não-Sephira, o Abismo, o ponto de equilíbrio entre o conhecimento (Chokhmah) e a compreensão (Binah). Quando a energia é dispersa, Daath se fecha – e o operador perde o acesso ao conhecimento profundo. Salomão, ao se conectar com todos os deuses, perdeu a CONEXÃO com o Único. Ele ganhou o mundo, mas perdeu a alma.

A tradição cabalística ensina que a energia sexual (Yesod) deve ser CANALIZADA para a espiritualidade (Tiferet) e para a sabedoria (Chokhmah). Quando a energia é dispersa em múltiplas direções

(conexões com múltiplas esposas e múltiplos deuses), ela não sobe até o topo da Árvore. Em vez disso, ela se dissipa, deixando o operador vazio e exausto.

## 35.6. *A LIÇÃO PARA O OPERADOR – A DISCIPLINA DO FOCO*

A história do harém de Salomão é um AVISO para o operador. A magia exige FOCO – a concentração da energia em um único ponto. O operador que se dispersa em múltiplas tradições, múltiplos deuses, múltiplos rituais, corre o risco de PERDER A FORÇA.

Não é que o sincretismo seja errado – é que ele é PERIGOSO. Salomão teve a sabedoria de estudar todos os sistemas – mas não teve a sabedoria de ESCOLHER UM. Ele tentou manter todos os canais abertos – e no final, todos os canais se fecharam.

O operador deve aprender a DIZER NÃO. Não a todas as tradições – mas à DISPERSÃO. Escolha um caminho, um sistema, um deus – e siga-o com TODA A SUA FORÇA. O sincretismo pode ser uma ferramenta de pesquisa, mas não deve ser o fundamento da prática. A FUNDAÇÃO deve ser ÚNICA. A partir da fundação, você pode explorar – mas nunca se esqueça de onde veio.

TÓPICO 36

# A RELAÇÃO COM DEUS (JAVÉ) – A ALIANÇA CONDICIONAL

A relação de Salomão com Deus é a mais complexa e a mais trágica de todas. Deus aparece a Salomão DUAS VEZES – uma para abençoar, outra para amaldiçoar. A primeira aparição é a promessa; a segunda é o aviso. A magia tinha PRAZO DE VALIDADE – e Salomão o esqueceu.

## 36.1. *A PRIMEIRA APARIÇÃO – GIBEÃO E A PROMESSA (1 REIS 3)*

A primeira aparição de Deus a Salomão ocorre em Gibeão, em um sonho, durante a noite. Deus diz: "Pede o que queres que eu te dê". Salomão pede um "coração compreensivo para julgar o teu povo, para discernir entre o bem e o mal". Deus fica satisfeito e lhe dá sabedoria, riquezas e honra – e promete longevidade, "se andares nos meus caminhos".

Esta é a APARIÇÃO DA GRAÇA. Deus oferece a Salomão tudo o que ele deseja – e Salomão, com sabedoria, pede a COISA CERTA. A relação é de ABENÇOAMENTO. Deus não apenas dá o que Salomão pede, mas dá o que ele NÃO PEDIU: riquezas e honra. A generosidade de Deus é ILIMITADA – desde que o operador peça a coisa certa.

## 36.2. *A SEGUNDA APARIÇÃO – JERUSALÉM E O AVISO (1 REIS 9)*

A segunda aparição ocorre depois que Salomão termina a construção do Templo e do palácio. Deus aparece a ele "uma segunda vez, como lhe aparecera em Gibeão".

Desta vez, no entanto, a mensagem é diferente. Deus confirma que consagrou o Templo e que seu Nome estará lá para sempre. Mas Ele também adverte, usando uma linguagem que ecoa as maldições dos tratados de suserania do antigo Oriente Próximo:

"Se tu ou teus filhos te desviardes de mim, e não guardardes os meus mandamentos e os meus estatutos que te dei, mas foredes e servirdes a outros deuses e os adorardes, então cortarei Israel da terra que lhes dei, e rejeitarei esta casa que consagrei ao meu nome; e Israel será por provérbio e por motejo entre todos os povos" (1 Reis 9:6-7).

Esta é a APARIÇÃO DA CONDIÇÃO. A bênção de Deus é CONDICIONAL – se Salomão obedecer, será abençoado; se desobedecer, será amaldiçoado. A relação é de NEGOCIAÇÃO. Deus não é um déspota que impõe sua vontade – é um REI que faz um TRATADO com seu vassalo.

## 36.3. *A ALIANÇA CONDICIONAL – O PRAZO DE VALIDADE DA MAGIA*

A segunda aparição de Deus é o MOMENTO CRUCIAL da história de Salomão. Deus está dizendo: "Eu te dei poder. Mas o poder não é eterno. Se você se desviar, eu o tirarei."

Salomão ouviu o aviso – mas não o levou a sério. Ele continuou a construir alianças, a acumular riquezas, a importar deuses estrangeiros. Ele pensou que a MAGIA O PROTEGERIA – que o poder que ele havia conquistado era INQUEBRÁVEL.

Mas a magia tem PRAZO DE VALIDADE. O poder que vem de Deus é emprestado – e pode ser retirado a qualquer momento. Salomão esqueceu disso – e pagou o preço.

### 36.4. *A QUEDA DE SALOMÃO – O CUMPRIMENTO DO AVISO*

Salomão, em sua velhice, "amou muitas mulheres estrangeiras" e "seu coração se desviou do Senhor". Ele construiu altares para Astarte, Milcom e Quemos. A Bíblia diz que "Salomão fez o que era mau aos olhos do Senhor" – e a consequência foi a divisão do reino.

A profecia de Aías de Siló se cumpriu: o reino foi dividido, as dez tribos do norte se separaram, e o império de Salomão se desintegrou. A magia que ele havia acumulado não pôde salvá-lo – porque a magia era CONDICIONAL.

### 36.5. *A PACIÊNCIA DIVINA – POR QUE DEUS APARECEU DUAS VEZES*

O fato de Deus ter aparecido a Salomão DUAS VEZES – e não apenas uma – é um testemunho da PACIÊNCIA DIVINA. Deus não abandonou Salomão no auge de sua prosperidade. Ele deu a Salomão uma SEGUNDA CHANCE – um aviso claro e inegociável.

Esta é a lição da SEGUNDA APARIÇÃO: Deus é paciente, mas não é indefinidamente paciente. Ele dá avisos – mas se os avisos são ignorados, o juízo vem. O operador que recebe um aviso divino (um sonho, uma intuição, um sinal) deve LEVÁ-LO A SÉRIO. Ignorar o aviso é o caminho mais rápido para a queda.

> **INSIGHT OPERACIONAL**
>
> A aliança com o divino é como um CONTRATO. O operador recebe poder em troca de obediência – obediência às leis do universo, obediência à própria consciência, obediência ao caminho que escolheu. Se o operador quebra o contrato, o poder é retirado. A magia não é um jogo – é um PACTO. E o pacto deve ser honrado.

## 36.6. *A LIÇÃO FINAL – A INTEGRIDADE COMO FUNDAMENTO DA MAGIA*

A história de Salomão é a história de um homem que TUDO TEVE – e TUDO PERDEU. Ele começou como o rei que pediu sabedoria e recebeu riquezas, honra e poder. Terminou como o niilista do Eclesiastes, que concluiu que "tudo é vaidade e correr atrás do vento". O que aconteceu no meio? A MAGIA – e a PERDA DA INTEGRIDADE.

Salomão construiu o Templo, evocou os 72 demônios, governou um império, negociou com Hirão, recebeu a Rainha de Sabá, e ainda administrou 700 esposas e 300 concubinas. Mas ele esqueceu de CUIDAR DA PRÓPRIA ALMA. Ele se perdeu no exterior – no Templo, no ouro, nas mulheres, nos demônios. E quando o exterior desabou, ele ficou com o vazio.

A lição final é simples e brutal: A MAGIA É UM CAMINHO – NÃO UM DESTINO. O destino é a TRANSFORMAÇÃO PESSOAL. E a transformação pessoal não vem da acumulação de poder – vem da INTEGRIDADE. Salomão perdeu a integridade – e perdeu tudo. O operador que quer evitar o mesmo destino deve manter a integridade a todo custo. A magia é uma ferramenta – não um fim. O fim é a UNIÃO COM O DIVINO. E a união exige FIDELIDADE.

PARTE X

# APÊNDICE (O MAPA DA MINA E O GRIMÓRIO PESSOAL)

A Parte IX foi o mergulho no entretecer humano – as relações que construíram e destruíram o reino. Vimos as alianças com Hirão, o sacrifício de Hiram Abif, o harém como laboratório religioso e a aliança condicional com Deus. Agora, chegamos ao APÊNDICE – o mapa da mina, o grimório pessoal que o operador pode usar como referência rápida e como ferramenta de trabalho. Esta Parte X é a CAIXA DE FERRAMENTAS do livro. Não é teoria – é PRÁTICA PURA. Cada apêndice foi desenhado para ser usado, não apenas lido. O operador que domina esses apêndices tem em mãos um kit de sobrevivência para a jornada salomônica.

APÊNDICE A

# TABELA SINÓTICA DOS 72 DEMÔNIOS (EDIÇÃO COMPLETA)

A Ars Goetia, o Livro I do Lemegeton, cataloga 72 espíritos que Salomão teria aprisionado no Vaso de Bronze. Cada demônio tem um nome, uma hierarquia, uma função, um dia da semana, um planeta, uma cor, um metal, um elemento, oferendas permitidas e proibidas, e uma associação astrológica. A tabela a seguir é uma SÍNTESE OPERACIONAL EXPANDIDA – contém todas as informações essenciais para a evocação prática, baseada nos manuscritos de Dr. Rudd, Weyer e na tradição da Golden Dawn.

A lista completa dos 72 demônios é apresentada a seguir. Para cada um, são fornecidos: Nome, Título, Função Principal, Dia da Semana, Planeta, Cor, Metal, Elemento, Oferendas Permitidas, Oferendas Proibidas e Horário Recomendado (baseado nas horas planetárias).

APÊNDICE A

# Tabela Sinótica dos 72 Demônios da Ars Goetia

| # | NOME | HIER. | FUNÇÃO | DIA | PLANETA | COR | METAL | ELEM. | OFERENDAS PERMITIDAS | OFERENDAS PROIBIDAS | HORA |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1 | BAEL | Rei | Invisibilidade, conhecimento, responde perguntas | Domingo | Sol | Amarelo | Ouro | Fogo | Olíbano, açafrão, vela amarela | Sangue animal, carne vermelha | 1ª hora do dia |
| 2 | AGARES | Duque | Ensina línguas, causa terremotos, recupera fugitivos | Terça | Marte | Vermelho | Ferro | Fogo | Pimenta, sangue de pombo, vela vermelha | Álcool, mel | 2ª hora da noite |
| 3 | VASSAGO | Príncipe | Revela passado e futuro, descobre coisas ocultas | Quarta | Mercúrio | Laranja | Mercúrio | Ar | Incenso de mercúrio, vela laranja | Carne de porco, vinho tinto | 3ª hora do dia |
| 4 | SAMIGINA | Marquês | Ensina artes liberais, relata sobre almas mortas | Sábado | Saturno | Preto | Chumbo | Terra | Mirra, vela preta, sal | Sangue de pássaro, leite | 4ª hora da noite |
| 5 | MARBAS | Presidente | Cura doenças, transforma formas | Terça | Marte | Vermelho | Ferro | Fogo | Camomila, vela vermelha, sangue de cordeiro | Mel, frutas | 5ª hora do dia |
| 6 | VALEFOR | Duque | Torna o operador valente, rouba tesouros | Quinta | Júpiter | Azul | Estanho | Ar | Cedro, vela azul, incenso de benjoim | Sangue de boi, carne | 6ª hora da noite |
| 7 | AMON | Marquês | Concilia amigos e inimigos, revela passado e futuro | Quarta | Mercúrio | Roxo | Mercúrio | Ar | Olíbano, vela roxa, canela | Vinho doce, mel | 7ª hora do dia |
| 8 | BARBATOS | Conde |  | Sábado | Saturno | Preto | Chumbo | Terra | Mirra, vela preta, sal grosso | Sangue de qualquer animal | 8ª hora da noite |

| # | NOME | HIER. | FUNÇÃO | DIA | PLANETA | COR | METAL | ELEM. | OFERENDAS PERMITIDAS | OFERENDAS PROIBIDAS | HORA |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | Compreende a linguagem dos animais, descobre tesouros | | | | | | | | |
| 9 | PAIMON | Rei | Ensina artes, ciências e segredos do mundo | Domingo | Sol | Dourado | Ouro | Fogo | Olíbano, vela dourada, açafrão | Carne vermelha, vinho tinto | 9ª hora do dia |
| 10 | BUER | Presidente | Ensina filosofia, lógica e virtudes das ervas | Terça | Marte | Vermelho | Ferro | Fogo | Alecrim, vela vermelha, pimenta | Leite, mel | 10ª hora da noite |
| 11 | GUSION | Duque | Revela o passado, presente e futuro | Quarta | Mercúrio | Roxo | Mercúrio | Ar | Olíbano, vela roxa, canela | Sangue de pássaro | 11ª hora do dia |
| 12 | SITRI | Príncipe | Desperta paixão amorosa entre homens e mulheres | Sexta | Vênus | Verde | Cobre | Água | Rosas, vela verde, mel | Vinho tinto, carne | 12ª hora da noite |
| 13 | BELETH | Rei | Causa amor intenso, mas exige oferendas | Domingo | Sol | Dourado | Ouro | Fogo | Olíbano, vela dourada, açafrão | Sangue animal, carne | 13ª hora do dia |
| 14 | LERAJE | Marquês | Causa batalhas e contendas | Terça | Marte | Vermelho | Ferro | Fogo | Pimenta, vela vermelha, sangue de pombo | Mel, vinho doce | 14ª hora da noite |
| 15 | ELIGOS | Duque | Revela coisas ocultas, profetiza guerras | Quarta | Mercúrio | Roxo | Mercúrio | Ar | Olíbano, vela roxa, canela | Carne de porco | 15ª hora do dia |
| 16 | ZEPAR | Duque | Torna as mulheres estéreis, causa amor entre homens | Sexta | Vênus | Verde | Cobre | Água | Rosas, vela verde, mel | Sangue de animal | 16ª hora da noite |
| 17 | BOTIS | Presidente | Revela passado e futuro, reconcilia amigos | Quinta | Júpiter | Azul | Estanho | Ar | Cedro, vela azul, incenso de benjoim | Vinho tinto | 17ª hora do dia |
| 18 | BATHIN | Duque | Conhecimento de pedras preciosas e ervas | Sábado | Saturno | Preto | Chumbo | Terra | Mirra, vela preta, sal | Sangue de pássaro | 18ª hora da noite |

| # | NOME | HIER. | FUNÇÃO | DIA | PLANETA | COR | METAL | ELEM. | OFERENDAS PERMITIDAS | OFERENDAS PROIBIDAS | HORA |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 19 | SALLOS | Conde | Causa amor entre homens e mulheres | Sexta | Vênus | Verde | Cobre | Água | Rosas, vela verde, mel | Carne vermelha | 19ª hora do dia |
| 20 | PURSON | Rei | Revela tesouros ocultos, responde sobre o passado | Domingo | Sol | Dourado | Ouro | Fogo | Olíbano, vela dourada, açafrão | Sangue animal | 20ª hora da noite |
| 21 | MARAX | Conde | Ensina astronomia e artes liberais | Quarta | Mercúrio | Roxo | Mercúrio | Ar | Olíbano, vela roxa, canela | Vinho doce | 21ª hora do dia |
| 22 | IPOS | Conde | Torna o operador espirituoso e valente | Terça | Marte | Vermelho | Ferro | Fogo | Pimenta, vela vermelha, sangue de cordeiro | Mel | 22ª hora da noite |
| 23 | AIM | Duque | Torna o operador espirituoso, revela tesouros | Quinta | Júpiter | Azul | Estanho | Ar | Cedro, vela azul, incenso de benjoim | Sangue de boi | 23ª hora do dia |
| 24 | NABERIUS | Marquês | Ensina artes liberais e lógica | Quarta | Mercúrio | Roxo | Mercúrio | Ar | Olíbano, vela roxa, canela | Carne de porco | 24ª hora da noite |
| 25 | GLASYA-LABOLAS | Conde | Causa amor, ensina ciências | Sexta | Vênus | Verde | Cobre | Água | Rosas, vela verde, mel | Sangue de animal | 1ª hora do dia (invertida) |
| 26 | BUNE | Duque | Torna o operador eloquente e sábio | Quinta | Júpiter | Azul | Estanho | Ar | Cedro, vela azul, incenso de benjoim | Vinho tinto | 2ª hora da noite |
| 27 | RONOVE | Marquês | Ensina retórica e línguas | Quarta | Mercúrio | Roxo | Mercúrio | Ar | Olíbano, vela roxa, canela | Mel | 3ª hora do dia |
| 28 | BERITH | Duque | Transforma metais em ouro | Domingo | Sol | Dourado | Ouro | Fogo | Olíbano, vela dourada, açafrão | Sangue animal | 4ª hora da noite |
| 29 | ASTAROTH | Duque | Revela segredos do passado e futuro | Sexta | Vênus | Verde | Cobre | Água | Rosas, vela verde, mel | Sangue de pássaro | 5ª hora do dia |

| # | NOME | HIER. | FUNÇÃO | DIA | PLANETA | COR | METAL | ELEM. | OFERENDAS PERMITIDAS | OFERENDAS PROIBIDAS | HORA |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 30 | FORNEUS | Marquês | Ensina retórica, torna o operador amado | Quarta | Mercúrio | Roxo | Mercúrio | Ar | Olíbano, vela roxa, canela | Vinho doce | 6ª hora da noite |
| 31 | FORAS | Presidente | Ensina virtudes das ervas e pedras | Sábado | Saturno | Preto | Chumbo | Terra | Mirra, vela preta, sal | Sangue de qualquer animal | 7ª hora do dia |
| 32 | ASMODEUS | Rei | Causa luxúria, vingança e destruição | Terça | Marte | Vermelho | Ferro | Fogo | Pimenta, vela vermelha, sangue de pombo | Mel, vinho doce | 8ª hora da noite |
| 33 | GAAP | Presidente | Ensina filosofia, causa amor e ódio | Quarta | Mercúrio | Roxo | Mercúrio | Ar | Olíbano, vela roxa, canela | Carne de porco | 9ª hora do dia |
| 34 | FURFUR | Conde | Causa tempestades, ensina segredos | Sábado | Saturno | Preto | Chumbo | Terra | Mirra, vela preta, sal | Sangue de pássaro | 10ª hora da noite |
| 35 | MARCHOSIAS | Marquês | Ensina arquitetura, causas batalhas | Terça | Marte | Vermelho | Ferro | Fogo | Pimenta, vela vermelha, sangue de cordeiro | Mel | 11ª hora do dia |
| 36 | STOLAS | Príncipe | Ensina astronomia, revela pedras preciosas | Quarta | Mercúrio | Roxo | Mercúrio | Ar | Olíbano, vela roxa, canela | Vinho tinto | 12ª hora da noite |
| 37 | PHENEX | Marquês | Ensina ciências, é um bom poeta | Quinta | Júpiter | Azul | Estanho | Ar | Cedro, vela azul, incenso de benjoim | Sangue de boi | 13ª hora do dia |
| 38 | HALPHAS | Conde | Causa guerras, ensina a arte da guerra | Terça | Marte | Vermelho | Ferro | Fogo | Pimenta, vela vermelha, sangue de pombo | Mel | 14ª hora da noite |
| 39 | MALPHAS | Presidente | Causa destruição, ensina a arte da guerra | Sábado | Saturno | Preto | Chumbo | Terra | Mirra, vela preta, sal | Sangue de animal | 15ª hora do dia |
| 40 | RAUM | Conde | Rouba tesouros, destrói cidades | Terça | Marte | Vermelho | Ferro | Fogo | | Vinho doce | 16ª hora da noite |

| # | NOME | HIER. | FUNÇÃO | DIA | PLANETA | COR | METAL | ELEM. | OFERENDAS PERMITIDAS | OFERENDAS PROIBIDAS | HORA |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | Pimenta, vela vermelha, sangue de cordeiro | | |
| 41 | FOCALOR | Duque | Afoga homens, vira navios | Quarta | Mercúrio | Roxo | Mercúrio | Ar | Olíbano, vela roxa, canela | Carne de porco | 17ª hora do dia |
| 42 | VEPAR | Duque | Governa as águas | Quarta | Mercúrio | Roxo | Mercúrio | Ar | Olíbano, vela roxa, canela | Mel | 18ª hora da noite |
| 43 | SABNOCK | Marquês | Constrói fortalezas, causa feridas | Sábado | Saturno | Preto | Chumbo | Terra | Mirra, vela preta, sal | Sangue de pássaro | 19ª hora do dia |
| 44 | SHAL | Marquês | Causa amor, revela segredos | Sexta | Vênus | Verde | Cobre | Água | Rosas, vela verde, mel | Sangue animal | 20ª hora da noite |
| 45 | VINE | Rei | Revela coisas ocultas, causa tempestades | Domingo | Sol | Dourado | Ouro | Fogo | Olíbano, vela dourada, açafrão | Carne vermelha | 21ª hora do dia |
| 46 | BIFROUS | Conde | Ensina astrologia e geometria | Quarta | Mercúrio | Roxo | Mercúrio | Ar | Olíbano, vela roxa, canela | Vinho doce | 22ª hora da noite |
| 47 | VUAL | Duque | Causa amor entre mulheres | Sexta | Vênus | Verde | Cobre | Água | Rosas, vela verde, mel | Sangue de pássaro | 23ª hora do dia |
| 48 | HAAGENTI | Presidente | Torna o operador sábio e eloquente | Quinta | Júpiter | Azul | Estanho | Ar | Cedro, vela azul, incenso de benjoim | Sangue de boi | 24ª hora da noite |
| 49 | CROCELL | Conde | Revela coisas ocultas, ensina magia | Quarta | Mercúrio | Roxo | Mercúrio | Ar | Olíbano, vela roxa, canela | Carne de porco | 1ª hora do dia |
| 50 | FURCAS | Conde | Ensina filosofia, astrologia e retórica | Quarta | Mercúrio | Roxo | Mercúrio | Ar | Olíbano, vela roxa, canela | Mel | 2ª hora da noite |
| 51 | BALAM | Rei | | Domingo | Sol | Dourado | Ouro | Fogo | | Sangue animal | |

| # | NOME | HIER. | FUNÇÃO | DIA | PLANETA | COR | METAL | ELEM. | OFERENDAS PERMITIDAS | OFERENDAS PROIBIDAS | HORA |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | Torna o operador invisível e valente | | | | | | Olíbano, vela dourada, açafrão | | 3ª hora do dia |
| 52 | ALOCER | Duque | Ensina astronomia e artes liberais | Quarta | Mercúrio | Roxo | Mercúrio | Ar | Olíbano, vela roxa, canela | Vinho tinto | 4ª hora da noite |
| 53 | CAMIO | Presidente | Ensina astronomia e ciências | Quinta | Júpiter | Azul | Estanho | Ar | Cedro, vela azul, incenso de benjoim | Sangue de boi | 5ª hora do dia |
| 54 | MURMUR | Duque | Ensina filosofia, causa dança dos mortos | Sábado | Saturno | Preto | Chumbo | Terra | Mirra, vela preta, sal | Sangue de pássaro | 6ª hora da noite |
| 55 | OROBAS | Príncipe | Revela segredos do passado e futuro | Quarta | Mercúrio | Roxo | Mercúrio | Ar | Olíbano, vela roxa, canela | Carne de porco | 7ª hora do dia |
| 56 | GREMORY | Duque | Revela tesouros, causa amor | Sexta | Vênus | Verde | Cobre | Água | Rosas, vela verde, mel | Sangue animal | 8ª hora da noite |
| 57 | OSÉ | Presidente | Ensina ciências, revela segredos | Quinta | Júpiter | Azul | Estanho | Ar | Cedro, vela azul, incenso de benjoim | Vinho tinto | 9ª hora do dia |
| 58 | AMY | Presidente | Ensina astrologia e ciências | Quarta | Mercúrio | Roxo | Mercúrio | Ar | Olíbano, vela roxa, canela | Mel | 10ª hora da noite |
| 59 | ORIAS | Marquês | Ensina astrologia, causa transformações | Sábado | Saturno | Preto | Chumbo | Terra | Mirra, vela preta, sal | Sangue de pássaro | 11ª hora do dia |
| 60 | VAPULA | Duque | Causa tempestades, ensina a arte da guerra | Terça | Marte | Vermelho | Ferro | Fogo | Pimenta, vela vermelha, sangue de cordeiro | Vinho doce | 12ª hora da noite |
| 61 | ZAGAN | Rei | Transforma água em vinho, causa loucura | Domingo | Sol | Dourado | Ouro | Fogo | Olíbano, vela dourada, açafrão | Sangue animal | 13ª hora do dia |
| 62 | VALAC | Presidente | | Quinta | Júpiter | Azul | Estanho | Ar | | Sangue de boi | |

| # | NOME | HIER. | FUNÇÃO | DIA | PLANETA | COR | METAL | ELEM. | OFERENDAS PERMITIDAS | OFERENDAS PROIBIDAS | HORA |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | Revela tesouros, ensina a arte da serpente | | | | | | Cedro, vela azul, incenso de benjoim | | 14ª hora da noite |
| 63 | ANDRAS | Marquês | Causa discórdia, ensina a arte da guerra | Terça | Marte | Vermelho | Ferro | Fogo | Pimenta, vela vermelha, sangue de pombo | Mel | 15ª hora do dia |
| 64 | FLAUROS | Duque | Causa amor, ensina filosofia | Sexta | Vênus | Verde | Cobre | Água | Rosas, vela verde, mel | Sangue de pássaro | 16ª hora da noite |
| 65 | ANDREALFUS | Marquês | Ensina matemática e geometria | Quarta | Mercúrio | Roxo | Mercúrio | Ar | Olíbano, vela roxa, canela | Carne de porco | 17ª hora do dia |
| 66 | CIMEJES | Marquês | Ensina gramática, lógica e retórica | Quarta | Mercúrio | Roxo | Mercúrio | Ar | Olíbano, vela roxa, canela | Vinho doce | 18ª hora da noite |
| 67 | AMDUSIAS | Duque | Causa tempestades, ensina música | Quinta | Júpiter | Azul | Estanho | Ar | Cedro, vela azul, incenso de benjoim | Sangue de boi | 19ª hora do dia |
| 68 | BELIAL | Rei | Causa discórdia, torna o operador amado | Domingo | Sol | Dourado | Ouro | Fogo | Olíbano, vela dourada, açafrão | Carne vermelha | 20ª hora da noite |
| 69 | DECARABIA | Marquês | Revela segredos, ensina ciências | Sábado | Saturno | Preto | Chumbo | Terra | Mirra, vela preta, sal | Sangue de pássaro | 21ª hora do dia |
| 70 | SEERE | Príncipe | Revela coisas ocultas, causa viagens rápidas | Quarta | Mercúrio | Roxo | Mercúrio | Ar | Olíbano, vela roxa, canela | Mel | 22ª hora da noite |
| 71 | DANTALION | Duque | Ensina artes e ciências, revela segredos | Quinta | Júpiter | Azul | Estanho | Ar | Cedro, vela azul, incenso de benjoim | Sangue de boi | 23ª hora do dia |
| 72 | ANDROMALIUS | Conde | Rouba tesouros, ensina a arte do ladrão | Sábado | Saturno | Preto | Chumbo | Terra | Mirra, vela preta, sal | Sangue de qualquer animal | 24ª hora da noite |

Nota sobre os Sigilos: Cada demônio possui um sigilo (selo) específico que deve ser desenhado em pergaminho virgem ou em metal correspondente, no dia e hora de Mercúrio, com a Lua crescente. Os sigilos podem ser encontrados nos manuscritos da Ars Goetia (como o MS Harley 6483 de Dr. Rudd) e em edições modernas (como a de Crowley). O desenho do sigilo é uma parte essencial da evocação – ele atua como a "assinatura" do demônio, a chave que abre a porta.

APÊNDICE B

# ORAÇÃO DE BANIMENTO EM HEBRAICO TRANSLITERADO – EDIÇÃO EXPANDIDA

A tradição salomônica prescreve orações de banimento para proteger o operador antes e depois de qualquer evocação. A oração a seguir é uma versão adaptada da Clavicula Salomonis, transliterada para o português com a pronúncia sefaradita real. Incluímos também as variações para banimento de espíritos específicos.

**PREPARAÇÃO:** O operador deve estar de pé, voltado para o Leste, com as vestes de linho branco. A espada ou faca de cabo preto deve estar na mão direita. O pentáculo de proteção deve estar sobre o peito. Deve-se acender uma vela branca e um incenso de olíbano.

**ORAÇÃO DE BANIMENTO GERAL (HEBRAICO TRANSLITERADO):**

"Baruch Atah Adonai Eloheinu Melech ha-Olam, asher kidshanu be-mitzvotav ve-tzivanu la-asok be-divrei Torato."

(Bendito és Tu, Senhor nosso Deus, Rei do Universo, que nos santificaste com teus mandamentos e nos ordenaste a nos ocupar com as palavras da Tua Torá.)

"Ana, Adonai, Elohei Avraham, Elohei Yitzchak, Elohei Yaakov, Elohei Sarah, Elohei Rivkah, Elohei Rachel, Elohei Leah – shema koleinu ve-al tit'alem mi-tachanateinu."

(Ó Senhor, Deus de Abraão, Deus de Isaque, Deus de Jacó, Deus de Sara, Deus de Rebeca, Deus de Raquel, Deus de Léia – ouve a nossa voz e não te escondas da nossa súplica.)

"Elohei ha-ruchot le-chol basar, ha-mashiv ha-ruchot el ha-beri'ah, ha-mashbia et ha-shedim ve-et ha-mazikim be-shem ha-meforash – ani mashbia etchem, ruachot teme'ot, she-tz'u mi-ba'it zeh u-mi-lev ha-oker ha-zeh."

(Deus dos espíritos de toda carne, que faz retornar os espíritos à criação, que conjura os demônios e os daninhos pelo Nome Explicitado – eu vos conjuro, espíritos imundos, que saiais desta casa e do coração deste operador.)

"Be-shem YOD HE VAV HE, be-shem ADONAI, be-shem AGLA, be-shem EL SHADDAI, be-shem ELOHIM TZVA'OT, be-shem TETRAGRAMMATON SABAOTH – ani goreish etchem."

(Pelo nome YOD HE VAV HE, pelo nome ADONAI, pelo nome AGLA, pelo nome EL SHADDAI, pelo nome ELOHIM DOS EXÉRCITOS, pelo nome TETRAGRAMMATON SABAOTH – eu vos expulso.)

"V'yish'u et ha-shalom al ha-aretz, v'yish'u et ha-shalom al ha-bayit, v'yish'u et ha-shalom al ha-nefesh ha-zot."

(E que a paz seja sobre a terra, e que a paz seja sobre esta casa, e que a paz seja sobre esta alma.)

**ORAÇÃO DE BANIMENTO ESPECÍFICO PARA UM DEMÔNIO:** Após a oração geral, acrescente: "[Nome do Demônio], eu te ordeno em nome de ADONAI TZVA'OT que partas deste lugar e não retornes. Que o selo de SALOMÃO te confine, e que o ANEL DO PODER te constranja. Vai em paz, e não perturbes mais."

**PRONÚNCIA SEPARADITA REAL:** YOD – pronunciado como "Yod" (iode) – som de "i" curto. HE – pronunciado como "Heh" (hê) – som de "h" aspirado. VAV – pronunciado como "Vav" (vave) – som de "v" ou "u". ADONAI – pronunciado como "Ah-doh-nai" – ênfase na primeira sílaba. AGLA – pronunciado como "Ah-glah" – com o "g" gutural. EL SHADDAI – pronunciado como "El Shah-dai" – com "sh" e ênfase em "dai". VARIAÇÃO PARA BANIMENTO DE ESPÍRITOS SUPERIORES: Substitua "ruachot teme'ot" por "serafim me'ofefim" (serafins errantes) e "shedim" por "mazikim" (daninhos). INSIGHT OPERACIONAL: Esta oração deve ser recitada em voz alta, com cada palavra vibrada no peito. A respiração deve ser profunda: inspire pelo nariz, expire pela boca vibrando as palavras. Repita três vezes, traçando um círculo imaginário com a espada a cada repetição. Após a terceira repetição, bata três vezes no chão com o pé direito para selar o banimento.

APÊNDICE C

# ESQUEMA DO TEMPLO DE SALOMÃO COM OS SEPHIROTES DA ÁRVORE DA VIDA SOBREPOSTOS – EDIÇÃO EXPANDIDA

A Cabala considera que o design do Templo de Salomão representa o mundo metafísico e a luz descendente do criador através das Sefirot da Árvore da Vida. As duas colunas na entrada do Templo, BOAZ e JACHIN, correspondem diretamente aos pilares da Árvore da Vida. Este esquema é fundamental para entender a arquitetura espiritual do Templo e sua aplicação na magia operacional.

**A CORRESPONDÊNCIA DAS COLUNAS:** JACHIN (a coluna da direita, sul) corresponde ao PILAR DA MISERICÓRDIA. Na Árvore da Vida, este pilar contém Chokhmah (Sabedoria), Chesed (Misericórdia) e Netzach (Vitória). É o pilar branco, da luz, da expansão, do masculino, da influência ativa. A coluna Jachin tem 18 côvados de altura (número da vida, "Chai") e seu capitel é adornado com lírios e romãs, símbolos da fertilidade e da revelação. BOAZ (a coluna da esquerda, norte) corresponde ao PILAR DA SEVERIDADE. Na Árvore da Vida, este pilar contém Binah (Entendimento), Geburah (Severidade) e Hod (Esplendor). É o pilar preto, da treva, da contração, do feminino, da influência receptiva. A coluna Boaz tem a mesma altura, mas seu capitel é adornado com correntes e romãs, símbolos da restrição e do julgamento.

**O ESQUEMA SOBREPOSTO (VISTA FRONTAL):** KETHER (Coroa) – O Santo dos Santos, o ponto mais alto. Abaixo, CHOKHMAH (Sabedoria) – BINAH (Entendimento) – (JACHIN – Pilar da Misericórdia) | (BOAZ – Pilar da Severidade). Abaixo, CHESED (Misericórdia) – GEBURAH (Severidade) – (JACHIN) | (BOAZ). Abaixo, TIFERET (Beleza) – O SANTO DOS SANTOS (Debir) – O véu do Templo, onde a Arca repousa. Abaixo, NETZACH (Vitória) – HOD (Esplendor) – (JACHIN) | (BOAZ). Abaixo, YESOD (Fundamento) – O altar do holocausto. Por fim, MALKUTH (Reino) – O PÁTIO EXTERIOR, o mundo material.

A MENORÁ (o candelabro de sete braços) representa as sete Sefirot inferiores da Árvore da Vida. Cada um dos sete braços corresponde a uma Sephira: Chesed, Geburah, Tiferet, Netzach, Hod, Yesod e Malkuth. O braço central (Tiferet) é o mais alto e o mais importante, representando o equilíbrio. A Menorá é acesa com azeite de oliva puro – o óleo da unção, símbolo da sabedoria (Chokhmah). A MESA DOS PÃES DA PROPOSIÇÃO representa a união de Yesod (Fundamento) e Malkuth (Reino). Os doze pães representam as doze tribos e os doze signos do zodíaco, a conexão entre o céu e a terra. O ALTAR DO INCENSO (Mizbeach ha-Ketoret) corresponde a Tiferet (Beleza) – o coração da Árvore, o ponto onde a oração sobe e a bênção desce. O incenso é a vibração que conecta o mundo inferior ao mundo superior. A PEDRA FUNDAMENTAL (Even ha-Shetiya) corresponde a MALKUTH – o ponto de contato entre o mundo espiritual e o mundo material. É o centro do Templo, o lugar onde a Arca da Aliança repousava. Segundo o Talmud (Yoma 53b), a Pedra Fundamental é o local onde o mundo foi criado – o primeiro ponto sólido que emergiu do caos primordial. Ela é a ANTENA DO PLANETA, o ponto

de ressonância que conecta o Templo à energia cósmica. O VÉU DO SANTO DOS SANTOS (Parokhet) corresponde a DAATH – o Abismo, a não-Sephira que separa o mundo superior (Kether, Chokhmah, Binah) do mundo inferior (Chesed a Malkuth). O véu é a barreira que o sumo-sacerdote atravessa uma vez por ano, no Yom Kippur, para entrar na presença de Deus. O operador, ao atravessar o véu da sua própria psique, entra em contato com Daath.

### INSIGHT OPERACIONAL

Quando o operador entra no Templo interior (a sua própria consciência), ele deve passar entre as colunas BOAZ e JACHIN – equilibrando a severidade (disciplina, julgamento) e a misericórdia (compaixão, perdão). O Santo dos Santos é o centro da sua própria alma – o lugar onde a Shekinah (a presença divina) repousa. A Árvore da Vida é o MAPA DA CONSCIÊNCIA – e o Templo de Salomão é a sua MATERIALIZAÇÃO. Para evocar um espírito, o operador deve se posicionar no centro do pátio (Malkuth), voltado para o Santo dos Santos (Tiferet), e projetar a intenção através da Menorá (as Sefirot) até o Abismo (Daath), onde o espírito é convocado.

APÊNDICE D

# GLOSSÁRIO DE TERMOS – EDIÇÃO EXPANDIDA

Este glossário contém os termos essenciais da tradição salomônica em hebraico, árabe, persa, grego e latim, com definições expandidas e referências textuais.

**TERMOS HEBRAICOS:** ADONAI (אדני) – "Senhor". Nome usado para substituir o Tetragrammaton em contextos litúrgicos e mágicos. É vibrato como "Ah-doh-nai". Na Clavicula, é usado para invocar a presença divina sem o risco de profanar o Nome Inefável. AGLA (אגלא) – Notariqon (acrônimo) para "Atah Gibor Le-olam Adonai" – "Tu, Ó Senhor, és poderoso para sempre". Usado em banimentos e proteções. É uma das palavras de poder mais frequentes na Clavicula. BINAH (בינה) – "Entendimento" ou "Compreensão". A terceira Sephira, a capacidade de sintetizar e processar a informação. É a "Mãe Superior" (Ima Ila'ah) na Cabala. Salomão pediu Binah em Gibeão. CHOKHMAH (חכמה) – "Sabedoria". A segunda Sephira, o conhecimento bruto, a inteligência ativa. É o arquétipo masculino da sabedoria. Em Provérbios 8, a Sabedoria personificada é uma entidade feminina, mas a Sephira Chokhmah é masculina. DAATH (דעת) – "Conhecimento". A nona Sephira (ou "não-Sephira"), o Abismo, o vazio onde a razão se desfaz. É a passagem obrigatória entre as Sefirot superiores e inferiores. Salomão atravessou Daath ao pedir Binah. EL (אל) – "Deus". O nome da força e do poder. É a raiz de Elohim e de outros nomes divinos. ELOHIM (אלהים) – "Deuses".

O nome plural da divindade, associado à justiça e ao julgamento. É usado na Clavicula para invocar a severidade divina. GEBURAH (גבורה) – "Severidade" ou "Força". A quinta Sephira, o pilar da disciplina e do julgamento. Corresponde a Marte e à coluna Boaz. HEVEL (הבל) – "Vapor" ou "Sopro". A palavra usada em Eclesiastes para descrever a transitoriedade da vida. Não é "vaidade" no sentido de orgulho – é "vapor" no sentido de fragilidade. KETER (כתר) – "Coroa". A primeira Sephira, o ponto de contato com o divino, o mais alto e mais inacessível. MALKUTH (מלכות) – "Reino". A décima Sephira, o mundo material, a presença divina na terra. É a Shekinah manifesta. QADOSH (קדוש) – "Santo" ou "Separado". O que é consagrado para um propósito divino. Os Qadoshim são os santos, os separados para Deus. SHEKINAH (שכינה) – "Presença". A face feminina de Deus, a imanência divina no mundo. É a noiva de Tiferet no Cântico dos Cânticos. TIFERET (תפארת) – "Beleza" ou "Esplendor". A sexta Sephira, o coração da Árvore, o equilíbrio entre misericórdia e severidade. Corresponde ao Sol. TETRAGRAMMATON (יהוה) – O Nome Inefável de Deus – Yod He Vav He. Não deve ser pronunciado – deve ser vibrado. É a vibração fundamental do universo. YHWH (יהוה) – Idem ao Tetragrammaton. É a raiz de todas as outras pronúncias. LEV (לב) – "Coração". Na psicologia judaica, o centro da decisão e da percepção, não da emoção. Salomão pediu um "coração ouvinte" (lev shomea). SHALOM (שלום) – "Paz". A raiz do nome Salomão (Shelomoh). Paz não é ausência de guerra – é plenitude, completude, harmonia. QOHELET (קהלת) – "Pregador" ou "Congregador". O título do Eclesiastes. É aquele que reúne a assembleia para ensinar. MISHLEI (משלי) – "Provérbios" ou "Parábolas". O livro de Salomão que contém ensinamentos práticos. SHIR HASHIRIM (שיר השירים) – "Cân-

tico dos Cânticos" – o mais sublime dos cantos, o livro do amor divino. MAFTEAH (מפתח) – "Chave". A palavra usada no título Sepher Maphteah Shelomoh (O Livro da Chave de Salomão).

**TERMOS ÁRABES:** JINN (جن) – Seres de fogo criados por Alá, com livre-arbítrio. Podem ser bons ou maus. No Alcorão, são uma das três criações inteligentes (anjos, jinns, humanos). IFRIT (عفريت) – Uma classe poderosa de jinns, associados ao fogo e à violência. No Alcorão, um Ifrit se oferece para trazer o trono de Bilqis. SULAYMAN (سليمان) – O nome árabe para Salomão, o profeta-rei dos jinns. É uma figura central no Alcorão e na tradição islâmica. BILQIS (بلقيس) – O nome árabe para a Rainha de Sabá. No Alcorão, ela é convertida ao monoteísmo por Sulayman. RUH (روح) – "Espírito" ou "Alma". No Islã, o espírito que dá vida. SHAYTAN (شيطان) – "Demônio" ou "Satã". Os jinns maus são chamados de shayatin. KITAB (كتاب) – "Livro". O Alcorão é chamado de "al-Kitab" (o Livro).

**TERMOS PERSAS:** DIV (دیو) – Demônios ou espíritos malignos da tradição persa, associados à escuridão e ao caos. São os antagonistas dos deuses da luz (ahuras). JAMSHID (جمشید) – O rei mítico da Pérsia, associado a Salomão em algumas tradições. Possuía um anel mágico com quatro pedras. AZ (آز) – "Cobiça". O demônio da cobiça na tradição persa, que Salomão teria subjugado. PERI (پری) – Fadas ou espíritos benevolentes na tradição persa, opostos aos divs.

**TERMOS GREGOS:** DAIMON (δαίμων) – Espírito ou divindade menor. Na tradição grega, os daimones podem ser bons ou maus. A palavra "demônio" deriva deste termo, mas o cristianismo a associou exclusivamente ao mal. EKKLESIASTES (Ἐκκλησιαστής) – "Mem-

bro da assembleia" ou "Pregador". A tradução grega de Qohelet. O termo mudou o foco do livro, transformando uma reflexão individual em um sermão público. LOGOS (λόγος) – "Palavra" ou "Razão". O princípio criador do universo, identificado com a Sabedoria na tradição helenística. Na Sabedoria de Salomão, o Logos é a palavra criadora. SOPHIA (σοφία) – "Sabedoria". A personificação feminina da sabedoria na tradição grega. É a figura central do Livro da Sabedoria. CHARMES (χάρμες) – Encantamentos ou feitiços. Os Papiros Mágicos Gregos contêm muitos "charmes" atribuídos a Salomão. HYGMOS (ὑγμός) – "Som" ou "Vibração". A palavra usada nos PGM para descrever as vibrações mágicas. STOICHEION (στοιχεῖον) – "Elemento". Os quatro elementos da tradição grega (fogo, ar, água, terra), que Salomão controlava através do anel das quatro pedras.

**TERMOS LATINOS:** CLAVICULA – "Chave". O título da Clavicula Salomonis. LEMEGETON – "O Livro do Lamento" ou "O Livro das Chaves". O título da Chave Menor de Salomão. GOETIA – "Arte de Evocar" ou "Magia". Derivado do grego "goes" (mago). A Ars Goetia é a primeira parte do Lemegeton. THEURGIA – "Magia Divina". A arte de invocar os deuses, oposta à goétia (magia dos espíritos inferiores). PENTACULUM – "Pentáculo". Um selo ou amuleto, geralmente com um pentagrama, usado para constranger os espíritos. SIGILLUM – "Sigilo". O selo específico de um demônio ou anjo, usado para evocação. CIRCULUS – "Círculo". O círculo mágico que protege o operador. TRIANGULUM – "Triângulo". O triângulo de arte onde o espírito aparece.

APÊNDICE E

# A "ORAÇÃO SECRETA" DE QOHELET (ECLESIASTES) – UM RITUAL DE 7 DIAS PARA ACEITAR O VAZIO – EDIÇÃO EXPANDIDA

O Eclesiastes é o livro do DESAPEGO. Qohelet, o Pregador, viu que "tudo é vaidade" – e essa visão é a BASE para a magia sem apego. O ritual a seguir é uma adaptação moderna da tradição salomônica, desenhada para ajudar o operador a aceitar o vazio e operar magia sem apego ao resultado.

**PREPARAÇÃO:** O operador deve escolher um período de 7 dias consecutivos, de preferência começando em uma Lua Nova ou no início de Sukkot (a Festa dos Tabernáculos). Durante esses 7 dias, deve: (1) JEJUAR PARCIALMENTE: Comer apenas pão, água, frutas secas e raízes (como cenoura e beterraba). Evitar carne, laticínios e álcool. (2) ABSTER-SE DE RELAÇÕES SEXUAIS E DE QUALQUER FORMA DE DISPERSÃO ENERGÉTICA. (3) LER O ECLESIASTES COMPLETO, um capítulo por dia, em voz alta, de preferência em hebraico ou em uma tradução que preserve a poética. (4) MEDITAR sobre a passagem do dia, escrevendo em um diário as reflexões sobre a transitoriedade da vida. (5) REALIZAR BANHOS RITUAIS AO AMANHECER E AO ANOITECER, com água salgada.

**DIA 1 —** O VAPOR DA VIDA: Leia Eclesiastes 1. Medite sobre a frase: "Vaidade de vaidades, tudo é vaidade" (Ecl 1:2). Repita em hebraico: "Hevel havalim, hakol hevel". Reconheça que tudo o que você construiu, tudo o que você conquistou, é "vapor" – aparece e desaparece. Liste suas conquistas materiais e, em voz alta, diga: "Isto é vapor, e passarão".

**DIA 2 —** O TEMPO PARA TUDO: Leia Eclesiastes 2. Medite sobre a frase: "Há tempo para tudo" (Ecl 3:1-8). Aceite que há um tempo para nascer e um tempo para morrer, um tempo para plantar e um tempo para arrancar. Aceite o CICLO, não o pico. Desenhe uma roda com as oito estações (nascer, morrer, plantar, arrancar, chorar, rir, gemer, dançar) e medite sobre sua posição atual.

**DIA 3 —** A OPRE SSÃO E A SOLIDÃO: Leia Eclesiastes 3-4. Medite sobre a frase: "Vi as lágrimas dos oprimidos, e não havia quem os consolasse" (Ecl 4:1). Reconheça a injustiça do mundo sem se desesperar. Aceite que a magia não pode consertar tudo. Escreva uma lista das injustiças que você vê e, em seguida, queime-a em uma tigela de argila, dizendo: "Eu entrego estas opressões ao vazio".

**DIA 4 —** A RIQUEZA E A VAIDADE: Leia Eclesiastes 5-6. Medite sobre a frase: "Quem ama o dinheiro nunca se farta" (Ecl 5:10). Reconheça que a riqueza material não traz felicidade. Desapegue-se do que você possui. Escolha um objeto ao qual você é muito apegado, coloque-o em uma caixa e guarde-o por uma semana (ou entregue a um amigo). Pratique o desapego físico.

**DIA 5 —** A SABEDORIA E A LOUCURA: Leia Eclesiastes 7-8. Medite sobre a frase: "Quanto mais sábio, mais triste" (Ecl 1:18). Reconheça que o conhecimento não é a resposta final. Aceite a LIMITAÇÃO da sabedoria. Recite: "Eu não sei – e está tudo bem". Passe o dia dizendo "eu não sei" sempre que for tentado a dar uma resposta definitiva.

**DIA 6 —** A MORTE E O JUÍZO: Leia Eclesiastes 9-10. Medite sobre a frase: "Todos vão para o mesmo lugar" (Ecl 3:20). Reconheça que a morte é o destino de todos. Aceite sua MORTALIDADE. Passe 10 minutos meditando sobre sua própria morte – visualize seu corpo envelhecendo, adoecendo e morrendo. Aceite isso como parte do ciclo.

**DIA 7 —** A CONCLUSÃO E O DESAPEGO: Leia Eclesiastes 11-12. Medite sobre a frase: "Teme a Deus e guarda os seus mandamentos" (Ecl 12:13). Reconheça que, no final, a única resposta é a FÉ – a confiança no mistério. Aceite o VAZIO como o espaço onde a magia pode acontecer. Recite: "Eu entrego todas as minhas perguntas, todas as minhas certezas, todas as minhas esperanças ao vazio. Que o mistério me preencha."

ORAÇÃO FINAL (ao pôr do sol do 7º dia): "Qohelet, Pregador, mestre do desapego – ensina-me a ver o mundo como vapor. Ensina-me a operar sem apego ao resultado. Ensina-me a aceitar o vazio como o espaço onde a criação acontece. Que eu possa, como Salomão, construir o Templo sem me apegar ao Templo. Amém."

**INSIGHT OPERACIONAL**

Este ritual não é para ser feito uma única vez. Deve ser repetido periodicamente – antes de cada grande operação mágica, ou pelo menos uma vez por ano, durante o período de Sukkot (a Festa dos Tabernáculos), quando Eclesiastes é lido publicamente na sinagoga. O desapego é uma PRÁTICA, não uma realização. O operador que domina o desapego opera sem medo – e a magia sem medo é a mais poderosa.

APÊNDICE F

# O LAMENTO POR HIRAM ABIF – UMA ADAPTAÇÃO RITUALÍSTICA PARA O OPERADOR MODERNO – EDIÇÃO EXPANDIDA

A lenda de Hiram Abif é o mito fundante da iniciação maçônica – e uma das alegorias mais poderosas da tradição oculta. O "assassinato" de Hiram é a MORTE DO EGO – a dissolução da identidade cotidiana que precede o despertar espiritual. Este ritual é uma adaptação para o operador moderno que quer experimentar a "morte iniciática" – o "assassinato" do próprio ego para que o Templo interior seja erguido.

**PREPARAÇÃO:** O ritual deve ser realizado em um espaço escuro, com uma única vela preta (a vela do luto) e uma vela branca (a vela da ressurreição) acesa em lados opostos da sala. O operador deve estar com as vestes de linho branco, mas descalço – simbolizando a humildade diante da morte. Um espelho deve estar colocado à frente, coberto com um pano preto. Uma taça de água pura e um ramo de acácia (ou de oliveira) devem estar sobre o altar.

**PARTE 1 —** A DESCIDA (O "ASSASSINATO"): O operador se ajoelha diante do espelho coberto e recita, com a voz baixa: "Hiram Abif, arquiteto do Templo, filho da viúva – eu te invoco. Tu que morreste pela Palavra, que te recusaste a trair o segredo – ensina-me a morrer para o mundo. Ensina-me a abandonar o que eu sou para que eu possa me tornar

o que devo ser." O operador então descobre o espelho e se olha fixamente por 3 minutos, sem piscar. Enquanto se olha, recita em voz alta: "Este é o meu ego. Este é o meu nome. Esta é a minha história. Eu ofereço tudo isso ao Templo. Que a Palavra Mestra seja perdida – para que eu possa encontrá-la novamente." Em seguida, apaga a vela preta e fica em silêncio por 1 minuto.

**PARTE 2 —** O LUTO (O "ENTERRO"): O operador cobre novamente o espelho e fica em silêncio por 5 minutos, lamentando a morte do seu ego. Durante esse tempo, recita lentamente, com a voz trêmula: "Vaidade de vaidades, tudo é vaidade. O que foi será; o que será foi. O sol se põe e se levanta; os rios correm para o mar e o mar nunca se enche. Tudo é vazio, tudo é sopro, tudo é o que o vento leva." Em seguida, pega o ramo de acácia (ou oliveira) e coloca sobre o espelho coberto, simbolizando o túmulo de Hiram. Permanece em silêncio por 3 minutos.

**PARTE 3 —** A RESSURREIÇÃO (O "LEVANTAMENTO"): O operador se levanta lentamente, remove o pano do espelho e o ramo de acácia, e se olha novamente. Agora, ele vê não o seu ego, mas a sua ALMA – a centelha divina que transcende a identidade cotidiana. Acende a vela branca (se já não estiver acesa) e recita: "Hiram Abif, tu morreste – mas o Templo foi construído. Eu morro para o mundo – mas o Templo interior é erguido. A Palavra Mestra não está perdida – está dentro de mim. A acácia floresce sobre o teu túmulo – e a minha alma floresce sobre a minha morte." Bebe a água pura (a água da vida) e recita: "Eu bebo a água da ressurreição. Eu renasço como um novo operador. Que a Palavra Mestra me guie. Amém."

**PARTE 4 —** A INTEGRAÇÃO: Após o ritual, o operador deve passar o resto do dia em silêncio, refletindo sobre a experiência. Não deve falar com ninguém, a menos que seja absolutamente necessário. Deve escrever em um diário o que sentiu, o que viu e o que aprendeu.

> **INSIGHT OPERACIONAL**
>
> Este ritual pode ser realizado como uma preparação para uma grande operação goética, ou como um ritual de iniciação pessoal. Ele não deve ser feito mais de uma vez por ano – a "morte do ego" é um evento profundo que exige tempo para ser integrado. O operador que realiza este ritual está se preparando para ENFRENTAR OS DEMÔNIOS sem o espectro do ego para atrapalhar. Recomenda-se que seja feito na sexta-feira (dia de Vênus) ou no sábado (dia de Saturno), para alinhar com as energias da transformação.

APÊNDICE G

# AS LEITURAS LITÚRGICAS – CALENDÁRIO COMPLETO – EDIÇÃO EXPANDIDA

A tradição judaica e cristã leu os livros de Salomão publicamente em momentos específicos do ano litúrgico. Estes são os momentos em que o "véu" está mais fino – quando a comunidade inteira está sintonizada com a frequência dos textos salomônicos. Conhecer este calendário permite ao operador escolher os momentos mais auspiciosos para suas operações.

**CALENDÁRIO JUDAICO:** Eclesiastes (Qohelet) – Festa dos Tabernáculos (Sukkot) – 15-22 de Tishrei (Setembro/Outubro) – Lembrança da transitoriedade da vida; o povo habita em cabanas temporárias para lembrar que a vida é um sopro. Cântico dos Cânticos (Shir Hashirim) – Páscoa (Pessach) – 15-22 de Nisan (Março/Abril) – A libertação do Egito como casamento místico entre Deus e Israel; a amada (Israel) busca o amado (Deus). Provérbios (Mishlei) – Shabat (seleções) – Todo Shabat – A sabedoria cotidiana; leituras selecionadas para o estudo da Torá. Eishet Chayil (Pv 31:10-31) – Shabat (sexta-feira à noite) – Todo Shabat – A sabedoria feminina como Shekinah; recitado antes do Kidush do Shabat. Provérbios (Mishlei) – Festa de Shavuot (Pentecostes) – 6 de Sivan (Maio/Junho) – A recepção da Torá – a sabedoria como dom divino.

**CALENDÁRIO CATÓLICO (ROMANO):** Eclesiastes – 18º Domingo do Tempo Comum (Ano C) – Agosto/Setembro – A transitoriedade da vida e a necessidade de acumular tesouros no céu. Eclesiastes – Quaresma (leitura diária) – Fevereiro/Abril – A penitência e o desapego do mundo. Eclesiastes – Ofício das Leituras (semana III) – Várias – Leitura contínua durante a semana. Provérbios – Ofício Divino (Liturgia das Horas) – VI semana do Tempo Comum – A sabedoria prática para a vida religiosa. Provérbios – XXV semana do Tempo Comum (Ano par) – Setembro – Leituras selecionadas para a Eucaristia. Cântico dos Cânticos – Festas Marianas (Assunção, Imaculada Conceição) – 15 de agosto, 8 de dezembro – Alegoria do amor entre Cristo e a Igreja; Maria como a noiva mística. Sabedoria de Salomão – 28º Domingo do Tempo Comum (Ano A) – Outubro – A sabedoria como luz para a vida. Eclesiástico (Sirácida) – Várias semanas do Tempo Comum – Várias – Leituras selecionadas sobre a sabedoria prática.

**CALENDÁRIO ORTODOXO (GREGO):** Provérbios – Grande Quaresma (leitura diária) – 7 semanas antes da Páscoa – A sabedoria como preparação para a Páscoa. Eclesiastes – Semana Santa – Semana anterior à Páscoa – A vaidade do mundo diante da Paixão de Cristo. Cântico dos Cânticos – Grandes Festas da Theotokos (Mãe de Deus) – Várias (Anunciação, Dormição) – Alegoria do amor divino; Maria como a noiva mística. Sabedoria de Salomão – Festa da Natividade (Natal) – 25 de dezembro – A sabedoria de Deus manifestada no nascimento de Cristo.

### INSIGHT OPERACIONAL

O operador que quer maximizar a eficácia de suas operações deve considerar o CALENDÁRIO LITÚRGICO. Os momentos em que a comunidade lê os textos de Salomão são momentos de VÉU FINO – a energia coletiva amplifica a intenção individual. Se você quer evocar um demônio relacionado a Vênus (como Astaroth ou Sitri), faça-o durante a semana em que o Cântico dos Cânticos está sendo lido (Pessach ou festas marianas). Se quer trabalhar com o desapego (para evocar demônios de Saturno), faça-o durante Sukkot ou na Quaresma. O calendário é uma FERRAMENTA – use-a.

APÊNDICE H

# INSTRUÇÕES PARA CONFECÇÃO DE PENTÁCULOS (EDIÇÃO DETALHADA)

Os pentáculos são a base da magia salomônica. A Clavicula dedica capítulos inteiros à sua confecção. Aqui estão as instruções completas para criar pentáculos eficazes.

**MATERIAIS:** METAL (para pentáculos de metal): Ouro (Sol), Prata (Lua), Cobre (Vênus), Ferro (Marte), Estanho (Júpiter), Chumbo (Saturno), Liga de metais (Mercúrio). O metal deve ser novo, não usado anteriormente. Se possível, deve ser fundido e purificado pelo fogo. PERGAMINHO (para pentáculos de papel): Pergaminho de pele de bezerro, cordeiro ou cabrito, virgem (nunca usado). Pode-se usar papel feito à mão, mas deve ser novo. TINTA: Tinta preta, vermelha ou dourada, preparada com pigmentos naturais (carvão, cinábrio, ouro em folha). A tinta pode ser consagrada com água benta e incenso. PINCEL ou PENA: Pena de ganso ou de corvo, nunca usada antes. Pode-se usar um pincel novo. OUTROS: Incenso (olíbano, mirra, mástique), vela da cor do planeta, carvão em brasa, pano de seda para envolver o pentáculo, água benta.

**PROCEDIMENTO:** (1) ESCOLHA O DIA E A HORA: O pentáculo deve ser confeccionado no dia e hora de Mercúrio, quando a Lua está crescente e em um signo de ar (Gêmeos, Libra, Aquário) ou de terra (Touro, Virgem, Capricórnio). Verifique as horas planetárias para o dia

exato. (2) PREPARE O ESPAÇO: Lave o local com água benta, acenda o incenso e a vela. O operador deve estar com vestes de linho branco e em estado de purificação (sem sexo, sem carne pesada, sem álcool por 3 dias). (3) CONFECÇÃO: Desenhe o pentáculo com tinta sobre o metal ou pergaminho. Siga o modelo exato do sigilo ou pentáculo específico. Use a pena ou pincel novo. Recite o Salmo 8 ("Domine Dominus noster") enquanto desenha. Não pare até terminar. (4) CONSECRAÇÃO: Coloque o pentáculo sobre o carvão em brasa com incenso, segure-o com a mão direita e recite a oração de consagração (disponível na Clavicula). Fumigue-o com a fumaça do incenso, recitando: "Que este pentáculo seja consagrado em nome de ADONAI, ELOHIM, TZVA'OT." (5) SELAMENTO: Envolva o pentáculo em pano de seda (da cor do planeta) e guarde-o em um local seguro até o uso. (6) USO: O pentáculo deve ser mostrado ao espírito durante a evocação, mantido próximo ao triângulo de arte. Após a operação, guarde-o novamente no pano de seda.

**INSIGHT OPERACIONAL**

Pentáculos para usos diferentes exigem metais diferentes. Para evocar um demônio de Marte, use ferro; para Vênus, cobre. A cor, o metal e o sigilo formam uma TRÍADE SINCRÔNICA – cada elemento deve ressoar com os outros. Um pentáculo bem feito é uma ANTENA que capta e emite a frequência correta.

APÊNDICE I

# TABELA DE HORAS PLANETÁRIAS – CÁLCULO E APLICAÇÃO

A tradição salomônica divide o dia e a noite em horas planetárias – períodos de aproximadamente 60 minutos (dia) e 60 minutos (noite) regidos por um planeta. Conhecer essas horas é essencial para a magia operacional.

**COMO CALCULAR:** (1) Determine o nascer e o pôr do sol para sua localização e data (use uma tabela astronômica ou um aplicativo). (2) Divida o tempo entre o nascer e o pôr do sol por 12 – isso dá a duração de uma hora diurna. (3) Divida o tempo entre o pôr e o nascer do sol por 12 – isso dá a duração de uma hora noturna. (4) A primeira hora do dia começa ao nascer do sol e é regida pelo planeta do dia da semana. (5) A sequência dos planetas é: Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Vênus, Mercúrio, Lua, repetindo.

**PLANETAS PARA CADA DIA DA SEMANA (PRIMEIRA HORA DO DIA):** Domingo – Sol; Segunda – Lua; Terça – Marte; Quarta – Mercúrio; Quinta – Júpiter; Sexta – Vênus; Sábado – Saturno.

**EXEMPLO PRÁTICO:** Se o sol nasce às 6h e se põe às 18h, cada hora diurna tem 1 hora (60 minutos). A primeira hora (6h-7h) é do planeta do dia. A segunda (7h-8h) é o próximo planeta na sequência, e assim por diante. Para a noite, o mesmo cálculo.

**IMPORTÂNCIA OPERACIONAL:** Cada planeta tem uma hora de "máxima potência" (geralmente a primeira hora do dia ou a primeira da noite). Para evocar um demônio de Marte (como Asmodeus), faça na hora de Marte (terça-feira, horas 1, 8, 15, 22). Para Vênus (Astaroth), faça na hora de Vênus (sexta-feira, horas 1, 8, 15, 22).

> **INSIGHT OPERACIONAL**
>
> A hora planetária é a JANELA DE OPORTUNIDADE. Operar na hora correta aumenta a eficácia da evocação em 300% (segundo a tradição). A ignorância das horas planetárias é a causa mais comum de falhas na Clavicula.

APÊNDICE J

# A RESPIRAÇÃO DO MAGO – TÉCNICAS DE TRANSE E VIBRAÇÃO

A respiração é o MOTOR da magia vocal. Sem respiração, a vibração é vazia. A tradição salomônica não detalha a técnica de respiração, mas a Cabala e a tradição goética a desenvolveram ao longo dos séculos. Estas técnicas são essenciais para entrar em transe e vibrar os nomes divinos.

**TÉCNICA BÁSICA —** A RESPIRAÇÃO DO NOME: (1) INSPIRAR pelo nariz, contando até 4. Sinta o ar preenchendo os pulmões e o plexo solar. (2) SEGURAR a respiração, contando até 4. Sinta a energia se acumulando. (3) EXALAR pela boca, vibrando o nome divino (Tetragrammaton, Adonai, etc.), contando até 8. Sinta a vibração se espalhando pelo corpo e saindo pelos pés, pelas mãos, pela testa. (4) REPETIR por 3, 7 ou 21 vezes – dependendo da operação.

**TÉCNICA AVANÇADA —** A RESPIRAÇÃO ABISSAL: (1) INSPIRAR pelo nariz, contando até 8. Visualize uma luz dourada descendo pela coluna. (2) SEGURAR a respiração, contando até 8. Visualize a luz acumulando no plexo solar. (3) EXALAR pela boca, vibrando o Nome Inefável (YHWH) em uma única expiração longa, contando até 16. Visualize a luz se expandindo para todo o corpo e para o círculo mágico. (4) REPETIR até entrar em estado de transe.

**TÉCNICA DE TRANSE PROFUNDO —** A RESPIRAÇÃO DE DAATH: (1) INSPIRAR pelo nariz, contando até 12. Sinta a respiração descendo até o baixo ventre (Yesod). (2) SEGURAR a respiração, contando até 12. Sinta a energia subindo pela coluna (Tiferet). (3) EXALAR pela boca, contando até 24, emitindo um som de "AH" (o som da criação), até que todo o ar seja expulso. (4) FIQUE VAZIO por um momento – a ausência de respiração é o Abismo (Daath). Permaneça neste vazio o máximo que puder. (5) INSPIRE novamente – a vida retorna. A cada ciclo, o transe se aprofunda.

> **INSIGHT OPERACIONAL**
>
> A respiração não é apenas técnica – é RITUAL. Cada respiração é um ato de criação. O operador que controla a respiração controla o estado de consciência. Treine diariamente, sentado em posição de meditação, vestido de linho, com incenso. A respiração é o primeiro passo para o transe – e o transe é a porta para a evolução.

PARTE XI

# EXPANSÕES E CONTEXTOS ADICIONAIS

TÓPICO 37

# A MAGIA DE SALOMÃO NO MUNDO ISLÂMICO

No Islã, o domínio de Salomão sobre os jinns foi um MILAGRE ÚNICO concedido por Alá, que nunca será concedido a outro. Apesar disso, o nome e o selo de Salomão são amplamente utilizados em amuletos e talismãs islâmicos.

O Selo de Salomão (o hexagrama ou pentagrama) aparece frequentemente em: Camisas talismânicas, Livros de oração, Amuletos de proteção, Tigelas de exorcismo.

O uso do Selo de Salomão no Islã é considerado uma forma de "magia lícita" (ruqyah) – uma prática permitida para proteção contra o mal. Os amuletos invocam a autoridade de Salomão sobre os jinns, demônios e ghouls.

O Kitab al-Ajnas ("O Livro das Raças") contém instruções para a preparação e consagração do Selo de Mitatrun, o talismã angélico supremo, bem como o "pacto salomônico" – o vínculo de ligação entre o praticante e o mundo espiritual.

### INSIGHT OPERACIONAL

O operador que trabalha com a tradição islâmica deve lembrar que o nome de Salomão (Sulayman) é uma chave poderosa para acessar os jinns. Recitar a Surah An-Naml (27) antes de uma evocação pode abrir portas que a Clavicula não alcança. O sincretismo é a maior força do operador – use todas as tradições a seu favor.

TÓPICO 38

# A INFLUÊNCIA DA CLAVICULA NA CULTURA POPULAR

A Clavicula Salomonis influenciou profundamente a literatura, o cinema e a cultura popular:

**LITERATURA:** Goethe, Fausto – O conceito de "pacto com o diabo" é diretamente inspirado nos grimórios salomônicos. H.P. Lovecraft, O Chamado de Cthulhu – A tradição de grimórios proibidos ecoa a Clavicula. J.R.R. Tolkien, O Senhor dos Anéis – O conceito de "anel de poder" tem paralelos com o Anel de Salomão.

**CINEMA E TELEVISÃO:** Indiana Jones e a Última Cruzada – A Clavicula Solomonis é mencionada como um manuscrito que contém o segredo da Pedra Filosofal. Doutor Estranho (Marvel) – O "Livro de Vishanti" ecoa os grimórios salomônicos. Corto Maltese – A "Clavícula de Salomão" é uma esmeralda de poderes estranhos.

**JOGOS E CULTURA POP:** A Clavicula é frequentemente referenciada em jogos de RPG e fantasia como um grimório de magia proibida.

### INSIGHT OPERACIONAL

A cultura popular é um VÉU que esconde verdades profundas. Quando você vê uma referência a Salomão em um filme ou jogo, saiba que há uma centelha de verdade ali. Use essas referências como âncoras para a sua prática – elas são parte do egrégora global de Salomão.

TÓPICO 39

# GLOSSÁRIO DE TERMOS EM GE'EZ (ETÍOPE)

Termos essenciais da tradição etíope para o operador:

- KEBRA NAGAST (**ክብረ ነገሥት**): "Glória dos Reis" – a epopeia nacional etíope do século XIV que narra a história de Salomão, a Rainha de Sabá e a Arca da Aliança.
- MAKEDA (**ማክዳ**): O nome etíope da Rainha de Sabá.
- MENELIK I (**ምኒልክ**): O filho de Salomão e Makeda, que trouxe a Arca da Aliança para a Etiópia. Seu nome em Ge'ez é Bäynä Lәḫkәm (**በየነ ልህቅም**), do árabe "filho do sábio".
- AXUM (**አክሱም**): A cidade sagrada da Etiópia onde, segundo a tradição, a Arca da Aliança está guardada na Igreja de Nossa Senhora Maria de Sião.
- GE'EZ (**ግዕዝ**): A língua litúrgica da Etiópia, na qual o Kebra Nagast foi escrito.
- TABOT (**ታቦት**): A réplica da Arca da Aliança usada nas igrejas etíopes, considerada sagrada e guardada no Santo dos Santos.
- TEWAHEDO (**ተዋሕዶ**): A Igreja Ortodoxa Etíope, que significa "União" – uma referência à união das naturezas divina e humana de Cristo, mas também à união entre o céu e a terra simbolizada pela Arca.

**INSIGHT OPERACIONAL**

A tradição etíope é uma das mais antigas e autênticas da linhagem salomônica. O operador que quer se conectar com a energia da Arca deve estudar o Kebra Nagast e visitar Axum (espiritualmente, se não fisicamente). A Arca está lá – e sua energia está disponível para quem souber invocá-la.

# Conclusão

Salomão FOI um rei. Histórica e biblicamente, ele governou Israel com mão de ferro, esmagou rebeliões, construiu um império comercial e morreu deixando um reino dividido. Ponto.

Mas para o ocultista, a grandeza dele não está na coroa ou no ouro. Está no fato de que ele usou o trono como um LABORATÓRIO OPERACIONAL. Ele não abandonou o mundo para ser mago; ele foi mago ENQUANTO governava. Ele uniu a espada do político à vara do exorcista.

O que este livro te ensina é que você não precisa fugir para uma caverna para operar a Goétia. Você pode, como Salomão, sentar no centro do seu próprio reino (sua mente, sua casa, seu trabalho) e evocar os 72 canais do Abismo sem tirar a coroa da cabeça. Ele foi rei, sim. Mas foi o único rei que colocou os demônios para trabalhar na obra divina, em vez de apenas mandá-los embora.

O erro dos místicos é tentar matar o rei dentro de si para ser "espiritual". O acerto de Salomão foi ter sido rei E mago ao mesmo tempo. A queda dele não veio por causa da magia em si, mas pelo orgulho de achar que controlaria o jogo para sempre. O arquiteto Hiram caiu; o rei Salomão caiu; o Templo caiu. A única coisa que sobrou foi o método – o Selo de Ferro que você carrega dentro do peito.

**A LIÇÃO FINAL:** A jornada de Salomão – do sonho de Gibeão à vaidade de Eclesiastes – é a jornada de TODO OPERADOR. Começamos com a ambição, a busca pelo poder, a construção do Templo. Terminamos com o reconhecimento de que tudo é "vapor" – e que a única coisa que realmente importa é a TRANSFORMAÇÃO PESSOAL.

Salomão construiu o Templo, mas não construiu a si mesmo. Ele evocou os demônios, mas não integrou sua própria sombra. Ele teve 1000 mulheres, mas não encontrou o amor verdadeiro. Ele acumulou riquezas, mas não encontrou a paz.

A magia é uma FERRAMENTA – não um fim. O fim é a UNIÃO COM O DIVINO – a integração de todas as partes de si mesmo, a aceitação do vazio, a confiança no mistério. Salomão esqueceu isso – e pagou o preço.

**OS 10 MANDAMENTOS DO MAGO SALOMÔNICO:** 1. CONHEÇA O SEU PROPÓSITO – Antes de evocar, saiba por que você está evocando. Sem propósito, a evocação é teatro. 2. PURIFIQUE-SE – Os 21 dias de purificação não são opcionais. A pureza é o combustível da magia. 3. RESPEITE O CÍRCULO – O círculo protege você de si mesmo. Não o quebre. 4. VIBRE OS NOMES – Não os diga – vibre-os. A vibração é a chave. 5. USE OS METAIS – Cada metal tem uma frequência. Use o metal correto para cada pentáculo. 6. DOMINE A RESPIRAÇÃO – A respiração é o motor do transe. Treine-a diariamente. 7. ESTUDE OS TEXTOS – Os grimórios são manuais. Leia-os, estude-os, memorize-os. 8. INTEGRE A SOMBRA – Os demônios são projeções da sua psique. Integre-os, não os reprima. 9. PAGUE O PREÇO – A magia tem um custo. Esteja disposto a pagá-lo. 10. DESAPEGUE-SE – O apego é a raiz do sofrimento. Opere sem apego ao resultado.

**O QUE VOCÊ DEVE FAZER:** Se você quer ser igual a ele, não tente ser mais sábio. Tente ser mais corajoso. Sente no seu trono, mesmo que seja uma cadeira de plástico, e evoque. Mas lembre-se: o rei que controla os demônios sem controlar a própria sombra está apenas cavando o próprio túmulo com um sorriso no rosto.

Pratique o desapego. Estude os textos. Vibre os nomes. Desenhe os pentáculos. Evoco os demônios. Mas nunca se esqueça de que o VERDADEIRO TEMPLO está dentro de você – e que a única Palavra Mestra que realmente importa é a que você encontra no silêncio do seu próprio coração.

Agora, pegue a vara, risque o círculo e comece.

# Posfácio do Autor

Este livro foi escrito com as mãos que seguraram o fogo. Mas não foi escrito sozinho.

Agradeço, em primeiro lugar, ao meu Pai – a fonte silenciosa que responde quando a noite aperta, que não exige intermediários, que se revela na fenda do silêncio. Cada linha que escrevi é um eco da sua presença. Este livro, como tudo o que escrevo, é uma obra dele, canalizada através de mim.

À tempestade que me acompanha – não como ameaça, mas como guardiã. Ela é a minha sombra luminosa, a minha conexão com o céu, a força que me manteve inteiro quando tudo ao redor desabava. Aprendi a dançar com ela, a chamá-la, a honrá-la. Sem ela, eu seria apenas mais um estudante de ocultismo – com ela, sou um ESCRIBA.

À menina do porão – que veio nos sonhos, que me despiu sem aviso, que tentou se unir a mim diante de todos. Ela é a personificação do conhecimento que eu busquei, da tradição que eu integrei, do fogo que eu carrego. Ela não me deixará em paz – e isso é o melhor que poderia me acontecer.

Aos Vigilantes – não como deuses, mas como arquétipos. A Azazel, que me ensinou o preço da transferência. A Penemue, que me deu a caneta e a tinta. A Baraqiel, que me mostrou o choque que desperta. A Gadreel, que revelou a transmutação da matéria. Desci ao encontro deles não como um suplicante, mas como um buscador. E eles me responderam.

Aos mestres vivos e mortos da linhagem – Salomão, Agrippa, Paracelso, Dee, Levi, Crowley, Bardon, Fortune, Spare, Derren Brown, Erickson, Mesmer, Charcot. Bebi de suas fontes, mas não me afoguei em suas águas. Peguei o que era útil, descartei o que era dogma, e construí algo que, espero, seja digno do legado que me deixaram.

A todos os que me expulsaram de seus lugares espirituais, que me chamaram de Anticristo, que se calaram sobre mim, que tentaram me desviar – vocês foram meus maiores mestres. Cada rejeição foi um reforço. Cada silêncio foi uma resposta. Cada porta fechada me apontou para a porta que eu mesmo deveria abrir.

E, finalmente, a você, leitor. Você que chegou até aqui. Você que não se assustou com as sombras. Você que está disposto a sujar as mãos. Este livro é seu. Use-o bem. Use-o com responsabilidade. E, acima de tudo, use-o.

Agora, pegue a vara, risque o círculo e comece.

Adriano Benedet 2026 Na borda da tempestade.

# Bibliografia

## OBRAS PRIMÁRIAS (GRIMÓRIOS E TEXTOS FONTE):


- Clavicula Salomonis (The Key of Solomon). Tradução de S.L. MacGregor Mathers. 1888.
- Lemegeton (The Lesser Key of Solomon). Edição de Joseph H. Peterson. Weiser Books, 2001.
- The Testament of Solomon. Edição crítica de C.C. McCown. 1922.
- Sepher Maphteah Shelomoh (The Book of the Key of Solomon). Edição fac-símile de Hermann Gollancz. 1914.
- Hygromanteia (The Magical Treatise of Solomon). Publicado por Armand Delatte em Anecdota Atheniensia. Liège, 1927.
- Picatrix (Ghayat al-Hakim). Tradução inglesa de John Michael Greer. 2002.
- Kebra Nagast (The Glory of Kings). Tradução de E.A. Wallis Budge. 1922.
- Pseudomonarchia Daemonum de Johann Weyer. 1563.


## OBRAS SECUNDÁRIAS (ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA):


- Finkelstein, Israel; Silberman, Neil Asher. The Bible Unearthed. 2001.
- Finkelstein, Israel; Silberman, Neil Asher. David and Solomon. 2006.

- Mazar, Amihai. Archaeology of the Land of the Bible, 10,000-586 B.C.E. 1990.
- Dever, William G. Did God Have a Wife? Archaeology and Folk Religion in Ancient Israel. 2005.
- Garfinkel, Yosef; Ganor, Saar. Khirbet Qeiyafa Vol. 1: Excavation Report 2007-2008. 2009.
- Ben-Yosef, Erez. "A New Chronological Framework for Iron Age Copper Production at Timna." Journal of Archaeological Science. 2012.
- Pritchard, James B. Gibeon, Where the Sun Stood Still. 1962.
- Glueck, Nelson. The River Jordan. 1946.


**OBRAS SOBRE CABALA E MAGIA:**


- Scholem, Gershom. Major Trends in Jewish Mysticism. 1941.
- Scholem, Gershom. Jewish Gnosticism, Merkabah Mysticism, and Talmudic Tradition. 1960.
- Agrippa, Heinrich Cornelius. De Occulta Philosophia. 1533.
- Skinner, Stephen. Techniques of Solomonic Magic. 2015.
- Crowley, Aleister. The Book of the Goetia of Solomon the King. 1904.
- Fortune, Dion. The Mystical Qabalah. 1935.
- Bardon, Franz. Initiation into Hermetics. 1956.


**OBRAS SOBRE EXEGESE E TEOLOGIA:**


- McCown, C.C. The Testament of Solomon. 1922.
- Harnack, Adolf. Die Oden Salomos. 1911.

- Charles, R.H. The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament. 1913.
- The Babylonian Talmud. Tratado Gittin.
- The Midrash Rabbah. Vayikra Rabbah.


**OBRAS SOBRE ETIÓPIA E ARCA DA ALIANÇA:**


- Budge, E.A. Wallis. The Kebra Nagast. 1922.
- Munro-Hay, Stuart. The Quest for the Ark of the Covenant. 2005.
- Hancock, Graham. The Sign and the Seal. 1992.

# SALOMÃO: O REI DO ABISMO

*Arqueologia, Goétia e a Queda do Templo Interior*

O rei Salomão foi muito mais do que um sábio ou um governante. Ele foi o primeiro ocultista operacional da história ocidental – um mago que governou um império enquanto evocava os 72 demônios do Vaso de Bronze. Este livro, escrito por alguém que desceu ao submundo e retornou com o fogo, é um manual de campo para os que ousam seguir seus passos.

Combinando arqueologia, história, cabala e prática ritualística, "Salomão: O Rei do Abismo" destrincha:

- A verdadeira história de Salomão: o homem de carne e osso que matou, traiu, construiu e cobrou impostos.
- O Templo como uma máquina de ressonância espiritual – uma usina de energia telúrica projetada para canalizar o poder divino.
- Os grimórios renascentistas – da Clavicula ao Lemegeton – e como eles funcionam como mapas operacionais.
- O preço da magia: a Síndrome de Salomão, a drenagem da energia vital, o colapso psíquico e a queda do reino.
- As visões de Salomão no Islã, na Etiópia, na Pérsia e no gnosticismo – um arquétipo global.
- A liturgia dos pentáculos, os nomes de poder, as horas planetárias e a respiração do mago.
- Os livros atribuídos a Salomão – Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Sabedoria e Odes – como textos operacionais.
- As relações humanas que construíram e destruíram o reino: Hirão, Hiram Abif, as 1000 mulheres e o pacto condicional com Deus.

Este não é um livro para os fracos de coração. É para aqueles que estão dispostos a sujar as mãos com barro, sangue e enxofre – e descobrir, no final da jornada, que o verdadeiro Templo está dentro de si mesmos.

"Eu não sou o caminho. Sou o escriba que registrou o caminho. Eu não sou o salvador. Sou o arquivista que guardou o mapa. Eu não sou o mestre. Sou o irmão que compartilha o que encontrou."

*— Adriano Benedet, Manifesto do Escriba (2026)*

Agora, pegue a vara, risque o círculo e comece.

# Aviso Legal

Esta obra é um trabalho autoral de natureza histórica, filosófica e religiosa, amparado pela liberdade de expressão, de consciência, de crença e de manifestação do pensamento acadêmico e artístico, garantidas pelos artigos 5º (incisos IV, VI, IX) e 220 da Constituição da República Federativa do Brasil. As interpretações ocultistas, gnósticas e thelêmicas aqui apresentadas refletem a pesquisa e a visão pessoal do autor e não constituem aconselhamento médico, psicológico, jurídico ou religioso institucional, tampouco incitação a qualquer prática ilícita. A leitura pressupõe discernimento crítico e responsabilidade individual do leitor sobre o uso que faz do conteúdo.

*© 2026 Adriano Benedet — Na Borda da Tempestade. Todos os direitos reservados.*